



UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA
CENTRO DE COMUNICAÇÃO, TURISMO E ARTES
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM JORNALISMO

RELATÓRIO

FELIPE NUNES

LIVRO-REPORTAGEM: BOM DIA PARAÍBA,
A HISTÓRIA DE UM TELEJORNAL QUE JÁ NASCEU POLÍTICO

JOÃO PESSOA

2021

FELIPE NUNES

LIVRO-REPORTAGEM: BOM DIA PARAÍBA,
UMA HISTÓRIA DA COBERTURA POLÍTICA NO TELEJORNAL

Relatório apresentado ao Programa de Pós-Graduação em
Jornalismo da Universidade Federal da Paraíba (UFPB),
como requisito parcial para obtenção do título de Mestre
em Jornalismo.

Orientadora: Profa Dra Fabiana Cardoso de Siqueira

JOÃO PESSOA

2021

Catálogo na publicação
Seção de Catalogação e Classificação

N9721 Nunes, Felipe da Silva.

Livro-reportagem : Bom Dia Paraíba, a história de um telejornal que já nasceu político / Felipe da Silva Nunes. - João Pessoa, 2021.

171 f.

Orientação: Fabiana Cardoso de Siqueira.
Dissertação (Mestrado) - UFPB/CCTA.

1. Telejornalismo. 2. Livro-reportagem. 3. Política - Telejornal. 4. Bom Dia Paraíba. 5. TV Cabo Branco. 6. TV Paraíba. I. Siqueira, Fabiana Cardoso de. II. Título.

UFPB/BC

CDU 070(043)



UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA | UFPB
CENTRO DE COMUNICAÇÃO, TURISMO E ARTES | CCTA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM JORNALISMO | PPJ



ATA DE DEFESA DE DISSERTAÇÃO DE MESTRADO

Aos cinco dias do mês de fevereiro de 2021, às 10 horas, foi realizada, por videoconferência, através da plataforma Google Meet®, pelo endereço eletrônico <https://meet.google.com/dfs-uzzm-xzi>, em sessão pública, Banca de Defesa de Dissertação de Mestrado do(a) aluno(a) **FELIPE DA SILVA NUNES**, sob a matrícula 20191000020, cuja pesquisa intitula-se “**LIVRO-REPORTAGEM: BOM DIA PARAÍBA, A HISTÓRIA DE UM TELEJORNAL QUE JÁ NASCEU POLÍTICO**”, para obtenção do título de Mestre em Jornalismo pela Universidade Federal da Paraíba.

AValiação:

(X) Aprovado(a) () Reprovado(a) () Insuficiente

As observações sobre o trabalho acadêmico encontram-se no verso desta Ata.

COMISSÃO EXAMINADORA:


Profa. Dra. Fabiana Cardoso de Siqueira
Presidente


Profa. Dra. Patrícia Monteiro Cruz Mendes
Examinadora Interna


Prof. Dr. Vitor Curvelo Fontes Belém
Examinador Externo ao Programa

Observação: A presidência da Comissão certifica a presença dos demais membros.

Agradecimentos

Ao Senhor Jesus Cristo, por quem Ele é, e pela proteção em meio ao caos.

A meus pais, por todo o suporte emocional e incentivos.

À professora Fabiana Siqueira, pela paciência demonstrada e pelo otimismo compartilhado em meio ao relógio do tempo.

À banca, por ter acatado o convite para participar deste momento tão importante em minha vida acadêmica e profissional.

À TV Cabo Branco, na pessoa da editora Tatiana Ramos, pela compreensão e imediata acolhida quando solicitamos sua ajuda.

Ao Centro de Documentação da TV Cabo Branco (CEDOC), na pessoa de Cláudio Caiana, pela contribuição na medida do que poderia ter sido feito.

Aos jornalistas Nonato Guedes, Otinaldo Lourenço (in memoriam), Chico Maria, Paulo Santos, Giovani Meireles, Gisa Veiga, Arimatéa Souza e Laerte Cerqueira pela paciência, pelas memórias reveladas, pelos ensinamentos aqui resgatados e registrados.

Ao Polêmica Paraíba e ao Sistema Arapuan, pela compreensão quando precisei conciliar trabalho e mestrado. Foi difícil, mas consegui.

E a todos aqueles que contribuíram de alguma forma para este momento, seja com palavras, gestos, orações ou cuidados singelos e sinceros.

A todos os presentes, muito obrigado.

A imprensa, entre os povos livres, não é só o instrumento de vista, não é unicamente o aparelho do ver. Participa nesses organismos coletivos, de quase todas as funções vitais. É, sobretudo, mediante a publicidade que os povos respiram. Rui Barbosa. *A imprensa e o dever da verdade*. (RUI BARBOSA, 1920)

RESUMO

O presente trabalho resgata, por meio de um livro-reportagem, a história da cobertura política no Bom Dia Paraíba, telejornal exibido para todo o estado pela TV Cabo Branco e retransmitido pela TV Paraíba, ambas afiliadas da Rede Globo. O programa foi criado em 1987 e desde sua fundação, tem a temática política como uma de suas marcas. O telejornal conta com a participação, em estúdio, de jornalistas especializados na editoria, que acompanham de perto fatos marcantes da história paraibana e do telejornalismo local. O livro-reportagem foi elaborado a partir dos relatos desses profissionais que estiveram à frente das coberturas políticas ora como entrevistadores ora como comentaristas. São eles: Nonato Guedes, Otinaldo Lourenço, Chico Maria, Paulo Santos, Giovanni Meireles, Gisa Veiga, Arimatéa Souza e Laerte Cerqueira. O estudo foi subsidiado também pela busca de referencial teórico sobre jornalismo em profundidade, livro-reportagem, jornalismo político, memória e telejornalismo. Foram utilizados ainda como fonte de pesquisa: vídeos, fotografias e arquivos cedidos pelos próprios jornalistas, localizados na internet ou fornecidos pela TV Cabo Branco. Esse material auxiliou no resgate das coberturas que marcaram a história do telejornal e da Paraíba. O produto final deste trabalho mostra os bastidores das notícias sobre política contados por jornalistas que atuaram ao longo dos últimos 34 anos e também como esse campo foi retratado nesse período pelo telejornal.

Palavras-chave: Livro-reportagem; Política; Telejornalismo; Bom Dia Paraíba; TV Cabo Branco; TV Paraíba.

ABSTRACT

This paper seeks to rescue, through a book-report, the history of political coverage in Bom Dia Paraíba, a newscast aired throughout the state by TV Cabo Branco and TV Paraíba, affiliates of Rede Globo. The program was created in 1987 and since its foundation, it has the political theme as one of its brands. The news program has the participation, in the studio, of journalists specialized political topics, who follow closely important facts of Paraíba's history and local news. The book-report was elaborated from the reports of these professionals who were at the head of the coverage, either as interviewers or as commentators. They are: Nonato Guedes, Otinaldo Lourenço, Chico Maria, Paulo Santos, Giovanni Meireles, Gisa Veiga, Arimatéa Souza and Laerte Cerqueira. The study was also supported by the search for a theoretical framework on in-depth journalism, book-reporting, political journalism and television news. Videos, photographs and files provided by the journalists themselves, located on the internet or provided by TV Cabo Branco were also used as a research source. This material helped to recover the news coverage that marked the history of the news and Paraíba. The final product of this work presents how some of the main news about politics were portrayed in the program over the past 34 years, as well as the facts that marked the background of the activity carried out by journalists during that period.

Key words: Report-Book; Politics; Telejournalism; Bom Dia Paraíba; Cabo Branco TV; TV Paraíba.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	9
2 O JORNALISMO EM PROFUNDIDADE	14
2.1 A notícia, a reportagem e o livro-reportagem	20
2.2 As definições de livro-reportagem	21
2.3 Jornalismo e memória	25
3 JORNALISMO POLÍTICO	28
3.1 A cobertura política no Brasil	30
3.2 Jornalismo político no atual contexto brasileiro	31
3.3 A cobertura política televisiva na Paraíba	33
3.4 Os critérios de noticiabilidade na cobertura política	35
3.5 A cobertura política no Bom dia Paraíba	38
4 CONSTRUINDO O LIVRO-REPORTAGEM	40
4.1 Metodologia	40
4.2 Jornalistas do outro lado da história: a escolha dos entrevistados	42
4.3 O nascimento de um livro-reportagem	43
4.3.1 A realização das entrevistas.....	44
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS	53
6 REFERÊNCIAS	57
APÊNDICE A	59
APÊNDICE B	60
APÊNDICE C	96

1 INTRODUÇÃO

Como o próprio título do livro-reportagem sugere, “Bom Dia Paraíba, um telejornal que já nasceu político”, o objetivo deste trabalho é mostrar como esse telejornal local, desde sua fundação, noticiou os fatos desse campo que marcaram a história da Paraíba, a partir do olhar de quem acompanhou essa cobertura.

O telejornal exibido pela TV Cabo Branco, em João Pessoa, e retransmitido pela TV Paraíba, em Campina Grande, ambas afiliadas da Rede Globo, é um dos mais antigos do estado, tendo sido criado pouco tempo depois da fundação dessas emissoras, em 1987, no contexto de redemocratização do país. Através dele, até hoje, os fatos mais relevantes têm sido noticiados e repercutidos para os telespectadores, seja através de entrevistas, reportagens e comentários ou de entradas ao vivo (entre outros formatos da notícia), nas primeiras horas da manhã.

Inicialmente apresentado por Aldo Shcueller, e tendo os jornalistas Otinaldo Lourenço e Nonato Guedes como responsáveis pela cobertura política, o telejornal se notabilizou pelas entrevistas diárias com personalidades de destaque. Naquele início, políticos do cenário local e até nacional foram à bancada do Bom Dia Paraíba, a exemplo de Luiz Inácio Lula da Silva (PT) e Ulysses Guimarães (MDB), que se candidataram ao cargo de presidente e fizeram articulações no estado.

Ao longo dos mais de trinta anos de cobertura, fatos importantes foram noticiados. Um dos primeiros, foi a morte do ex-governador e ex-ministro João Agripino, ex-aliado da ditadura militar, que um mês antes de seu falecimento concedeu entrevista ao telejornal com informações exclusivas. A entrevista com trechos inéditos foi ao ar no dia do seu velório, em 1988, e causou enorme repercussão na época.

O atentado no restaurante Gulliver, do então governador Ronaldo Cunha Lima contra o ex-governador Antônio Burity, no ano de 1993, também teve espaço no telejornal, assim como acirramentos que dominaram e dividiram a política paraibana. Os jornalistas também acompanharam a primeira cassação de um governador do estado, Cássio Cunha Lima, do PSDB, e a repercussão da tragédia do rompimento da barragem de Acauã, no brejo paraibano,

que provocou mortes e deixou milhares de pessoas desabrigadas, mobilizando autoridades políticas¹.

O telejornal também mostrou, ao vivo, operações policiais que mudaram o rumo da política estadual, a exemplo da Operação Calvário, que culminou na prisão preventiva de um ex-governador (Ricardo Coutinho, do PSB), e da Operação Xeque-Mate, que desarticulou um esquema de corrupção no município de Cabedelo, na região metropolitana de João Pessoa, envolvendo a Prefeitura, a Câmara Municipal de Vereadores e empresários.

Levando esses exemplos em consideração, o presente trabalho mostra, a partir de um livro-reportagem, como foi a cobertura dos fatos que marcaram a Paraíba, a partir da memória dos jornalistas que cobriram isso na bancada do telejornal. Para isso, levamos em conta os contextos desses fatos, partindo do pressuposto de que, à medida que noticiou os fatos, o Bom Dia Paraíba tornou-se parte da história política do estado.

Para a concretização deste trabalho, fizemos entrevistas com jornalistas (comentaristas e entrevistadores) que fizeram parte, especificamente, da cobertura política ao longo de 34 anos de existência do telejornal: Nonato Guedes, Otinaldo Lourenço, Chico Maria, Paulo Santos, Giovanni Meireles, Gisa Veiga, Arimatéa Souza e Laerte Cerqueira. Todos eles apresentaram relatos de episódios que marcaram o jornalismo paraibano.

Na Paraíba, a política é um ingrediente presente na edição local do Bom Dia. Na maior parte do tempo, o telejornal contou com a participação de um comentarista em estúdio, responsável por interpretar os acontecimentos para os telespectadores. É algo que não é comum nas demais edições regionais feitas pela própria Rede Globo ou afiliadas. Para comprovar o que empiricamente já tínhamos certo conhecimento, fizemos um levantamento, em junho de 2020, na plataforma de vídeos da Rede Globo, na internet, a GloboPlay. De todos os telejornais intitulados de “Bom Dia” e exibidos no mesmo horário, nos estados do Nordeste (Rio Grande do Norte, Pernambuco, Ceará, Maranhão, Piauí, Paraíba, Alagoas, Sergipe e Bahia), nenhum, exceto o telejornal paraibano, dispõe de um comentarista no estúdio para tratar de política, embora tenha em seu conteúdo temas relativos a isso.

Em âmbito estadual, o destaque para o noticiário político não é uma exclusividade apenas das TVs Cabo Branco e Paraíba. Atualmente, a maior parte das emissoras no estado

¹ Os detalhes dessas histórias encontram-se no livro-reportagem.

destina parte de suas programações para o noticiário voltado a essa temática, seja em programas voltados especificamente para essa editoria ou com a presença de comentaristas em estúdio ou com o uso de reportagens dentro dos telejornais².

O interesse por pesquisar assuntos que unam política e jornalismo não vem de hoje, mas é algo que nos move enquanto estudante, pesquisador e profissional que atua na área. Atualmente, o autor deste trabalho exerce a função de repórter da editoria de política no Sistema Arapuan, afiliado à RedeTV, na Paraíba. Nesse ofício, o mesmo acompanha mais de perto os bastidores da cobertura, o que despertou ainda mais a curiosidade sobre o passado, tanto da política quanto do jornalismo paraibano.

Além disso, em 2017, ainda enquanto estagiário da TV Cabo Branco, elaboramos um estudo sobre o Bom Dia Paraíba como Trabalho de Conclusão do Curso de Jornalismo, na Universidade Federal da Paraíba. A pesquisa foi realizada com um direcionamento mais específico, mostrando que naquele ano o programa chegou a ficar sem a presença de um comentarista, quando o mesmo se ausentou para concluir o doutorado no exterior, fato que deixou o noticiário político sem o ingrediente interpretativo³.

Em relação aos aspectos metodológicos do atual trabalho, quanto à abordagem, trata-se de uma pesquisa qualitativa, pois se preocupa em descrever, qualitativamente, fatos históricos do jornalismo paraibano. Quanto à natureza, trata-se de uma pesquisa básica, que tem como foco reunir dados sobre a história da mídia em âmbito regional. Quanto aos objetivos, a pesquisa se configura como descritiva, pois descreve fatos a partir de depoimentos de jornalistas.

O presente trabalho foi elaborado a partir de três etapas principais. Primeiro, foi feita uma pesquisa bibliográfica sobre os conceitos de jornalismo político, jornalismo em profundidade, memória, livro-reportagem e telejornalismo. Depois, foram elaboradas entrevistas do tipo semiestruturadas⁴ com jornalistas que fizeram parte da cobertura do Bom

² Isso é detalhado no capítulo 3.

³ O Bom Dia Paraíba ficou sem comentarista durante o período em que o jornalista Laerte Cerqueira se ausentou do telejornal para concluir seu doutorado, na Espanha. Falaremos sobre este período no capítulo 4.

⁴ Nesta modalidade, a entrevista contempla perguntas pré-estabelecidas, mas que podem ser modificadas ou até mesmo alteradas durante a condução do processo. O entrevistador tem maior liberdade para guiar as questões durante a entrevista, podendo ou não seguir a ordem das perguntas preparadas de antemão para o entrevistado.

Dia Paraíba, após um contato prévio com cada um deles. Foi feita, também, uma pesquisa documental.

O objetivo das entrevistas com os jornalistas foi conhecer detalhes sobre o trabalho que eles desenvolveram no Bom Dia Paraíba e os bastidores da cobertura política que marcaram cada período. A entrevista, por si só, é um instrumento imprescindível à prática do jornalismo e da pesquisa científica. É através desse método que os profissionais da imprensa colhem as informações que vão compor uma notícia, uma reportagem ou qualquer outro produto jornalístico. Do mesmo modo, a entrevista serve para pesquisadores levantarem informações sobre determinado assunto estudado no âmbito acadêmico. Exatamente por isso escolhemos essa ferramenta metodológica.

Já a pesquisa documental foi realizada nos arquivos pessoais dos próprios jornalistas, na internet e também no Centro de Documentação da TV Cabo Branco (CEDOC), que abriga os arquivos audiovisuais da emissora.

Como já mencionado, o atual estudo se debruça sobre episódios que marcaram a cobertura política no Bom Dia Paraíba nos 34 anos de existência do telejornal. Os episódios descritos no livro-reportagem foram escolhidos a partir das entrevistas com os jornalistas que fizeram parte da pesquisa, já citados anteriormente.

Foram fundamentais para o trabalho contributos teóricos de pesquisadores como Martins (2013), Seabra (2015), Cook (2011), Marcondes Filho (2000), Traquina (2005), dentre outros que traçam perspectivas sobre a correlação histórica entre os conceitos de política e jornalismo, mas também de autores como Porto (2004) e Fausto Neto (2004) que mostram, respectivamente, como os enquadramentos e discursos jornalísticos podem ser interpretados de forma política.

No capítulo a seguir, descrevemos o conceito de jornalismo em profundidade, explicando suas origens e desdobramentos e as perspectivas de diferentes autores, como Lima (2009) e Pena (2019), sobre os formatos noticiosos que surgiram a partir deste modelo de jornalismo, com destaque para o livro-reportagem. Abordamos ainda reflexões sobre conceitos como objetividade, subjetividade e fidedignidade da notícia.

No capítulo três, nosso foco é o conceito de jornalismo político, tido como a editoria que se debruça sobre os assuntos relacionados aos três poderes: executivo, legislativo e judiciário. Realizamos um apanhado de como o jornalismo interagiu com a política ao longo

do tempo e trazemos a perspectiva de diferentes autores sobre este assunto. Uma das correntes defende como ideal um jornalismo mais engajado com as causas políticas, tido como “esclarecedor”, enquanto a outra vê com mais simpatia o distanciamento dos fatos em relação às questões partidárias, fenômeno observado a partir do surgimento dos grandes veículos de comunicação e da notícia como produto. Há ainda a perspectiva de que a política é intrínseca ao jornalismo, a exemplo do que ocorre com os enquadramentos noticiosos.

No capítulo quatro, apresentamos outros aspectos do percurso metodológico do trabalho, no qual apontamos as etapas de elaboração do livro-reportagem sobre a história da cobertura política no telejornal Bom Dia Paraíba. Nesse capítulo, damos destaque ao processo de planejamento e execução das entrevistas realizadas com os jornalistas que fizeram parte da cobertura aqui estudada e, por fim, apresentamos as considerações finais deste trabalho.

2 O JORNALISMO EM PROFUNDIDADE

Assim como não existe consenso sobre o conceito de jornalismo, tampouco há uma definição exata para o significado de jornalismo em profundidade. Genericamente, porém, entende-se isto como um exercício do jornalismo mais amplo, mais contextualizado e com características estéticas oriundas da literatura.

Trata-se de um formato “oposto” ao jornalismo objetivo (composto basicamente de um *lead*⁵ e um texto descritivo, impessoal e informativo), com aprofundamento, interpretação, contextualização, utilização de múltiplas testemunhas, etc. Para este modelo, há várias definições, sendo *new journalism* (novo jornalismo) uma das principais referências.

Apesar deste ter sido um fenômeno que ganhou força e se expandiu no século XX, algumas características deste modelo eram observadas antes mesmo do jornalismo enquanto profissão, como o conhecemos hoje. Marcondes Filho (2000) traça uma linha do tempo na qual subdivide o jornalismo em quatro fases e aponta ligações da atividade jornalística com os conceitos de política e literatura.

Conforme aponta o autor, na primeira fase do jornalismo, compreendida entre os anos de 1789 à metade do século XIX, o jornalismo era basicamente político-literário. Servia para defender bandeiras ideológicas e pontos de vistas partidários muito bem delineados. Nesta época, os jornais eram dirigidos por políticos e intelectuais que viam no veículo um meio de propaganda. Os textos eram histórias contadas sob um forte viés literário e partidário.

Conforme Marcondes Filho (2000, p. 12), “nessa época do jornalismo literário, os fins econômicos vão para o segundo plano. Os jornais são escritos com fins pedagógicos e de formação política”.

Já na segunda fase do jornalismo, situada no contexto de inovação tecnológica na produção dos jornais, a partir da segunda metade do século XIX, a atividade é “obrigada” a buscar uma audiência maior, bancar e promover sua sustentação. Assim, o jornalismo se afasta cada vez mais da politização e passa a almejar o ideal da objetividade. Conforme Marcondes

⁵ Em linhas gerais, o primeiro parágrafo da notícia, que introduz ao leitor o resumo daquilo que está sendo informado. Geralmente, responde a cinco perguntas básicas: o que, onde, quando, por que e como.

Filho (2000, p.14), “a tendência é a de fazer do jornal progressivamente um amontoado de comunicações publicitárias permeadas de notícias”.

Marcondes Filho (2000) descreve a terceira fase, compreendida no século XX, como àquela marcada pelo surgimento dos grandes monopólios de comunicação e pela descaracterização do jornalismo: havia decadência, falta de engajamento e uma deformação alimentada pela indústria publicitária.

Já a quarta fase do jornalismo é entendida como uma época marcada por informação eletrônica, interativa e pela tecnologia. É nesta última que o jornalismo da atualidade está inserido. Uma atividade multimídia e instantânea.

Observando, portanto, de forma panorâmica essa “evolução”, percebe-se que o jornalismo perdeu ao longo do tempo a característica literária em detrimento de um texto direto, objetivo e enxuto, atendendo às demandas capitalistas e de uma sociedade cada vez mais imediatista.

Para Marcondes Filho (2000), nesta perspectiva de jornalismo,

A tecnologia imprime seu ritmo e sua lógica às relações de trabalho, definindo os novos profissionais, a nova ética do trabalho, em suma, em outro mundo, que mal deixa entrever os sinais do que se convencionou chamar no passado de “jornalismo” (MARCONDES FILHO, 2000, p. 32).

Sobre o distanciamento do jornalismo da política, Traquina (2005) parece ter uma visão mais otimista. Para ele, as novas formas de financiamento da imprensa, permitiram a despolitização do jornalismo e sua independência em relação aos partidos políticos, possibilitando a concretização de uma atividade que prima pelos fatos e mais distante da pressão dos interesses políticos.

A prática objetiva do jornalismo, centrada nos fatos e na objetividade, foi alvo de críticas no século XX, em todo o mundo. Num contexto de intensos conflitos mundiais e guerras, houve quem buscou fazer um jornalismo humanizado, aprofundado e preocupado com as questões relativas aos direitos humanos e à sociedade. Assim, surgiu o que ficou conhecido como “novo jornalismo”.

Conforme lembra Xavier (2010), até o ano de 1920 não havia a prática do jornalismo literário nas redações, fato que mudou após o surgimento da revista New Yorker, em 1925, que publicava perfis elaborados com técnicas literárias. Foi a revista New Yorker que lançou

autores como Truman Capote, que veio a escrever posteriormente o clássico “A Sangue Frio”; e John Hersey, autor do livro “Hiroshima”.

Não há, desde então, uma harmonia entre as correntes de pensamento que se debruçam sobre esse estilo jornalístico. Pena (2006) propõe a sistematização desse estilo jornalístico em sub-gêneros, a saber: o *new journalism* americano, o jornalismo gonzo e a ficção jornalística. Tais sub-gêneros foram se estabelecendo ao longo do século XX. Levando em consideração características em comum entre as diferentes correntes e definições, Pena (2006) descreve que o objetivo do jornalismo literário é

potencializar os recursos do jornalismo, ultrapassar os limites dos acontecimentos cotidianos, proporcionar visões amplas da realidade, exercer plenamente a cidadania, romper as correntes burocráticas do lide, (...) e, principalmente, garantir perenidade e profundidade aos relatos. No dia seguinte, o texto deve servir para algo mais do que simplesmente embrulhar o peixe na feira (PENA, 2006, p. 5).

O jornalista e escritor Edvaldo Pereira Lima (2013) elaborou uma classificação sobre os conceitos de jornalismo e literatura, inclusive com definições criadas por ele próprio. Para o autor, existem as seguintes categorias dentro deste campo: ensaio pessoal, escrita total, histórias de vida, jornada do herói, jornalismo gonzo, jornalismo literário, jornalismo literário avançado, jornalismo literário de viagem, literatura da realidade, livro reportagem, memórias, narrativas de transformação, novo jornalismo e perfil. Como se percebe, há uma infinidade de tópicos dentro do jornalismo em profundidade, embora todos tenham algumas características entre si.

O **Quadro 1**, a seguir, foi elaborado por Lima (2013) e mostra as definições que o autor traz para cada um desses tópicos:

Quadro 1 – Categorias do jornalismo em profundidade

Categoria	Definição
Ensaio pessoal	Gênero emergente na Literatura da Realidade norte-americana. Mescla narrativa e reflexão dissertativa de tom pessoal, não acadêmico. O autor pode ser também personagem. Está envolvido de algum modo no acontecimento que dá origem ao texto e/ou assume posição clara nas reflexões associadas. O assunto abordado e o tema subjacente têm significado pessoal para o autor. Tanto a voz autoral quanto a imersão constituem qualidades desejáveis. Exemplo: O Ano do Pensamento Mágico, de Joan Didion (editora Nova Fronteira).

Escrita total	Método intuitivo de produção de textos criativos, desenvolvido por Lima, alicerçado também em princípios que procedem do conceito de neuroplasticidade, da Teoria dos Hemisférios Cerebrais - cuja comprovação garantiu o Prêmio Nobel de Medicina e Fisiologia de 1981 ao neuropsicólogo Roger Sperry -, do Jornalismo Literário (JL), da teoria literária, da psicologia humanista e de outros campos. Utilizado, na pós-graduação em JL como ferramenta de sensibilização, pauta, observação e produção de textos.
Histórias de Vida	Este é um recurso de representação de histórias reais centrado em vidas de pessoas individuais ou grupos sociais. Surge como trabalho autobiográfico, de suporte de pesquisa ou de principal veio narrativo. Sob guarda-chuva conceitual amplo, num extremo abrange biografias e noutro, perfis. Em ciências sociais, Histórias de Vida é método de pesquisa.
Jornada de Herói	Estrutura narrativa organizada numa combinação de estudos mitológicos de Joseph Campbell e da psicologia de Carl Gustav Jung, por Christopher Vogler, consultor de roteiros de cinema nos Estados Unidos. Utilizada por Spielberg e George Lucas. Adaptada para narrativas do real por Lima. Testada no ensino de jornalismo por Monica Martinez em tese de doutorado na ECA/USP. Publicada em livro – Jornada do Herói - pela Annablume/Fapesp, 2008.
Jornalismo Gonzo	Vertente peculiar do Novo Jornalismo, criada e popularizada por Hunter S. Thompson através de sua produção para a mídia periódica e livros-reportagem. Consiste no envolvimento altamente pessoal e irreverente do repórter nos temas sobre os quais escreve, traduzido em forma narrativa excêntrica. Transporta um olhar crítico sobre a realidade. Busca um modo de expressar a realidade muito apoiado na habilidade descritiva do autor.
Jornalismo Literário	Modalidade de prática da reportagem de profundidade e do ensaio jornalístico utilizando recursos de observação e redação originários da (ou inspirados pela) literatura. Traços básicos: imersão do repórter na realidade, voz autoral, estilo, precisão de dados e informações, uso de símbolos (inclusive metáforas), digressão e humanização. Abrange distintos formatos narrativos, como o perfil e a reportagem temática, assim como seu estilo é aplicado na produção de narrativas de viagem, biografias, ensaio pessoal e outros formatos. É um fenômeno universal, embora tenha se consolidado melhor nos Estados Unidos. No Brasil, foram precursores Euclides da Cunha e João do Rio. Modalidade

	conhecida também como Jornalismo Narrativo, Literatura da Realidade, Literatura Criativa de Não Ficção.
Jornalismo Literário Avançado	Proposta conceitual e metodológica de prática proativa do Jornalismo Literário, delineada por Lima, incorporando conhecimentos de vanguarda provenientes de vários campos, como a psicologia humanista, a física quântica, a Teoria Gaia, a Teoria Geral de Sistemas. Instrumentos: histórias de vida organizadas em torno da Jornada do Herói e o método Escrita Total. Adota abordagem transdisciplinar.
Jornalismo Literário de Viagem	Termo cunhado por Lima para designar narrativas de não-ficção sobre viagens produzidas em estilo de Jornalismo Literário. Formato bastante popular nos Estados Unidos e na Inglaterra, principalmente em livros, desdobra-se em tipos distintos, conforme a proposta editorial da obra, como deslocamento, Natureza e jornada interior. No Brasil, é ainda pouco aproveitado por escritores nacionais, mas há traduções de autores clássicos desse gênero, como Ryszard Kapuscinski e Terziano Terzani. Mais do que em outras formas narrativas do JL, exige presença marcante do autor também como personagem, muitas vezes como protagonista. Tem caráter biográfico e está associado simbolicamente à ideia de aventura. Promete implicitamente ao leitor, mais do que uma leitura, uma viagem sensorial pelas experiências vividas pelo autor. Por isso, é natural, no gênero, a produção de textos esteticamente bem desenvolvidos, com a utilização de inúmeros recursos do arsenal narrativo disponível ao Jornalismo Literário. Sua origem remota está ligada a narrativas mitológicas e a origem mais moderna, do século XIX para cá, é considerada uma das raízes históricas do próprio JL contemporâneo. Exemplo brasileiro: Colômbia Espelho América 26, de Lima, publicado pelo sistema editorial Clube de Autores – www.clubedeautores.com.br – em 2013.
Literatura da Realidade	Sinônimo de Jornalismo Literário, Literatura de Não-Ficção, Literatura Criativa de Não Ficção. Aplica-se à prática da narrativa sobre temas reais, empregando reportagem - o ato de relatar ocorrências sociais - sob um conceito espaço-temporal e de método mais amplo do que nos periódicos. Praticada por jornalistas, escritores, historiadores e cientistas sociais.
Livro-reportagem	Veículo jornalístico impresso não-periódico contendo matéria produzida em formato de reportagem, grande-reportagem ou ensaio. Caracteriza-se pela autoria e pela liberdade de pauta, captação, texto e edição com que os autores podem trabalhar. Entre os tipos de livros-reportagem mais comuns estão a reportagem biográfica, o livro-reportagem-denúncia e o

	livro-reportagem-história. É um veículo talhado por excelência para a prática do Jornalismo Literário.
Memórias	Textos biográficos da Literatura da Realidade caracterizados pelo resgate narrativo de episódios marcantes da história de uma pessoa, muitas vezes envolvendo um ciclo definido de sua vida, como a infância, a adolescência, o início da vida adulta e assim por diante. Ao contrário da biografia, portanto, não focaliza toda a vida do protagonista, mas períodos definidos. A autoria pode ser do próprio protagonista ou de terceiros. A história do personagem geralmente espelha também um contexto histórico, social, cultural. O gênero passou por extraordinária renovação de qualidade com <i>As Cinzas de Angela</i> , de Frank McCourt, vencedor nos Estados Unidos do Prêmio Pulitzer, também transformado em filme. O livro, escrito na maturidade do autor, já aposentado como professor, conta sua infância nas décadas de 1930 e 1940 na Irlanda. O lance de gênio de McCourt foi narrar a história na voz da criança (ele próprio) que experimentou os dramas e as situações hilárias de crescer numa família disfuncional, em meio a extrema pobreza.
Narrativas de Transformação	Proposta de utilização proativa do Jornalismo Literário, do Jornalismo Literário Avançado e da Literatura da Realidade em processos narrativos visando contribuir para a transformação da sociedade através da ampliação da consciência das pessoas. Conceitos-chave: a co-criação da realidade, a Teoria dos Campos Morfogênicos e o pensamento produtivo complexo.
Novo Jornalismo	Fase histórica e efervescente de renovação do Jornalismo Literário (JL) nas décadas de 1960 e 1970 nos Estados Unidos, caracterizada pela introdução de novas técnicas narrativas (fluxo de consciência e ponto de vista autobiográfico), grande exposição pública e popularidade, reivindicação de qualidade equivalente à literatura. Abundantemente praticada em revistas de reportagem especializadas em JL, publicações alternativas, livros-reportagem e até mesmo em veículos da grande imprensa. Registra a ascensão para a fama de grandes mestres da narrativa do real, como Gay Talese e Tom Wolfe, assim como o salto para a produção de não-ficção de nomes consagrados da literatura, como Norman Mailer e Truman Capote. No Brasil, a coleção <i>Jornalismo Literário da Companhia das Letras</i> tem publicado vários títulos clássicos desse período.
Perfil	Gênero de origem incerta, desenvolvido, aperfeiçoado e disseminado para todo o jornalismo a partir da década de 1920 na revista <i>The New Yorker</i> , nos Estados Unidos. Busca traçar um retrato detalhado de personagens famosos ou anônimos, individualizando a compreensão mais ampla possível do ser humano em destaque em cada matéria. Nos melhores casos,

	intuitiva ou conscientemente, os bons autores de perfis fazem uma leitura dos personagens que revelam características psicológicas e comportamentais importantes, além dos aspectos mais concretos do que fazem e como vivem. Expõem, assim, a complexidade real típica de uma vida humana, rompendo os estereótipos limitantes que normalmente camuflam as pessoas nos veículos de comunicação de massa. Teve um salto de qualidade histórico com Frank Sinatra Está Resfriado, de Gay Talese, publicado originalmente em abril de 1966 na revista Esquire, reproduzido em seu livro Fama & Anonimato (Companhia das Letras).
--	--

Fonte: LIMA (2013)

Como se observa a partir das definições acima, e levando em consideração as contribuições dos autores já citados, há peculiaridades inerentes a cada modelo de jornalismo em profundidade ou literário, mas todos têm, em sua essência, a contextualização do fato e a singularidade literária que ultrapassa o conceito de objetividade.

2.1 A notícia, a reportagem e o livro-reportagem

Antes de adentrar às definições propriamente ditas do livro-reportagem, vale destacar que uma das maneiras de se observar e sistematizar a atividade jornalística é entendê-la a partir dos conceitos de gênero e de formato.

Tal corrente de pensamento é resultado de premissas baseadas em estudos linguísticos e comunicacionais que, no campo jornalístico, visam compreender como as informações são reproduzidas do ponto de vista da estética e do conteúdo.

Esse entendimento fica claro na visão de alguns estudiosos desse campo. Para Seixas (2009, p. 71), “aprender a fazer jornalismo é aprender a produzir gêneros jornalísticos”. Tendo uma compreensão um pouco diferente, Bahktin (1986, p. 60 apud ASSIS; MARQUES DE MELO, 2016, p.43) define gêneros como sendo “[...] tipos relativamente estáveis de expressões linguísticas [...] que se refletem na forma, no conteúdo e na estrutura”.

Assis e Marques de Melo (2016) reafirmam as hipóteses de gêneros jornalísticos baseados na função social dos meios de comunicação, dividindo-os em gêneros e formas de expressão (formatos).

Os referidos autores classificam os gêneros jornalísticos em: informativo, opinativo, interpretativo, diversional e utilitário. Eles também subdividem tais gêneros em formatos, que eles definem como sendo “o feitiço de construção da informação transmitida pela mídia” (ASSIS; MARQUES DE MELO, 2016, p. 50).

Destacamos para fins desta pesquisa, dois formatos atrelados ao gênero informativo e que têm a ver com o assunto em questão: a notícia e a reportagem. A notícia é compreendida como a matéria-prima do jornalismo. É ela que apresenta ao leitor as informações básicas para a compreensão de um fato. “Narrado em ‘pirâmide invertida’, compõem-se em duas partes: “cabeça” (*lead*) e corpo (*body*). Privilegia o “clímax” (sensação) evitando a “cronologia” (nariz de cera) (ASSIS; MARQUES DE MELO, 2016).

Já a reportagem é entendida como um relato mais ampliado da notícia, que traz à luz outras nuances da informação, contextualiza o acontecimento, traz a versão de testemunhas e exige do jornalista uma descrição mais detalhada do fato. É um formato mais completo e estruturalmente maior que a notícia. “Trata-se do aprofundamento dos fatos de maior interesse público que exigem descrições do repórter sobre o ‘modo’, o ‘lugar’ e ‘tempo’, além da captação das ‘versões’ dos ‘agentes’ (ASSIS; MARQUES DE MELO, 2016, p. 55).

Lima (2009) atrela à reportagem o gênero jornalístico interpretativo, resultado de aspirações sociais que não se conformavam com o relato resumido das notícias durante a Primeira Guerra Mundial. “A imprensa estava muito presa aos fatos, ao relato das ocorrências, mas era incapaz de costurar uma ligação entre eles, de modo a revelar ao leitor o sentido e o rumo dos acontecimentos” (LIMA, 2009, p.19).

Com isso, surge desde então, em todo o mundo, a necessidade da prática de um jornalismo de maior qualidade, que busca não deixar a audiência sem meios para compreender as causas, as origens e as consequências dos acontecimentos presentes. Para este fim, a interpretação incorpora ao jornalismo características como o contexto, os antecedentes, a projeção e o perfil (humanização da reportagem) (LIMA, 2009, p. 20).

2.2 As definições de livro-reportagem

Compreendidas as diferenças entre os conceitos de notícia e reportagem, o livro-reportagem pode ser entendido como um ‘veículo’ no qual se reproduz uma extensa

reportagem jornalística. É típico deste produto jornalístico o transbordamento dos limites físicos e editoriais de uma reportagem veiculada em jornal impresso, rádio, televisões ou revistas (espaços mais propícios para textos limitados por condições como espaço, linha editorial, tempo e outros fatores).

Frequentemente, este veículo é utilizado para retratar problemas crônicos existentes na sociedade, a exemplo da corrupção, investigações policiais, violência, dentre outros assuntos. Nas palavras de Lima (2009), o livro-reportagem “desempenha um papel específico, de prestar informação ampliada sobre fatos, situações e ideias de relevância social, abarcando uma variedade temática expressiva” (LIMA, 2009, p. 1).

Levando em consideração o contexto conceitual no qual está inserido o livro-reportagem, Lima (2009) também atribui a este meio a definição de “subsistema do sistema jornalismo”. Para chegar a esta conclusão, leva em consideração, por exemplo, a função exercida pelo livro-reportagem, que muito se assemelha à essência do jornalismo: informar, orientar e interpretar fatos reais - embora que de maneira mais aprofundada.

Outro caminho que leva à compreensão do conceito de livro-reportagem são os gêneros jornalísticos sob a ótica de Assis e Marques de Melo (2016). Como já dito, eles compreendem os gêneros jornalísticos com base nas suas funções sociais, e os subdividem em formatos. Segundo a ótica dos autores, a notícia é o formato básico do gênero informativo (que apresenta as informações necessárias para a compreensão dos acontecimentos), enquanto a reportagem é um relato mais apurado e contextualizado do fato narrado, apontando caminhos, distintas versões, interpretações etc.

Trocando em miúdos, o livro-reportagem é um meio no qual está inserida uma reportagem jornalística ampla, com menos restrições físicas e editoriais do que em veículos tradicionais de mídia.

Baseado na ideia de que a reportagem contém o viés interpretativo da informação, Lima (2000, p. 26) define o livro-reportagem como sendo “o veículo de comunicação impressa não periódico que apresenta graus de amplitude superior ao tratamento costumeiro nos meios de comunicação jornalística periódicas”.

O produto também pode ser diferenciado dos veículos tradicionais pelo fato de não apresentar periodicidade e quase sempre possui caráter monográfico. O conceito de “atualidade” presente no texto jornalístico, neste caso, deve ser compreendido com maior

elasticidade, isto é, observado a partir de um contexto de tempo maior e de um contexto social mais amplo que àquele geralmente delimitado em uma reportagem comum.

Levando em consideração a variedade de livros-reportagens (diferentes linhas temáticas e modelos de tratamento narrativo), Lima (2009) estabeleceu uma sistematização que classifica estes veículos nos seguintes grupos, que podem ser observados no **Quadro 2**.

Quadro 2 - Grupos de livros-reportagem e suas respectivas definições.

Tipo de livro-reportagem	Definição
Livro-reportagem perfil	Trata-se da obra que procura evidenciar o lado humano de uma personalidade pública ou de uma personagem anônima que, por algum motivo, torna-se de interesse.
Livro-reportagem depoimento	Reconstitui um acontecimento relevante, de acordo com a visão de um participante ou de uma testemunha privilegiada.
Livro-reportagem retrato	Exerce papel parecido, em princípio, ao do livro-perfil. Mas, ao contrário deste, não focaliza uma figura humana, mas sim uma região geográfica, um setor da sociedade, um segmento da atividade econômica, procurando traçar o retrato do objeto em questão.
Livro-reportagem ciência	Serve ao propósito de divulgação científica, geralmente em torno de um tema específico. Pode também apresentar caráter de crítica ou reflexão.
Livro-reportagem ambiente	Vincula-se às causas ambientalista, às causas ecológicas.
Livro-reportagem-história	Focaliza um tema do passado recente ou algo mais distante no tempo. O tema, porém, tem em geral algum tipo de elemento que o conecta com o presente.
Livro-reportagem-instantâneo	Debruça-se sobre um fato recém concluído, cujos contornos finais já podem ser identificados. Atém-se basicamente ao fato nuclear, mas pode inserir algo de sua amplitude, de seus desdobramentos no futuro.
Livro-reportagem-atualidade	Também aborda um tema atual, como faz um livro instantâneo. Mas apresenta uma diferença peculiar: seleciona os temas atuais dotados de maior perenidade no tempo, mas cujos desdobramentos finais ainda não são conhecidos.
Livro-reportagem-antologia	Cumprir a tarefa de reunir reportagens agrupadas sob os mais distintos critérios, previamente publicadas na imprensa cotidiana ou até mesmo em outros livros.
Livro-reportagem-denúncia	Com propósito investigativo, esse livro apela para o clamor pelas injustiças, contra os desmandos dos governos, os abusos das entidades privadas (...), focalizando casos marcados pelo

escândalo.

Fonte: Lima (2009)

Como pode ser constatado, há uma diversidade de livros-reportagens, e embora haja características que os diferenciam entre si, também há pontos de intersecção entre eles. A própria ideia de reportagem em profundidade é um desses pontos em comum.

Há características ligadas ao ponto de vista de quem conta, do tempo em que o fato está localizado ou até mesmo do assunto abordado. De toda forma, não é possível separá-los definitivamente sem que não haja ligação entre eles. São exemplos de modelos que se assemelham o de “perfil” e o de “retrato” e o livro de “atualidade” e o “instantâneo”.

O trabalho aplicado aqui está mais ligado ao modelo livro-reportagem-depoimento, pois o objetivo é recontar episódios da história política da Paraíba com base em depoimentos de jornalistas. Também há ligações com o livro-reportagem-história, já que os temas abordados têm reflexos políticos que se desenrolam até os dias atuais.

O livro mostra como o telejornal Bom Dia Paraíba cobriu os principais fatos políticos que marcaram a história do estado, com base no depoimento de jornalistas que fizeram parte dessas coberturas. Ao mesmo tempo, esses profissionais contam os bastidores do trabalho, de modo que o leitor tem uma ideia não só do fato narrado, mas também de como ele foi retratado na época dentro do telejornal.

Como um dos exemplos mais recentes de livro-reportagem, podemos citar o livro “Lava-Jato e o Juiz Sérgio Moro: os bastidores da operação que abalou o Brasil” (NETO, 2016). Esse trabalho resgata momentos da operação policial que descobriu um esquema de desvio de recursos públicos na Petrobrás. O livro tem como base o resgate da história, realizado através do depoimento de personagens desta operação policial, passando pelo juiz responsável pelas sentenças até os delatores e delatados no escândalo.

A diferença, porém, é que enquanto o livro sobre a Lava-Jato retrata acontecimentos dentro de um mesmo enredo e em um curto espaço de tempo, o livro-reportagem construído aqui alcança episódios que aconteceram em um intervalo de 34 anos de criação do objeto de estudo do trabalho.

No quesito telejornalismo e política, o livro-reportagem “O diário de bordo do JN no Ar”, de Ernesto Paglia, resgata a história de um dos projetos de cobertura jornalística mais

ousados da televisão brasileira. A equipe do Jornal Nacional cruzou os céus do Brasil, durante as eleições de 2010, para fazer um diagnóstico dos principais problemas encontrados em todas as regiões do país. Para escrever o produto, o jornalista se utilizou de memórias que ele escreveu durante toda a viagem.

As anotações de Paglia (2011) serviram de combustível para construir as histórias narradas no livro-reportagem. Nesse caso, o produto pode ser enquadrado nos modelos de livro-reportagem-depoimento (com memórias do próprio autor), e livro-reportagem-denúncia, que apresentou mazelas sociais e histórias de vida de pessoas esquecidas pelo poder público. Há outros livros-reportagens que poderiam ser aqui citados, mas este não é o objetivo do trabalho. A seguir vamos tratar de outras questões pertinentes a este estudo.

2.3 Jornalismo e memória

Muito embora as discussões sobre o jornalismo já tenham uma trajetória acadêmica de pelo menos 100 anos, não há um consenso científico em torno dos seus limites e significados. Nesse contexto, outro ponto fundamental em discussão é o papel da imprensa enquanto “construtora” da história e da memória.

Mesmo sendo o papel do jornalismo informar sobre os fatos que acontecem no cotidiano, muitas vezes em tempo real, através das plataformas digitais e meios de comunicação de massa, o mesmo também pode ser encarado como partícipe da construção da história.

Isso porque para autores como Palácios (2009), o jornalismo é ao mesmo tempo um

Espaço vivo de produção da Atualidade, lugar de agendamento imediato, e igualmente lugar de memória, produtor de repositórios de registros sistemáticos do cotidiano, para posterior apropriação e (re)construção histórica. E, nesse sentido, pode ser tão importante para a (re)construção histórica aquilo que se publica nos jornais e se diz no rádio e na TV, como aquilo que não se publica, que não se diz: o dito e o interdito (PALACIOS, 2009, p.39).

Os jornalistas enquanto testemunhas da história (que acontece em frente às lentes das câmeras, registrada nas páginas dos jornais e nos portais de notícias, nas emissoras de rádio e TV) têm a função de registrar em tempo real os acontecimentos, e eternizá-los, ouvindo diretamente os atores que participaram da cena, do fato presente. O jornalismo fornece

subsídios para que, no futuro, os fatos narrados sirvam para análise, reflexão e resgate das futuras gerações.

Sem desprezar o papel próprio dos historiadores, a quem cabe naturalmente historiar, explicar acontecimentos do passado com base em pesquisas das mais diversas modalidades, o papel desempenhado pelo jornalismo nesse aspecto é indiscutível e ao mesmo tempo complementar.

Le Goff (1990, p. 5) já trazia tal reflexão:

Paradoxalmente, hoje se assiste à crítica deste tipo de história pela vontade de colocar a explicação no lugar da narração, mas também, ao mesmo tempo, presencia-se o renascimento da história-testemunho através do "retorno do evento" ligado aos novos media, ao surgimento de jornalistas entre os historiadores e ao desenvolvimento da "história imediata" (LE GOFF, 1990, p. 5).

Tal função do jornalismo é importante para a preservação da memória. No mesmo sentido, Barbosa (2019) destaca que tanto os historiadores quanto os jornalistas recorrem à cientificidade dos fatos e dos seus objetos para construir a verdade, seja do passado ou do presente.

Le Goff (1990), além de ressaltar que o desenvolvimento da imprensa (a ferramenta) foi importante para a preservação da memória coletiva, e de destacar o papel posterior da atividade jornalística, também exalta a importância da preservação da memória numa sociedade:

A memória, onde cresce a história, que por sua vez a alimenta, procura salvar o passado para servir o presente e o futuro. Devemos trabalhar de forma a que a memória coletiva sirva para a libertação e não para a servidão dos homens (LE GOFF, 1990, p. 411).

No seu trabalho cotidiano, o jornalista costuma recorrer aos fatos do passado para contar ou interpretar fatos do presente. A atividade jornalística mostra, assim, seu papel de, não só testemunha da história presente, mas de preservação de sua memória.

Foi assim com fatos que marcaram a humanidade, a exemplo da primeira e da segunda guerra mundial, do holocausto na Alemanha Nazista, do Apartheid na África ou do atentado ao World Trade Center nos Estados Unidos.

As imagens e registros jornalísticos entraram para a história e hoje servem, não só para preservação da memória, mas para preservação da humanidade e da dignidade do ser humano.

O mesmo ocorre quando o jornalismo denuncia casos de corrupção, ataques aos Direitos Humanos e mostra as mazelas sociais, pois auxilia, desta forma, a eternizar os acontecimentos, para que não sejam esquecidos.

3 JORNALISMO POLÍTICO

O jornalismo e a política são dois conceitos que estiveram intrinsecamente ligados desde o início da atividade jornalística, no século XVIII, até os dias atuais. Nesse percurso de tempo, essa relação se deu de forma distinta, desde a utilização dos jornais para a realização de propaganda política até a escolha pela objetividade e imparcialidade ao noticiar os acontecimentos.

Como já mencionado, Marcondes Filho (2000) traça uma linha do tempo em que sistematiza a relação entre esses dois conceitos. Ele defende a existência de quatro fases do jornalismo e mostra que, ao longo do tempo, o jornalismo deixou de ser uma atividade de propagação de ideias políticas para ser uma atividade profissional e com o objetivo de informar.

Essa mudança ocorreu mediante a transformação do jornalismo enquanto profissão, no contexto de fortalecimento do sistema capitalista. A atividade, porém, não deixou de noticiar os acontecimentos políticos nem de sofrer influências ideológicas.

Conforme Traquina (2005),

as notícias tornaram-se mais orientadas para o acontecimento, o que não é dizer que o anterior jornalismo não noticiava acontecimentos; mas o conteúdo dominante nos jornais começou a concentrar-se em acontecimentos, por oposição a opiniões políticas (TRAQUINA, 2005, p. 54).

Outros autores encaram essa relação de uma forma mais intrínseca. Conforme Cook (2011), o próprio jornalismo é uma instituição política na medida em que, assim como ocorre com outras instituições da democracia, como a igreja, a família e os partidos políticos, tem a função de disseminar valores na sociedade.

Para Barreto (2006, p. 13), por mais que haja a busca pela ‘objetividade’, existe também, na construção da notícia, uma “teia que se estabelece entre jornal/jornalismo e poder” e que “agrega interesses de parte a parte, além de preocupações mercadológicas, já que a notícia é um produto”.

Nesse mesmo diapasão, Bordieu (1997) reforça que o jornalismo é um campo influenciado pelas lógicas da objetividade e do mercado, de modo que, nas palavras do autor,

Ele é o lugar de uma oposição entre duas lógicas e dois princípios de legitimação: o reconhecimento pelos pares, concedido aos que reconhecem mais completamente

os “valores” ou os princípios internos, e o reconhecimento pela maioria, materializado no número de receitas, de leitores, de ouvintes ou de espectadores, portanto na cifra de vendas (...) sendo a sanção do plebiscito (...) um veredito do mercado) (BORDIEU, 1997, p. 105).

O jornalismo também sofre influência das instâncias políticas e governamentais, que nas palavras de Bordieu (1997, p.104), “agem não apenas pelas pressões econômicas que estão em condição de exercer, mas também por todas as pressões autorizadas pelo monopólio da informação”, sobretudo por seus poderes administrativos e simbólicos.

Todo o trabalho jornalístico, desde a apuração, passando pela checagem dos fatos até a publicação do resultado final, está permeado de processos que podem influenciar o jornalista e o resultado final do seu trabalho: a notícia. São processos que podem ser considerados, em certa medida, políticos.

Conforme Barreto (2006),

A notícia, assim, resulta das interferências e inserções negociadas entre os atores políticos e o jornal/jornalista a partir do que foi apurado, declarado, constatado e afinal transposto à publicação. Todas essas instâncias de apuração, declaração, constatação e publicação são momentos negociais, envolvem relações de convergências ou confrontações de interesses (BARRETO, 2006, p. 2).

Diante de tantas pressões e negociações tácitas que envolvem a cobertura política, o equilíbrio é um verbo que deve imperar na atividade profissional de todo jornalista, a fim de que a essência de informar com clareza e objetividade seja preservada. Essa parece ser uma premissa básica, mas não suficiente para alguns autores.

No entendimento de Porto (2004, p.75), a discussão sobre objetividade e imparcialidade na comunicação política é limitada, pois contribui para tornar invisíveis outros aspectos importantes. Por isso, ele propõe o debate sobre o ‘enquadramento’⁶ do noticiário político.

Essa nova perspectiva não procura, em si, vislumbrar a ausência ou presença de conceitos como imparcialidade e objetividade, mas qual o enfoque concedido ao fato, que pode influenciar implicitamente a audiência.

⁶ Em linhas gerais, refere-se ao direcionamento concedido pelo editor do jornal ou pela empresa jornalística à determinado acontecimento. O enquadramento pode apresentar um fato como ‘bom’ ou ‘ruim’, a depender do ângulo sobre o qual está sendo mostrado ao espectador.

No jornalismo, “enquadramentos são entendidos como recursos que organizam o discurso através de práticas específicas (seleção, ênfase, exclusão) e que acabam por construir uma determinada interpretação dos fatos” (PORTO, 2004, p. 80).

Em outras palavras, uma reportagem pode ser considerada ‘objetiva’, jornalisticamente falando, mas ainda assim ter um viés político, quando levada em consideração ‘a forma’ com a qual é construída, dando mais ênfase a alguns elementos do acontecimento em detrimento de outros.

Por causa desse enquadramento, não raro, meios de comunicação e forças políticas vigentes entram em conflito. De um lado, políticos que alegam ‘perseguição’, e do outro, jornalistas que publicam informações, teoricamente, em nome do interesse público.

Conforme aponta Fausto Neto (2004, p. 120):

Como se observa em várias ocasiões do processo político brasileiro mais recente, o campo das mídias e a TV, de modo particular, não se constitui apenas num dispositivo de representação do que se passa na cena política, mas se converte, segundo estratégias discursivas distintas em dispositivos que não só narram, mas agem sobre o espaço político, avocando a si, muitas vezes, a condição de um poder a partir do qual põe em funcionamento estratégias de onde se aponta os caminhos e os destinos da política e os dos seus atores (FAUSTO NETO, 2004, p. 120).

Para Bordieu (1997, p. 114), os agentes que compõe o campo do jornalismo e da política estão inseridos em uma relação de ‘concorrência’ e de ‘luta’ permanentes, em que o primeiro exerce influência sobre a atuação do segundo. O autor ressalta, porém, que ambos estão “direta e muito estreitamente sob a influência da sanção do mercado e do plebiscito”, submetendo-se, segundo ele, a pressões “passionais” e “irrefletidas”. No tópico seguinte, veremos como essa premissa ocorreu no contexto da cobertura política brasileira.

3.1 A cobertura política no Brasil

No Brasil, o desenvolvimento da imprensa se deu após a chegada da Coroa portuguesa ao território, em 1808, ao fugir das investidas de Napoleão no continente Europeu. A Imprensa Régia, que imprimia documentos oficiais do governo, foi responsável, conforme Romancini e Lago (2007), por imprimir aquele que é considerado o primeiro jornal impresso do país: a Gazeta do Rio de Janeiro. O impresso era um veículo de cunho governista.

O pontapé inicial para o jornalismo político de cunho “combativo” foi dado pelo Correio Braziliense, que era editado e impresso por Hipólito José da Costa, em Londres, para driblar a censura imposta pela Coroa. Era um jornal crítico e liberal, oposição da Coroa portuguesa. A partir de então, principalmente após a independência do Brasil, em 1822, houve uma proliferação no jornalismo brasileiro, que refletia muito o contexto político de cada época.

À opção descentralizadora das capitanias hereditárias segue-se a centralização do Governo Geral. À monarquia parlamentarista segue-se uma “República das Espadas”, que por sua vez cede espaço a uma Política dos Governadores, etc. Tal dicotomia marcou o caráter da política nacional e influenciou certamente o tipo de jornalismo forjado no país a partir de 1808, quando da vinda da Família Real para cá e a criação da Imprensa Régia (SEABRA, 2006, p. 112).

O modelo que se conhece hoje no país, entretanto, é também fruto das experiências adquiridas no regime militar brasileiro, quando jornalistas enfrentaram dificuldades para desenvolver seu trabalho, em meio à censura e à repressão.

As teorizações sobre os requisitos de imparcialidade e de isenção partidária para a análise política, que procura seguir a coerência de encadeamento dos fatos até a tentativa de antecipação dos próximos passos e avaliação das suas consequências, são posteriores à definição do modelo e provocadas pela necessidade de ajustamento ao arbítrio, à violência dos anos de censura (VILLA-BÔAS, 2002, p. 67).

De acordo com Martins (2013), desde o pleito de 2002, quando houve a disputa entre o tucano José Serra (PSDB) e o líder sindical Luís Inácio Lula da Silva, do PT, a imprensa brasileira também deixou de lado a forte politização e apelo ideológico, e deu lugar a um jornalismo com mais objetividade e foco na informação.

Consideramos, no entanto, que isso não é regra, pois, nos últimos anos, tem sido flagrante as vezes em que o jornalismo deixou de lado a isenção e a objetividade para defender alguma ideologia.

3.2 Jornalismo político no atual contexto brasileiro

Apesar da tese defendida por Martins (2013), de que no Brasil o jornalismo político se tornou mais objetivo a partir de 2002, o surgimento de novas mídias de comunicação coloca

em dúvida tal afirmação. *Blogs* e *sites* de notícias independentes de política são cada vez mais engajados em suas pautas e têm recebido enorme aceitação nas redes digitais.

Um dos casos mais emblemáticos, na atualidade, é uma série de reportagens do *site* The Intercept, que divulgou conversas envolvendo autoridades do judiciário envolvidas na operação Lava-Jato. Comandado, na época, pelo jornalista Glenn Greenwald, o *site* teve acesso, em 2019, a um arquivo contendo diálogos supostamente mantidos entre o ex-juiz Sérgio Moro (na época ministro da Justiça e Segurança Pública) com o promotor da Lava-Jato, Deltan Dallagnol, nos quais, supostamente, há desvios éticos das funções exercidas por esses agentes públicos.

Outros *sites* independentes, ligados à direita política, reagiram fortemente às reportagens do The Intercept, a exemplo de O Antagonista, que publicou uma série de notícias deslegitimando as reportagens do *site* rival e acusando-o de sensacionalismo e desinformação. O caso ainda está sendo investigado e carece de mais esclarecimentos para que haja conclusões definitivas sobre o assunto, mas nesses espaços virtuais, ligados a nichos de pensamentos específicos, parece que o veredito sobre o assunto já foi dado.

Além desses *sites* já mencionados, há muitos outros que fazem um jornalismo politizado, como Brasil 247, Diário do Centro do Mundo, Tijolaço, A Pública, ligados à esquerda; e Conexão Política, Terça Livre, Senso Incomum e MBL News, ligados ao espectro da direita política, dentre outros. Tais constatações parecem contradizer pensamentos de estudiosos como Villa-Boas (2002) e Martins (2013), que falam em imparcialidade e objetividade do conteúdo noticioso político pós-ditadura militar.

Cabe ressaltar, porém, que esses pontos de vista dos autores são anteriores a 2013, antes ainda do início da polarização política que “sacudiu” o país a partir das eleições de 2014. Parece salutar o ponto de vista defendido por Gislene Silva (2009), que aborda a natureza plural do fenômeno noticioso. Diferente de autores como Assis e Marques de Melo (2016), que observam a notícia como gênero informativo baseado na teoria funcionalista, ela propõe um conceito expandido de notícia, baseado na prática social do jornalismo.

Silva (2009) lembra que o jornalismo, para além da técnica e da mera função social dos gêneros, agrega tecnicidade, perspectiva relacional, interação social, lugar de poder, política, produção econômica, discursos sociais, dentre outros elementos, e por isso a notícia deve ser vista “em sua integralidade”. Nesse sentido, a autora propõe o conceito de notícia como sendo

“a socialização de quaisquer informações de caráter público, atual e singular e que atendem a diferentes interesses” (SILVA, 2009). Levando em consideração que o jornalismo político contém, em sua essência, todos esses fatores levantados por Silva (2009), parece salutar entendê-lo como um fenômeno complexo, que envolve múltiplos procedimentos, interesses e contextos, não cabendo classificá-lo em uma categoria fixa de gênero jornalístico.

3.3 A cobertura política televisiva na Paraíba

Em um estado marcado por disputas acirradas no âmbito da política partidária, a editoria de política tem bastante espaço nos meios de comunicação. As principais emissoras de televisão, rádio e jornais impressos dedicam boa parte do seu conteúdo ao noticiário do que acontece nos bastidores do poder. O jornalismo paraibano noticiou, ao longo das últimas décadas, fatos políticos que marcaram a história da Paraíba, a exemplo do atentado que aconteceu no restaurante Gulliver, em João Pessoa, o rompimento entre as famílias Cunha Lima e Maranhão, a cassação de um governador (Cássio Cunha Lima) e a prisão de um ex-governador (Ricardo Coutinho), que são relatados mais adiante.

Assim como acontecia nos jornais impressos da Paraíba, a cobertura política também chegou à televisão com bastante intensidade desde os primórdios do telejornalismo paraibano. Jornalistas que escreviam para impressos foram contratados para trabalhar nos telejornais como ‘locutores-apresentadores’, e logo se tornaram referências na arte de entrevistar personalidades da política, a exemplo de Nonato Guedes, Otinaldo Lourenço, Chico Maria, Arimatéa Souza, e tantos outros.

Atualmente, a maior parte das emissoras paraibanas destina parte de suas programações para o noticiário político, seja em programas exclusivos para essa editoria ou em reportagens dentro dos telejornais. Na Paraíba há, atualmente, as seguintes empresas de televisão: TV Arapuan (afiliada à RedeTV!), TV Assembleia (afiliada à TV Senado), TV Borborema (afiliada ao SBT), TV Cabo Branco (afiliada à Rede Globo), TV Câmara João Pessoa (afiliada à TV Câmara), TV Correio (afiliada à Record TV), TV Itararé (afiliada à TV Cultura), TV Maior (afiliada à RedeTV!), TV Manaíra (afiliada à Bandeirantes), TV Miramar (afiliada à TV Cultura), TV Paraíba (afiliada à Rede Globo), TV Tambaú (afiliada ao SBT) e TV UFPB (afiliada à TV Brasil).

A maioria dessas emissoras possui em sua grade programas ou quadros destinados aos temas da política. A TV Correio (afiliada à Record TV), de João Pessoa, mantém diariamente em sua programação o Correio Debate, apresentado pelo jornalista Hemes de Luna, com reportagens, notícias e entrevistas sobre a política da Paraíba. A emissora possui comentarista de política, eventualmente, no Jornal da Correio, exibido no horário da noite.

A TV Itararé (afiliada à TV Cultura), de Campina Grande, também exhibe temas sobre política, em programas como o Ideia Livre e nos telejornais exibidos pelo canal. A TV Manaíra (afiliada à Bandeirantes), de João Pessoa, tem em sua programação o Primeiro Plano, apresentado pela jornalista Rejane Negreiros, com foco em assuntos do legislativo, políticas públicas e entrevistas com personalidades desse campo.

A TV Tambaú (afiliada ao SBT), de João Pessoa, não tem um programa dedicado exclusivamente à política, mas apresenta o tema dentro do telejornal Tambaú da Gente. A TV Câmara, de João Pessoa, tem como foco as pautas sociais, entretanto, o trabalho dos vereadores é destaque na programação. O mesmo ocorre com a TV Assembleia, que traz temas sociais decorrentes das ações dos deputados estaduais e é dirigida pela Assembleia Legislativa da Paraíba (ALPB).

A TV Borborema (afiliada ao SBT), de Campina Grande, não possui nenhum programa dedicado exclusivamente à política, mas o assunto é constantemente abordado dentro dos telejornais. A TV UFPB também não possui programa voltado para a política, mas ao contrário da TV Borborema, não trata do assunto ao longo da programação local.

A TV Arapuan (afiliada à RedeTV), de João Pessoa, exhibe diariamente o programa Rede Verdade, apresentado por Luiz Torres, com notícias sobre os três poderes e entrevistas com políticos locais. Já nas segundas-feiras, é exibido o programa Frente a Frente, apresentado também por Luiz Torres e que também tem um formato de entrevistas.

Em João Pessoa, também se destaca a TV Master, canal fechado, retransmitido também através de plataformas online e dedicado quase que exclusivamente à editoria de política e a temas do cotidiano. O autor da presente pesquisa atuou, inclusive, na produção executiva do programa Master News, voltado ao noticiário político e também foi apresentador substituto do mesmo programa. Além disso, atualmente, atua no Sistema Arapuan, em coberturas especiais sobre política na TV Arapuan e, principalmente, no programa Arapuan Verdade, da rádio Arapuan FM.

A TV Cabo Branco não possui um programa específico voltado à política, mas informa sobre o assunto em todos os telejornais do canal, com destaque para o Bom Dia Paraíba, que tem uma coluna com foco em política, com contribuição de material jornalístico proveniente da TV Paraíba, de Campina Grande (que também não tem programa específico de política).

Antes de abordarmos outros aspectos da cobertura política local, é importante compreendermos como ocorre o processo de seleção da notícia e qual o papel do jornalista dentro das rotinas produtivas televisivas.

3.4 Os critérios de noticiabilidade na cobertura política

O noticiário local e nacional é preenchido por informações que, antes de virarem notícia, passam por diferentes processos de produção: a coleta dos dados, passando pela apuração, checagem, a edição, até o resultado final. É certo, porém, que são fases invisíveis aos olhos do espectador e que, por vezes, são alvos de muitos questionamentos.

Uma dessas fases é determinante para que uma informação seja transformada em notícia: a seleção da informação. Na televisão, o jornalista é um *gatekeeper* (TRAQUINA, 2005), o portão da notícia, que seleciona o que entra ou não no jornal, no telejornal ou no portal de notícias. Esta seleção se dá através de critérios, conhecidos como critérios de noticiabilidade.

São muitos os critérios utilizados nas rotinas produtivas dos jornalistas e que são preponderantes na escolha daquilo que vai ou não ser notícia, principalmente no noticiário político: fatores econômicos, ideológicos, sociais, culturais, religiosos etc.

Com base na abordagem do *newsmaking*, Wolf (1999) aponta que a cultura profissional dos jornalistas e a organização do trabalho e dos processos produtivos são fatores determinantes para compreender os critérios de noticiabilidade utilizados nas redações.

A noticiabilidade é constituída pelo conjunto de requisitos que se exigem dos acontecimentos - do ponto de vista da estrutura do trabalho nos órgãos de informação e do ponto de vista do profissionalismo dos jornalistas - para adquirirem a existência pública de notícias (WOLF, 1999, p. 198).

Quanto à cultura profissional, o referido autor sugere que são práticas e paradigmas profissionais tidos como “naturais” pelos jornalistas, empregados no dia a dia da profissão. Os

jornalistas selecionam as notícias assim como os hospitais fazem com seus pacientes: a partir de determinados critérios que tornam os acontecimentos em fatos noticiáveis. “Tudo o que não corresponde a esses requisitos é «excluído», por não ser adequado às rotinas produtivas e aos cânones da cultura profissional” (WOLF, 1999, p. 199).

No tocante à organização jornalística, até mesmo fatores estruturais podem influenciar nos acontecimentos. Um fato político envolvendo autoridades de uma pequena cidade do Sertão, por exemplo, nem sempre terá a mesma atenção de uma cidade da região metropolitana. Um dos fatores que podem influenciar tal cobertura é localização das redes de comunicação, em sua maioria situadas nos grandes centros urbanos. As pressões políticas também podem influenciar em casos como esses.

De acordo com o referido autor, também fazem parte dos critérios de noticiabilidade os valores-notícia, que estão intrínsecos em todas as etapas da produção da notícia e que servem como norteadores para o trabalho dos jornalistas em selecionar os fatos. Esses critérios estão ligados ao conteúdo das notícias, à disponibilidade do material, ao público e à concorrência.

Nesse diapasão, Wolf (1999) sinaliza que uma série de valores-notícias influenciam a seleção de um fato. Entre eles, estão alguns que consideramos fundamentais na cobertura política, como: importância do indivíduo (nível hierárquico), influência sobre o interesse nacional, número de pessoas envolvidas, relevância quanto à evolução futura.

Na mesma linha de pensamento de Wolf (1999), que considera a presença dos critérios de noticiabilidade em todo o processo jornalístico, Traquina (2005) defende a subdivisão dos valores-notícia da seguinte forma: valores-notícia de seleção (critérios substantivos e contextuais) e valores-notícia de construção.

Conforme o autor, os critérios substantivos são subdivididos em: morte, notoriedade, proximidade, novidade, tempo, notabilidade, conflito ou controvérsia, infração e escândalo; enquanto os critérios contextuais referentes ao contexto de produção das notícias são classificados em: disponibilidade, equilíbrio, visualidade, concorrência e dia noticioso.

Com relação aos critérios substantivos, todos eles têm forte influência no noticiário político: a morte de um agente político é capaz de dominar boa parte do conteúdo de um telejornal, principalmente se o personagem for alguém que ocupa um cargo como o de governador ou prefeito de uma grande cidade. Esse pressuposto está ligado, também, à notoriedade, pressuposto fundamental na definição do espaço que a pauta terá dentro da edição

do telejornal. O conflito é outra característica sempre presente no ambiente político e que influencia o noticiário.

As controvérsias são elementos frequentes nas pautas políticas dos telejornais. São elas que alimentam as trocas de farpas entre os atores políticos, entre atores políticos e jornalistas e conseqüentemente a cobertura da mídia sobre tais acontecimentos. As controvérsias também delegam ao jornalismo o papel de esclarecimento para a opinião pública através da interpretação da notícia, do que está por trás do fato, dos reais interesses que se escondem nos bastidores dos acordos estabelecidos nos âmbitos dos poderes constituídos.

Os escândalos de corrupção são frequentes no noticiário político no Brasil e na Paraíba. Denúncias de corrupção elaboradas pelo Ministério Público agendam, frequentemente, o noticiário dos principais telejornais do país e do estado e servem como base, também, para reportagens investigativas sobre as condutas de agentes políticos. Dentro do poder legislativo, outro instrumento que serve para alimentar a imprensa, são as comissões parlamentares de inquérito (CPI's), que investigam, muitas vezes, condutas praticadas por agentes públicos, às vezes com objetivos políticos.

Conforme Traquina (2005), os valores de construção, por sua vez, são classificados em: simplificação, amplificação, relevância, personalização, dramatização e consonância, e são compreendidos como “elementos dentro do acontecimento dignos de serem incluídos na elaboração da notícia” (TRAQUINA, 2005, p. 91).

Tais elementos servem para guiar o espectador a ter uma dimensão real do fato, a partir de critérios empreendidos pelo jornalista ao escrever a notícia. Uma das funções básicas desses critérios é tornar a leitura do fato de fácil compreensão, sem gerar ambigüidades para quem consome o conteúdo noticioso.

Vale salientar que no noticiário político e na cobertura de forma geral, os critérios de noticiabilidade não são utilizados isoladamente, sendo trabalhados no contexto de cada fato a ser noticiado. No tocante ao Bom Dia Paraíba, tais critérios são deslocados para o nível local, já que a área de cobertura está restrita ao estado, estando isso inclusive explícito no nome do programa.

O critério que fala sobre o ‘interesse nacional’, por exemplo, deve ser compreendido como o fato que gera interesse ao estado da Paraíba e/ou a um dos seus 223 municípios. Outros critérios, porém, são os mesmos que guiam as decisões de telejornais em nível nacional,

a exemplo da importância do indivíduo, do número de pessoas envolvidas, da relevância quanto à evolução futura, o fator morte, a controvérsia etc.

A análise desses critérios, como já demonstrado, acontece de forma naturalizada no ambiente de trabalho dos jornalistas, sendo uma prática corriqueira na rotina dos profissionais que fazem a cobertura dos fatos diariamente.

3.5 A cobertura política no Bom dia Paraíba

Tradicionalmente exibido a partir das seis horas da manhã, de segunda à sexta, o Bom Dia Paraíba é o primeiro telejornal local veiculado durante o dia na TV Cabo Branco, afiliada da Rede Globo, em João Pessoa, na Paraíba. É um dos telejornais mais antigos da emissora, tendo sido criado em 1987. O telejornal atualmente é apresentado por Pedro Canísio, e leva ao ar as primeiras informações do dia, com repórteres espalhados, ao vivo, pela região metropolitana de João Pessoa, além de atualizar os telespectadores sobre fatos que aconteceram na noite do dia anterior. Conta ainda com a participação de repórteres da TV Paraíba, de Campina Grande.

Com a pandemia do novo coronavírus⁷, o telejornal sofreu algumas alterações a partir de março de 2020, tendo, a partir deste período, o horário de produção ampliado, passando a ter duas horas e 20 minutos de duração, com objetivo de aumentar a cobertura sobre a Covid-19⁸.

Com cinco blocos, de segunda a sexta, de material jornalístico, além de reportagens gravadas e entradas ao vivo, o telejornal tem uma grade de quadros fixos, diários e semanais sobre temas como a saúde da mulher, com a ginecologista e obstetra Wanicleide Leite, e direitos trabalhistas e previdenciários com o advogado Thiago Baracuhy. Por causa da

⁷ A pandemia do novo coronavírus foi reconhecida como tal pela Organização Mundial de Saúde (OMS) em março de 2020. A probabilidade inicial, é que o surto tenha surgido a partir de um mercado de frutos do mar, na cidade chinesa de Wuhan, em dezembro de 2019, e se espalhado por outras partes do mundo. No Brasil, a pandemia provocou uma mudança nas rotinas produtivas dos telejornais, afetados pelo ‘novo normal’ instituído para frear o vírus. As mudanças passaram pelo uso de máscaras e da higienização dos jornalistas no trabalho, até a intensificação de entrevistas através de plataformas digitais, substituindo a forma presencial. O tema ‘coronavírus’ também ganhou, dia após dia, espaço crescente no noticiário, até se tornar a principal pauta dos programas.

⁸ Atualmente, o telejornal possui 5 blocos e uma média de duas horas e 20 minutos de produção. Antes da pandemia, tinha 5 blocos, porém cerca de uma hora e 53 minutos de produção.

pandemia, Wanicleide fez participações ao vivo, fora do estúdio, enquanto o advogado Baracuhy fez entradas ao vivo via internet, durante parte dos meses de março e julho de 2020.

A coluna de política é apresentada todos os dias pelo jornalista Laerte Cerqueira, doutor em Comunicação pela Universidade Federal de Pernambuco. O quadro consiste em um bate-papo entre o comentarista e apresentador do programa sobre os principais temas da política local. Geralmente, o conteúdo é formado de notas, pequenos comentários e entrevistas.

No período da pandemia, o conteúdo que predomina está relacionado às ações voltadas ao novo coronavírus pelos governos municipais, estadual e federal. O jornalista Laerte Cerqueira continuou participando diariamente do telejornal em estúdio e ocasionalmente entrevistando autoridades fora do estúdio.

Outros nomes do jornalismo local já ficaram responsáveis pela cobertura política no telejornal, a exemplo de Chico Maria, Nonato Guedes, Otinaldo Lourenço, Paulo Santos, Giovanni Meireles, Gisa Veiga e Arimatéa Souza. Além de editor-chefe, atualmente, o telejornal conta com outros quatro editores de texto auxiliares e duas jornalistas responsáveis pela produção, que apoiam na elaboração e exibição das notícias.

4 CONSTRUINDO O LIVRO-REPORTAGEM

“Bom Dia Paraíba, a história de um telejornal que já nasceu político”, é o título do livro-reportagem. O produto jornalístico busca resgatar a memória não só de um dos telejornais mais antigos da televisão local, com 34 anos de existência, mas resgatar, sobretudo, e manter viva, parte da história da cobertura política paraibana.

4.1 Metodologia

Quanto aos procedimentos, o primeiro passo foi a elaboração de uma pesquisa bibliográfica sobre conceitos de jornalismo político, telejornalismo, livro-reportagem e jornalismo em profundidade.

Em seguida, partimos para a realização de entrevistas do tipo semiestruturadas com jornalistas que fizeram parte da cobertura política do Bom dia Paraíba enquanto colunistas ou entrevistadores na editoria de política.

Conforme Marconi e Lacatos (2003), do ponto de vista científico, há três principais tipos de entrevistas, que variam de acordo com a pesquisa: a padronizada ou semiestruturada, na qual o entrevistador segue um roteiro pré-estabelecido; a despadronizada ou não-estrutural, na qual o entrevistador tem liberdade para construir as questões, de maneira livre, em cima das respostas; e o painel, que consiste em realizar as mesmas perguntas, de tempo em tempo, às mesmas pessoas, com o objetivo de observar a evolução ou não das opiniões desses entrevistados.

No caso específico, adotamos a entrevista semiestruturada, na qual o entrevistador tem uma série de perguntas pré-estabelecidas, mas pode alterar a ordem dessas perguntas, voltar a itens já respondidos e têm mais liberdade na aplicação das questões, de acordo com o andamento da entrevista.

Outro ponto levado em conta é que em uma entrevista científica entre um pesquisador e um jornalista, este último estará em uma situação na qual já domina enquanto entrevistador. Embora exerça uma função distinta do pesquisador, o jornalista entrevistado já conhece as técnicas e pode se antecipar a elas. Isso foi levado em consideração no presente trabalho.

Ora, quando o entrevistado é um jornalista, acostumado a lidar com entrevistas, essa não é uma tarefa fácil. Em geral, ele conhece os protocolos de uma entrevista e se sente confortável com esse tipo de formato. Tenta, de certa forma, se antecipar às necessidades do entrevistador o que [...] pode prejudicar a condução da interação. (PEREIRA; NEVES, 2013, p. 38)

No caso específico deste estudo, como o pesquisador também é jornalista, logo, também domina as técnicas e pôde detectar e evitar questões que prejudicassem a interação com os entrevistados.

Pereira e Neves (2013) consideram a entrevista como sendo uma interação simbólica, uma situação em que se negociam pontos de vista, sentimentos e motivações, interpretações sobre o mundo, estatutos e identidades sociais. Essa troca de experiências fica enriquecida quando o entrevistado é um jornalista, mas é preciso adotar alguns métodos e critérios para que a pesquisa não seja prejudicada.

Conforme Pereira e Neves (2013), há três estratégias que podem ser implementadas quando o assunto é entrevista com jornalistas: tentar estender ao máximo o tempo da entrevista, de forma que entrevistador e entrevistado se habituem aos termos de interação; tentar inverter os papéis e compartilhar com o jornalista experiências profissionais vividas pelo pesquisador, a fim de deixá-lo mais à vontade, e ainda a prática de alternar durante a conversa questões de pesquisa com tópicos voltados à vida do profissional, com o objetivo de enviar antecipações por parte do entrevistador. Nós fizemos isso, em algumas ocasiões, a fim de deixar à vontade os entrevistados, de modo que pudessem se sentir tranquilos para responder as questões deste estudo.

Nesse mesmo viés, Marconi e Lacatos (2003) classificam a entrevista como sendo

(...) um encontro entre duas pessoas, a fim de que uma delas obtenha informações a respeito de determinado assunto, mediante uma conversação de natureza profissional. É um procedimento utilizado na investigação social, para a coleta de dados ou para ajudar no diagnóstico ou no tratamento de um problema social (MARCONI, LACATOS, 2003, p. 194).

No caso do presente trabalho, esse encontro e a interação que há entre o pesquisador e o entrevistado ficou ainda mais evidente, pois foram profissionais que conhecem muito bem as técnicas de uma entrevista. Por essa razão, os cuidados com a elaboração da pauta foram redobrados.

O objetivo das entrevistas foi fazer um resgate histórico das épocas em que esses jornalistas estiveram à frente do telejornal, possibilitando trazer à tona fatos que marcaram a cobertura política do Bom Dia Paraíba e os bastidores dos fatos noticiados. Em seguida, foi realizada uma pesquisa documental em arquivos pessoais desses jornalistas, com o auxílio deles próprios, além de um levantamento no Centro de Documentação da TV Cabo Branco (Cedoc) e na internet. Esse levantamento foi intermediado pela editora de jornalismo das TV's Cabo Branco e Paraíba, Tatiana Ramos.

4.2 Jornalistas do outro lado da história: a escolha dos entrevistados

Dito isto, para a concretização deste trabalho, levamos em consideração entrevistas com jornalistas que fizeram parte da cobertura política do Bom Dia Paraíba ao longo dos 34 anos do telejornal.

Em um levantamento preliminar, e confirmado posteriormente, foram elencados os seguintes nomes: Nonato Guedes, Otinaldo Lourenço, Arimatéa Souza, Chico Maria, Giovanni Meireles, Gisa Veiga, Paulo Santos e Laerte Cerqueira.

Para a realização das entrevistas, foi elaborado um roteiro de perguntas (**Apêndice A**) envolvendo aspectos históricos, profissionais e editoriais da cobertura política no Bom Dia Paraíba. Para a elaboração das perguntas, foi estabelecido um contato prévio entre o pesquisador e os jornalistas, por telefone, para conhecer, com antecedência, quais fatos marcaram a carreira desses profissionais enquanto estiveram no telejornal.

A partir do contato inicial, o roteiro foi construído, de modo que a trajetória dos jornalistas no Bom Dia Paraíba e os fatos políticos que marcaram esse período fossem objetos da entrevista. Apesar da possibilidade de adaptação, as questões iniciais que compõem o roteiro foram elencadas no **Apêndice A**.

Todas as entrevistas foram complementadas com a pesquisa documental, com o objetivo de reunir imagens, vídeos e registros sobre os episódios relatados pelos jornalistas durante as falas.

Além da busca na internet, em plataformas como Globoplay, G1 e Youtube, e nos arquivos pessoais dos jornalistas, também fizemos uma procura no Centro de Documentação da TV Cabo Branco (CEDOC), que abriga os arquivos da emissora. Esse passo foi essencial.

Em contato com a emissora, solicitamos imagens e registros de episódios que foram citados pelos jornalistas durante as entrevistas, o que auxiliou na construção e na contextualização do livro-reportagem.

4.3 O nascimento de um livro-reportagem

O Bom Dia Paraíba estreou em 1987, no início da redemocratização do país, e desde então foi responsável por coberturas que marcaram a história política do estado. Esses jornalistas, portanto, foram as principais fontes de informação do livro-reportagem, pois viram de perto alguns dos acontecimentos mais marcantes da cobertura política estadual e vivenciaram os bastidores das mesmas, ao longo de mais de 30 anos.

Cabe ressaltar que este livro que não aborda somente fatos antigos, mas também acontecimentos atuais. Em 2020, a pandemia do novo coronavírus modificou o noticiário dos telejornais do mundo, impactando também regionalmente. A Covid-19 envolveu ações integradas entre todas as esferas do poder. A cobertura sobre o tema mudou até mesmo o tempo de produção do telejornal, que foi ampliado, para abrir espaço para uma maior discussão das ações políticas. Mais do que tudo isso, o trabalho revela, também, histórias de bastidores que somente os jornalistas políticos do programa tinham conhecimento.

Para resgatar os episódios de uma história de mais de 30 anos, foi necessário planejamento. Fizemos contatos com cada um deles, por telefone e através de aplicativos de mensagens, para dialogar sobre o dia da entrevista e sobre tópicos que poderiam ser inseridos nessas entrevistas.

Tendo como objetivo evitar imprevistos, decidimos iniciar, ainda em 2019, parte das entrevistas, especialmente com os pioneiros que estiveram à frente da cobertura política do telejornal. Nem imaginávamos os desafios que enfrentaríamos com o coronavírus, em 2020, e o quanto essa decisão tomada um ano antes iria nos auxiliar na execução do trabalho, tendo em vista que algumas entrevistas presenciais que foram feitas, certamente, teriam sido canceladas no cenário da pandemia.

4.3.1 A realização das entrevistas

A primeira entrevista realizada foi com Nonato Guedes, o primeiro colunista de política do Bom Dia Paraíba, ao lado de Otinaldo Lourenço. A passagem de Nonato Guedes pelo Bom Dia Paraíba se deu em dois momentos distintos. O primeiro foi entre 1987 e 1989, e depois de 1990 a 1991. Nestes períodos, ele dividiu a bancada com o contemporâneo jornalista Otinaldo Lourenço. Ambos eram contratados pela TV Cabo Branco para comandar entrevistas políticas em estúdio. Na época, a voz tinha um impacto muito forte na televisão, graças ao poder e à força da radiodifusão em todo o país.

A conversa com o jornalista de Cajazeiras, na Paraíba, aconteceu ainda em sete de maio de 2019, logo após nosso ingresso no mestrado. Durante uma hora e 20 minutos, em uma conversa franca, na Livraria do Luiz, no centro de João Pessoa (**Figura 1**), Nonato Guedes discorreu sobre fatos que marcaram sua passagem pelo Bom Dia Paraíba, a exemplo da entrevista com o ex-governador e então ministro João Agripino, realizada poucas semanas antes de sua morte. Nessa entrevista, ocorreu um problema com a gravação, feita no celular, e na mesma hora tivemos que voltar algumas questões, para que fossem novamente respondidas.

Figura 1 - Entrevista com o jornalista Nonato Guedes



Fonte: Diego Nascimento

Ele também contou episódios de bastidores do telejornal e explicou como funcionava a busca pela informação em um período em que a tecnologia, se comparada ao que temos disponível hoje, ainda era considerada rudimentar em termos de agilidade.

Nesta entrevista, fui acompanhado pelo também jornalista Diego Nascimento, formado na Universidade Federal da Paraíba (UFPB), e que me auxiliou com imagens e vídeos da conversa com Nonato Guedes.

A segunda entrevista foi com o jornalista Giovanni Meireles (**Figura 2**), no dia 15 de janeiro de 2020, em sua residência, em João Pessoa, durante cerca de uma hora e 30 minutos. Ele foi colunista de política do Bom Dia Paraíba no início dos anos 2000, pouco tempo depois de ter sido secretário de estado no governo de José Maranhão.

Figura 2 - Entrevista com o jornalista Giovanni Meireles



Fonte: Beth Menezes

O jornalista discorreu, dentre outros temas, sobre o clima de rivalidade entre as famílias Cunha Lima e Maranhão, que dividiu a Paraíba politicamente. Ele também contou sobre os bastidores da cobertura de uma das maiores tragédias da história política da Paraíba: o estouro da barragem de Acauã, que provocou, além de comoção nacional, uma disputa política e de narrativas sobre a tragédia. Na época, ele comparou os estragos causados pelo estouro da barragem como uma ‘bomba atômica’, o que causou incômodo no Palácio da Redenção, sede do Poder Executivo Estadual. Os fatos mostraram, posteriormente, que ele não estava errado ao fazer essa analogia, dados os estragos que aconteceram na região,

especialmente envolvendo a população mais carente. O caso ganhou repercussão nacional e até hoje se debate quem foi o responsável pela tragédia.

Fui acompanhado, nesta entrevista, pelo jornalista Daniel Lima, que é amigo de Giovanni Meireles e foi responsável pela interlocução com ele. Durante o encontro, também se fez presente a esposa de Giovanni, Beth Meneses, que fez parte do Bom Dia Paraíba e apresentou o telejornal de 1990 a 2009. Ela registrou algumas fotos do momento.

A terceira entrevista foi com o jornalista Chico Maria (**Figura 3**), em Campina Grande, em sete de março de 2020, na residência dele. A gravação durou cerca de 30 minutos. Nesta entrevista, fui acompanhado por meu pai, José Nunes, que me auxiliou com a captação de imagens.

Figura 3 - Entrevista com o jornalista Chico Maria



Fonte: José Nunes

Chico Maria recordou sobre sua época no telejornal, citou o clima de amizade entre os profissionais que participavam da cobertura e descreveu as entrevistas que marcaram a trajetória dele enquanto repórter, que se autodefinia como “polêmico”, que perguntava “na lata” aos seus entrevistados.

Chico Maria foi um dos entrevistadores que passaram mais tempo atuando na TV Cabo Branco, seja no Bom Dia Paraíba ou em outros telejornais da emissora, como o Paraíba Meio-dia, programa exibido na mesma faixa de horário do atual JPB1. Ele trabalhou na emissora entre os anos de 1988 e 2003. Nesse período, entrevistou nomes importantes da política nacional e da cultura.

Um dos episódios lembrados por ele foi uma entrevista com o escritor Ariano Suassuna, em que ele fez uma série de questionamentos políticos e polêmicos, inclusive sobre a juventude e a intimidade do intelectual paraibano. Chico Maria também recordou dos profissionais que trabalharam com ele no Bom Dia Paraíba e se dispôs a entregar arquivos raros de sua época à frente das entrevistas políticas no telejornal. Os arquivos, porém, não foram entregues e não conseguimos mais contato com ele. Acreditamos, também, que o cenário de pandemia contribuiu para isto.

Também entrevistamos o jornalista Paulo Santos (**Figura 4**), em Campina Grande, em sete de março de 2020, na casa dele, durante cerca de uma hora e 30 minutos. Paulo Santos antecedeu Giovanni Meireles nos comentários políticos do telejornal de 2000 a 2004. Ele enfatizou os bastidores da cobertura em sua época e ressaltou os reflexos de seus comentários, que apesar de terem dois minutos de duração, no máximo, eram recheados de críticas.

Figura 4 - entrevista com o jornalista Paulo Santos



Fonte: José Nunes

Paulo Santos destacou, dentre outros pontos, como se referia a suas fontes, “o passarinho”⁹, e citou episódio marcante daquela época: uma agressão provocada contra ele pelo assessor de um político paraibano e que ganhou repercussão nacional.

O jornalista também falou sobre as eleições estaduais do ano de 2002 e deu exemplos de fatos que ele noticiou no Bom Dia Paraíba e que repercutiram na imprensa nacional, como

⁹ Paulo Santos usava ‘o passarinho’ sempre que detinha uma informação exclusiva ou de bastidor e não queria citar a fonte.

a informação sobre a possibilidade de candidatura de Leonel Brizola nas eleições presidenciais de 2002.

A pandemia do novo coronavírus, a partir de meados de março de 2020, mudou o planejamento das entrevistas. Inicialmente, a ideia era que todas fossem de forma presencial, mas a Covid-19 impôs mudanças. Por causa da persistência do cenário epidemiológico, resolvemos fazê-las virtualmente e por telefone. No dia 18 de agosto de 2020, a conversa foi com Laerte Cerqueira (**Figura 5**), no período da noite, via Google Meet, aplicativo de videochamadas. Apesar de muito ocupado nesse período, fazendo a cobertura política no contexto da pandemia, conseguiu um espaço na agenda para a entrevista.

Figura 5 - Entrevista com Laerte Cerqueira via Google Meet



Fonte: Google Meet

Durante quase duas horas, Laerte Cerqueira falou sobre o início de sua trajetória no jornalismo e como foi a transição para a editoria de política até se tornar repórter e colunista da TV Cabo Branco. Ele discorreu também sobre coberturas que marcaram sua carreira profissional e dialogou sobre a preocupação que tem em interpretar a notícia, de forma que ela seja pedagógica. Também foram abordadas questões éticas, envolvendo a coluna de política, bem como as perspectivas dele para o futuro do telejornalismo.

Já no dia 22 de agosto de 2020, entrevistamos o jornalista Arimatéa Souza (Figura 6), que mora em Campina Grande. Em conversa prévia, e diante de sua agenda de compromissos, ele sugeriu que nosso diálogo fosse gravado por telefone, e assim foi feito. Com ele, abordamos como foi o início do ‘Minuto da política’ no Bom Dia Paraíba, tempo utilizado pela editoria do telejornal para ‘delimitar’ o conteúdo desse campo dentro do telejornal.

Figura 6 - Arimatéa Souza no Bom Dia Paraíba



Fonte: Globoplay

Durante cerca de 40 minutos, Souza detalhou os bastidores de algumas coberturas que participou, a exemplo da cassação do ex-governador Cássio Cunha Lima, em 2009, e sobre as rotinas produtivas da coluna de política. Ele revelou como eram as discussões em torno das pautas que eram levadas ao ar no telejornal.

Outra entrevista foi com o jornalista Otinaldo Lourenço (**Figura 7**), que a princípio iria nos receber presencialmente, mas por conta da pandemia não foi possível. Inicialmente, também não conseguimos gravar com ele por telefone e tivemos que adiantar a pesquisa através de outros meios, como a pesquisa documental e de fontes que trabalharam com ele no Bom Dia Paraíba.

Por conta disso, contactamos Aldo Shueler, que foi o primeiro apresentador do telejornal. Enviamos, em março de 2020, pelo WhatsApp¹⁰, perguntas sobre a cobertura política do Bom Dia Paraíba da fase de Otinaldo Lourenço e também sobre como foi o início do programa. Aldo Schueler encaminhou as respostas, por e-mail, em 11 de abril do mesmo ano.

¹⁰ Aplicativo de mensagem por celular e computador.

Figura 7 - Otinaldo Lourenço entrevistado no Bom Dia Paraíba em 2016



Fonte: G1 ¹¹

Por causa das dificuldades da pandemia, os contatos para a realização da entrevista com Otinaldo foram realizados por meio do WhatsApp de sua esposa, Ione, e duraram cerca de oito meses. O jornalista enfim concedeu entrevista por telefone, no dia sete de novembro de 2020, por cerca de 20 minutos, e discorreu sobre sua passagem pelo telejornal. Na ocasião, ele falou sobre o início de sua trajetória na TV Cabo Branco e dialogou sobre algumas das principais entrevistas comandadas por ele na bancada do Bom Dia Paraíba. Ele citou o diálogo com o ex-presidente Lula, com Ulysses Guimarães, Aureliano Chaves, e outros políticos. Esta foi uma das últimas entrevistas dele. Otinaldo Lourenço foi infectado pela Covid-19 três meses depois, e faleceu por complicações da doença no dia 13 de fevereiro de 2021, aos 86 anos.

A jornalista Gisa Veiga (**Figura 8**) foi a última entrevistada. Ela esteve engajada na campanha eleitoral em 2020, enquanto assessora parlamentar, e no contato prévio conosco, informou que só conseguiria nos atender após o resultado do pleito, ou seja, depois de 15 de novembro. Ela, no entanto, foi diagnosticada com a Covid-19 durante esse mesmo mês, nos

¹¹ Lançado o documentário que conta a história do jornalista Otinaldo Lourenço. Disponível em: <<http://g1.globo.com/pb/paraiba/bom-dia-pb/videos/t/edicoes/v/lancado-o-documentario-que-conta-a-historia-do-jornalista-otinaldo-lourenco/4994881/>>. Acesso em 13 dez. 2020.

últimos dias da campanha eleitoral, tendo ficado internada no hospital em tratamento contra a infecção, o que atrasou ainda mais a entrevista com a mesma.

Figura 8 - Jornalista Gisa Veiga



Fonte: Polêmica Paraíba

Gisa Veiga só conseguiu gravar conosco, por telefone, no dia 11 de dezembro de 2020, após o processo de recuperação. A entrevista durou cerca de 25 minutos. A jornalista conversou sobre o período em que ficou responsável por entrevistas no Bom Dia Paraíba e destacou uma entrevista que fez com o então governador recém-eleito da Paraíba, Cássio Cunha Lima, no ano de 2003.

A pesquisa documental foi realizada paralelamente às entrevistas na internet, solicitando registros aos entrevistados e também por meio de consulta ao Centro de Documentação (CEDOC) da TV Cabo Branco. O acesso ao Cedoc foi realizado no dia 25 de junho de 2020, após autorização da editora de jornalismo da emissora, Tatiana Ramos. Primeiramente, solicitamos ao responsável pelo setor, Cláudio Caiana, imagens e vídeos para subsidiar a nossa pesquisa. Fomos informados de que a emissora não dispunha de comentários gravados, especialmente, os conteúdos mais antigos, pois apenas reportagens e alguns trechos da apresentação eram arquivados. Apesar dessa restrição, conseguimos localizar entrevistas e outros registros citados pelos jornalistas, ouvidos no livro-reportagem. Depois de assistidos, os trechos considerados mais significativos foram descritos e incluídos no trabalho final, entre

eles, o da última entrevista do ex-governador João Agripino e o da entrevista com Luiz Inácio Lula da Silva, na época, candidato à presidência da república, em 1989.

A finalização do trabalho ocorreu com a confecção da capa do presente livro-reportagem em 2020. Para isso, levamos em consideração o resgate da memória, representada pelas cores que compõem a marca do telejornal desde a estreia: laranja, azul e amarelo. A etapa final do trabalho contou com a colaboração do *design* gráfico Marcelo Júnior, a quem contactamos para nos ajudar a concretizar a ideia.

Também foi solicitada a elaboração do prefácio ao escritor e historiador, José Otávio de Arruda Melo, para que o mesmo fizesse uma análise histórica das circunstâncias que marcaram o contexto do surgimento do Bom Dia Paraíba, em 1987, e que apontasse o papel da imprensa paraibana ao cobrir os fatos da política do estado neste intervalo de tempo que se processa até os dias atuais. O historiador recebeu uma cópia do livro, em novembro de 2020, que ainda estava em processo de finalização, ainda sem o capítulo sobre Gisa Veiga, a última entrevistada. Por esse motivo, ela não foi citada no prefácio, o que poderá ser acrescentado no momento de publicação do livro.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A construção do presente trabalho foi marcada por inúmeros desafios, mas que foram um a um superados. Assim como havíamos planejado, conseguimos concluir, no prazo previsto, a construção do livro-reportagem, resgatando através da memória dos jornalistas, coberturas que marcaram o Bom Dia Paraíba.

Um dos primeiros desafios foi conseguir o contato de todos os jornalistas que participaram da cobertura desde quando o telejornal foi criado. Nonato Guedes, Otinaldo Lourenço, Chico Maria, Paulo Santos, Giovanni Meireles, Gisa Veiga, Arimatéa Souza e Laerte Cerqueira foram encontrados, após inúmeras ligações, interlocuções e auxílio de colegas jornalistas, e deram suas contribuições para que a pesquisa pudesse ser concluída.

A pandemia do novo coronavírus dificultou a execução do trabalho. Tivemos que reinventar a maneira de fazer as entrevistas, obedecendo primeiramente o isolamento, e depois o distanciamento social, conforme recomendado pelas autoridades. As tecnologias, a exemplo dos aplicativos de mensagem instantânea e videochamadas, a internet e o telefone foram aliados e nos ajudaram a superar as barreiras que surgiram no percurso. A própria pandemia se tornou parte da história contida no trabalho, o que não estava no planejamento inicial.

Em outra frente, o resgate de alguns arquivos também se mostrou um trabalho difícil. Alguns materiais citados pelos entrevistados, não estavam mais disponíveis nos arquivos da TV Cabo Branco, nem na internet. Além disso, nem todas as imagens puderam ser encontradas no Centro de Documentação (CEDOC) da emissora. Segundo os responsáveis pelo setor, algumas cenas não ficaram gravadas quando houve a digitalização do material para as novas tecnologias de armazenamento. Outra dificuldade, é que as colunas políticas não ficaram armazenadas na íntegra. Por esse motivo, não pudemos resgatar alguns conteúdos das colunas de Paulo Santos e Giovanni Meireles.

Por outro lado, houve facilidades no acervo localizado na internet. Os serviços de vídeo do G1 e do Globoplay possuem, na íntegra, as colunas políticas desde a época de Arimatéa Souza, o que facilitou bastante o trabalho.

De todos os columnistas, não conseguimos uma imagem de arquivo de Paulo Santos. Ele não tem registros pessoais do trabalho e o CEDOC não disponibilizou a fotografia. Por outro lado, fomos abastecidos pelo CEDOC com outras imagens citadas durante o percurso do trabalho, bem como por reportagens. Além disso, complementamos o conteúdo do livro com fotos de arquivos pessoais dos entrevistados, que dispunham do material em casa.

Inicialmente, tínhamos em mente gravar trechos das entrevistas em vídeo, e fazer um trabalho que tivesse continuidade em plataformas digitais, paralelamente ao livro-reportagem. Para isso, gravamos reflexões de Nonato Guedes, Chico Maria e Paulo Santos falando, sobre suas perspectivas para o futuro da cobertura política. A pandemia do novo coronavírus, porém, não contribuiu para o amadurecimento dessa ideia. Tais materiais gravados permanecem guardados e poderão ser usados em outro trabalho futuro e até complementar ao livro-reportagem.

Apesar dos percalços, consideramos que a conclusão do presente trabalho nos fez atingir o objetivo do trabalho, qual seja, o de resgatar a memória da cobertura política no Bom Dia Paraíba. Tal memória poderia se perder com o tempo, tanto pela ausência de materiais gravados, quanto pela falta de um trabalho de escuta e registro das atividades feitas pelos profissionais aqui entrevistados. Um exemplo disso, é o jornalista Paulo Santos, que já por muitos anos vive em Campina Grande, sem que muitos soubessem, guardando para si informações preciosas sobre a época em que esteve na coluna de política de um dos principais telejornais do estado.

Nessa mesma perspectiva, sugerimos que novas pesquisas possam ser realizadas com o objetivo de ouvir profissionais, de outros veículos, que atuaram e atuam na cobertura política paraibana. Acreditamos que eles têm muito a contribuir, refletindo sobre o passado e sobre o presente, a partir de suas experiências e observações.

Paulo Santos, Giovanni Meireles, Gisa Veiga, Nonato Guedes, Otinaldo Lourenço, Arimatéa Souza e Laerte Cerqueira revelaram, no livro-reportagem, aspectos para além das notícias apresentadas, dos bastidores das coberturas e que só eram conhecidos por quem vivenciou os fatos a partir da perspectiva jornalística. Nesse sentido, seriam bem-vindos

também outros trabalhos mais específicos, voltados à história desses profissionais que detêm conhecimento muito rico a acrescentar na área de atuação de cada um.

Por fim, apesar das dificuldades apresentadas no meio do caminho, a confecção do trabalho foi um processo prazeroso e de muito aprendizado. No nosso entendimento, recontar as histórias presentes no livro (**Apêndice B**) foi um passo para a preservação da memória do telejornalismo, da história local, e esperamos que seja um gatilho para novas pesquisas nesse campo.

6 REFERÊNCIAS

ASSIS, Francisco de; MARQUES DE MELO, José. **Gêneros e formatos jornalísticos: um modelo classificatório**. Intercom, São Paulo, v.39, n.01, p.39-56, 2016.

BARRETO, Emanuel. **Jornalismo e política: a construção do poder**. Estudos em Jornalismo e Mídia, v.III, n.01, p.11-22, primeiro semestre de 2006

BARBOSA Marialva. **Comunicação e história: confluências**. p. 4-20. UTP. Interin. 2019. Vol24.N2. pp4-20

BOURDIEU, Pierre. **Sobre a Televisão**. Seguindo de a influência do jornalismo e Os Jogos Olímpicos. Rio de Janeiro, Jorge Zahar, 1997.

COOK, Timothy. O Jornalismo Político. **Revista Brasileira de Ciência Política**, Brasília, n. 6, 203-247, 2011.

FAUSTO NETO, Antônio. **Comunicação e política: conceitos e abordagens**. Salvador: Edufba, 105-126.

GRAY, David E. **Pesquisa no mundo real**. 2. ed. Porto Alegre: Penso, 2012.

LAKATOS, Eva Maria. **Fundamentos de metodologia científica I** Marina de Andrade Marconi, Eva Maria Lakatos. - 5. ed. - São Paulo : Atlas 2003.

LE GOFF, Jacques. **História e memória**. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 1990.

LIMA, Edvaldo Pereira. **Páginas ampliadas: o livro reportagem como extensão do jornalismo e da literatura**. 4ª. ed. Barueri: Manole, 2009.

LIMA, Edvaldo, Pereira. **Verbetes elaborados por Edvaldo Pereira Lima**. Edvaldo Pereira Lima [s.l.], [2013]. Disponível em: <https://www.edvaldopereiralima.com.br/verbetes-elaborados-por-edvaldo-pereira-lima/?print=pdf>. Acesso em: 24 nov. 2019.

MARCONDES FILHO, Ciro. **A Saga dos Cães Perdidos**. São Paulo: Hacker Editores, 2000.

NETO, Vladimir. **Lava-Jato: o juiz Sérgio Moro e a operação que abalou o Brasil**. Rio de Janeiro: Primeira Pessoa, 2016.

PAGLIA, Ernesto. **O Diário de Bordo do JN no Ar: cruzando o país numa cobertura histórica**. Rio de Janeiro, Globo, 2011.

LAKATOS, Eva Maria. **Fundamentos de metodologia científica** / Marina de Andrade Marconi, Eva Maria Lakatos. - 5. ed. - São Paulo : Atlas 2003.

MARTINS, Franklin. **Jornalismo Político**. 2º. ed. São Paulo: Contexto, 2013.

PALACIOS, Marcos. **Convergência e memória: Jornalismo, Contexto e História**. 2009. In: I Congresso Internacional de Ciberperiodismo y Web.

PEREIRA, Fábio; NEVES, Laura. **Entrevista de pesquisa com jornalistas: algumas estratégias metodológicas**. Intexto, Porto Alegre, UFRGS, n.29, p. 35-50, dez. 2013.

PENA, Felipe. O jornalismo literário como gênero e conceito. In: Encontro dos Núcleos de Pesquisa da Intercom, 2006, Rio de Janeiro. **Anais eletrônicos...** Rio de Janeiro, UFF, 2006. Disponível em:
<http://www.portcom.intercom.org.br/pdfs/77311256385591019479200175658222289602.pdf>. Acesso em: 24 nov. 2019.

PORTO, Mauro. **Comunicação e política: conceitos e abordagens**. Salvador: Edufba, 73-104.

SEABRA, Roberto. SOUSA, Vivaldo de. (orgs.) **Jornalismo Político: Teoria, História e Técnicas**. Rio de Janeiro: Record, 2006.

SILVA, Gislene. **O fenômeno noticioso: objeto singular, natureza plural**. In: Estudos em Jornalismo e Mídia. n.02, p.9-15, 2009.

TRAQUINA, Nelson. **Teorias de Jornalismo: porque as notícias são como são**. 2º ed. Florianópolis: Insular, 2005.

WOLF, Mauro. **Teorias da Comunicação**. 8ª ed. Lisboa: Editorial Presença, 1999.

XAVIER, Cadu. **Surgimento do Jornalismo Literário**. Diário Mackenzista. [S.L.] 2010.

Disponível em:

<http://www.caduxavier.com.br/mackenzie/index.php?option=com_content&view=article&id=483:surgimento-do-jornalismo-literario&catid=89:texto-iii&Itemid=59>. Acesso em: 24 nov. 2019.

APÊNDICE A

Roteiro de perguntas aplicado aos jornalistas envolvidos na cobertura política do Bom Dia Paraíba

- ✓ Qual sua formação?
- ✓ Como se iniciou sua trajetória no jornalismo?
- ✓ Em que ano você começou a comentar política no Bom Dia Paraíba? Como surgiu o convite?
- ✓ Qual era o contexto político da época?
- ✓ Quais eram as características da cobertura que você fazia?
- ✓ Quanto tempo tinha o noticiário político?
- ✓ Havia comentário no telejornal?
- ✓ O noticiário era mais informativo ou opinativo?
- ✓ Por quanto tempo você ficou no Bom Dia Paraíba?
- ✓ Pode contar uma cobertura marcante no seu período no Bom Dia Paraíba? Como foi aquela cobertura?
- ✓ Como eram os bastidores da cobertura?
- ✓ Havia recomendações editoriais?
- ✓ Que personagens importantes da política você entrevistou?
- ✓ Há alguma curiosidade que você destaca, que marcou esse tempo de cobertura política?
- ✓ Que profissionais participavam da cobertura com você?
- ✓ Como foi sua despedida do telejornal?

APÊNDICE B

FELIPE NUNES

BOM DIA PARAÍBA

A HISTÓRIA DE UM
TELEJORNAL QUE JÁ
NASCEU POLÍTICO

APRESENTAÇÃO

Todos os dias, a partir das seis horas da manhã, a TV Cabo Branco - afiliada da Globo na Paraíba-, exibe, para todo o estado, uma nova edição do Bom Dia Paraíba, telejornal atualmente apresentado por Denise Delmiro e pelo jornalista Pedro Canísio. Criado em 1987, o programa já se tornou rotina nas manhãs dos telespectadores paraibanos, tendo como um dos ingredientes, a política.

O telejornal possui atualmente duas horas e vinte minutos de produção, de segunda a sexta, com quadros fixos sobre cultura, direitos trabalhistas e previdenciários, além da coluna de política e reportagens sobre economia, saúde e temas do cotidiano. Uma das marcas do telejornal é a cobertura ao vivo de fatos que ocorreram nas primeiras horas do dia, a exemplo de operações policiais que não raro envolvem figuras conhecidas do poder.

A política, aliás, tornou-se uma marca do telejornal. O quadro destinado a assuntos da área é, atualmente, comandado pelo jornalista Laerte Cerqueira, doutor em Comunicação, que apresenta em estúdio, através de um enfoque interpretativo dos fatos, o que ocorre nos bastidores e nos atos governamentais e que atingem a vida das pessoas.

Segundo um levantamento realizado para a elaboração deste livro, o Bom Dia Paraíba é o único a contar com um comentarista de política, no estúdio, entre os telejornais regionais feitos no Nordeste, na mesma faixa de horário, exibidos tanto pela emissora própria da Rede Globo (no Recife), como por suas afiliadas na região. Esse fato demonstra o peso e a importância dessa editoria para os telespectadores do estado paraibano.

A essência do Bom Dia Paraíba, aliás, nasceu por meio da política. O telejornal começou com entrevistas especiais com personagens que se destacavam no contexto de 1987, período de início da redemocratização. Essas entrevistas eram comandadas pelos jornalistas Nonato Guedes e Otinaldo Lourenço, que conversavam, na bancada do telejornal, com personagens proeminentes da Paraíba e do Brasil.

Ao longo dos anos, o formato do telejornal foi se modificando. Entrevistas, comentários, reportagens informativas e colunismo logo se misturaram, mas o ingrediente político nunca foi esquecido, apesar de ficar diluído, com o passar dos anos, numa grade bastante diversificada.

Durante cerca de 34 anos, o Bom Dia Paraíba ajudou a contar a história da política da Paraíba através dos jornalistas que fizeram parte dessa cobertura e, através dela, não só relataram o que viram, mas muitas vezes foram testemunhas da história, ali mesmo enquanto noticiavam os fatos.

O objetivo do presente livro-reportagem, portanto, é resgatar essa história, a partir da visão desses profissionais, que não somente testemunharam, mas muitas vezes participaram dos acontecimentos históricos enquanto jornalistas.

Fizeram parte da cobertura política do Bom Dia Paraíba os jornalistas Nonato Guedes, Otinaldo Lourenço, Chico Maria, Paulo Santos, Giovanni Meireles, Gisa Veiga, Arimatéa Souza e, por último, Laerte Cerqueira. Cada um contribuiu, à sua maneira, para a cobertura de fatos que marcaram o estado.

Esperamos que este livro-reportagem provoque a curiosidade de estudantes e pesquisadores para a discussão sobre os temas políticos, com olhos para o futuro, mas que também traga reflexões sobre o passado, que não pode ser esquecido como forma de aprendizado.

Com o objetivo de introduzir outros aspectos desta história, convidamos o escritor e historiador José Otávio de Arruda Melo, que através do prefácio a seguir, nos conta um pouco sobre as circunstâncias que marcaram o contexto do surgimento do Bom Dia Paraíba, em 1987, e acerca do papel da imprensa paraibana ao noticiar os fatos da política do estado neste intervalo de tempo que se processa até os dias atuais.

PREFÁCIO:**FELIPE NUNES E A TELEVISÃO COMO FONTE HISTÓRICA**

por José Octávio de Arruda Melo¹²

A extraordinária velocidade com que os acontecimentos se desenvolvem, em nossos dias, tem levado à ampliação das chamadas fontes históricas. Um deles passa a ser a televisão, o que explica recentíssimo livro do jornalista Pedro Bial, reproduzindo entrevistas da TV Globo, pela madrugada adentro. Uma delas, prestada pelo ex-presidente Barack Obama, tornou-se antológica, pelo contraponto firmado com o sucessor Donald Trump.

Não é preciso, todavia, recorrer ao plano universal, para comprovarmos a validade dessa nova técnica historiográfica. Aqui mesmo, na Paraíba, o periodista Felipe Nunes enveredou por idêntico caminho, com o aliciante “Bom Dia Paraíba, a história de um telejornal que já nasceu político”.

Como na titulação, trata-se do autorizado resumo de programa televisivo que “Durante cerca de 34 anos, (...) ajudou a contar a história da política da Paraíba através dos jornalistas que fizeram parte dessa cobertura, e através dela, não só relataram o que viram, mas muitas vezes foram testemunhas da história, ali mesmo enquanto noticiavam os fatos”.

Na consulta ao texto, o que se pode perceber é que Nunes alcançou os objetivos. Nesse sentido, o autorizado repórter do Sistema Arapuan de Comunicação amplificou-se para, através de uma sequência televisiva, converter-se em historiador para oferecer autêntico retrospecto de trinta e quatro anos de História da Paraíba.

Confundindo-se com a democracia, o programa inicialmente apresentado pelos jornalistas Nonato Guedes e Otinaldo Lourenço, sob as bênçãos do consagrado Aldo Schueler, despontou-se após o ciclo militar, quando o Brasil era governado por José Sarney e a Paraíba por Tarcísio Burity, como democratas egressos do interior do regime castrense.

¹² Historiador de ofício, com mestrado, doutorado e pós-doutorado em História Social, pelas UFPE, USP e IEB/USP. Integrante dos IHGB, IHGP, APL, API e Centro Internacional Celso Furtado. Autor de Nova História da Paraíba - das Origens aos Tempos Atuais (2019) e A Arapuan e a rádio paraibana - Uma biografia dual (2020).

Os entrevistadores, então, não perderam tempo. Dotados de boa dicção e empostação adquirida no rádio, de onde provinha a televisão, Nonato e Otinaldo fizeram com que “O Bom Dia Paraíba apresentasse, diariamente, três entrevistas com duração de dez minutos cada, totalizando meia hora de conteúdo gravado. O contexto político da época, aliado ao formato do telejornal, contribuiu fortemente para que a história dos principais fatos políticos da Paraíba e do Brasil fossem noticiados no programa jornalístico”.

Nomes nacionais também se debruçaram na bancada do telejornal, a exemplo dos pré-candidatos à Presidência Luiz Inácio Lula da Silva, Ulysses Guimarães e Aureliano Chaves, em 1989, passando pelo então senador Fernando Henrique Cardoso, até figuras ‘folclóricas’ da política, a exemplo de Luiz Carlos Prestes, o líder revolucionário da esquerda.

Os êxitos, então, se sucederam. Apresentaram-se João Agripino, simulando fumar em público e defendendo-se das cassações do regime militar. Lula da Silva explicando o salto da metalurgia para as fronteiras da Presidência da República. Ulysses Guimarães pregando o crescimento da economia. Luiz Carlos Prestes recusando o mito da defesa de Stalingrado. Aureliano Chaves revelando conhecimento dos problemas brasileiros. Ronaldo Cunha Lima explicando o porquê dos tiros deferidos contra Tarcísio Burity.

Na evolução do “Bom Dia Paraíba”, nem tudo, porém, foram flores. Algumas entrevistas frustraram-se, como a do compositor Geraldo Vandré, nervosamente indisposto com o gracejo de Otinaldo Lourenço.

Mesmo assim, o programa seguiu em frente como espécie de termômetro da política. Para tanto, contribuiu a emersão de novos entrevistadores, como o festejado Chico Maria, [tendo no currículo entrevistas com] “o escritor Ariano Suassuna, o Polêmico Teólogo Leonardo Boff, o jogador Pelé, o comunista Luiz Carlos Prestes, o arcebispo Dom Hélder Câmara e o então governador de Alagoas, Fernando Collor. O sucesso dessas edições, acrescidas de outras, como a de Frei Damião, fez-se tão manifesta que Chico delas se valeu para preparo da coletânea Confidencial, editado em Campina Grande.

Com mais de três décadas no ar, seria natural que o Bom Dia Paraíba da TV Cabo Branco incorporasse, entre produtores e apresentadores, nomes da melhor categoria. Por conta disso é que, sem perder o prumo da contribuição com que enriquece nossa historiografia televisiva,

Felipe Nunes também se ocupa de Erialdo Pereira, o casal Giovanni Meireles-Bette Menezes, Paulo Santos e, principalmente, o campinense Arimatéa Souza.

Valendo-se dessas inflexões, Bom Dia Paraíba: a História de um telejornal que já nasceu político envereda por alguns dos mais palpitantes assentimentos políticos nacionais e paraibanos. Tais a desistência da candidatura presidencial de Brizola em 2002. Choque entre os grupos Maranhão e Cunha Lima, dentro do PMDB. Rompimento da barragem de Camará. Declínio do governador Ricardo Coutinho, enredado nas malhas da Operação Calvário, e, enfim, o cotidiano das eleições de 2020.

Sem perder de vista a evolução tecnológica da sequência que passou das gravações para a apresentação ao vivo, Felipe Nunes também percebeu que o programa de que se ocupa também enlargueceu a pauta para ocupar-se de questões correlatas à política, como a Operação Xeque-Mate, deflagrada em Cabedelo. Despontam, então, então novos apresentadores [e repórteres] como Denise Delmiro, Danilo Alves, Larissa Pereira e a incomparável Silvia Torres.

Por tudo isso, Bom Dia Paraíba: a História de um telejornal que já nasceu político, constitui criação que amplia os horizontes de nossa historiografia. Seu alcance, foi, aliás, bem percebido pelo autor:

“O Bom Dia Paraíba, em maior ou menor intensidade, a depender da época, sempre teve a política em sua grade de programação - acompanhando o gosto peculiar do paraibano pelo envolvimento com as notícias dos três Poderes.

O telejornal que começou com entrevistas e num modelo ainda bastante artesanal de se fazer jornalismo na TV, ganhou novos formatos, cenários e tecnologias de última geração, mas o noticiário político se manteve firme, sob as mãos de muitos profissionais. Destacaram-se nesse período os pioneiros Nonato Guedes, Otinaldo Lourenço e Chico Maria, que comandaram grandes entrevistas, passando por Paulo Santos, Giovanni Meireles e Arimatéa Souza, que estiveram à frente da fase do colunismo político. Não menos importante é o período atual, de Laerte Cerqueira, de interpretação dos fatos. Cada um, em seu tempo, contribuiu com essa história.

SUMÁRIO

O NASCIMENTO DO BOM DIA PARAÍBA E O RENASCIMENTO DA DEMOCRACIA.....	07
AS ENTREVISTAS QUE MARCARAM.....	18
UM OUSADO ENTREVISTADOR NA BANCADA.....	29
A VEZ DO COLUNISMO.....	33
O BATE-BOLA.....	42
A VEZ DA MULHER.....	47
MINUTO DA POLÍTICA: A VISÃO CRÍTICA DO JORNALISTA ARIMATÉA SOUZA..	49
A INTERPRETAÇÃO DOS FATOS.....	65

O NASCIMENTO DO BOM DIA PARAÍBA E O RENASCIMENTO DA DEMOCRACIA

A Paraíba era governada por Tarcísio de Miranda Burity e o país ainda vivenciava os primeiros anos da redemocratização, sob o governo de José Sarney, quando o Bom Dia Paraíba foi ao ar pela primeira vez, em fevereiro de 1987.

Com viés político e um direcionamento editorial voltado a entrevistas, o telejornal era apresentado por Aldo Schueler e a cobertura política ficava sob responsabilidade dos jornalistas Nonato Guedes e Otinaldo Lourenço, contratados na época como locutores-entrevistadores.

Figura 1: Vinheta do Bom Dia Paraíba nos primeiros anos do telejornal



Fonte: Quadro #TBT do JPB2 / Globoplay

O noticioso era gravado na noite anterior e tinha uma hora de exibição. O modo de se fazer jornalismo naquele contexto era bastante rudimentar em termos tecnológicos: em vez de computadores, máquinas de datilografia. Não havia internet nem aplicativos como o *WhatsApp* (serviço de mensagens pela internet que pode ser usado no computador ou no celular), mas somente telefones com fio na redação e aparelhos de fax.

Em vez de teleprompter¹³, no estúdio eram usados o texto datilografado no papel e câmeras com poucas tecnologias se comparadas aos equipamentos digitais de hoje. As ruas e as sedes dos três Poderes eram os principais alvos dos repórteres, que além da notícia, buscavam a entrevista que alimentaria a edição do dia seguinte.

Mas antes de falar sobre o Bom Dia Paraíba, é importante tratar sobre uma figura central, que teve um papel fundamental na formação do telejornal. De origem humilde, Nonato Guedes já havia percorrido uma longa trajetória até chegar às telas da TV Cabo Branco, em João Pessoa, capital paraibana. Sua carreira teve início no ano de 1978, aos 30 anos de idade, influenciado pelas emissoras de rádio de Cajazeiras, no interior da Paraíba, que dominavam a comunicação. Incentivado pela família a perseguir seu desejo, o trabalho dele ficou conhecido através das ondas do rádio sertanejo. A Difusora Rádio Cajazeiras foi seu ponto de partida. Contratado inicialmente como *office boy*, ele foi atraído cada vez mais para dentro do estúdio e pelos microfones, a despeito de quem, até aquele momento, não enxergava nele talento algum para a comunicação.

Impulsionado por um sonho antigo, Nonato decidiu fazer um curso de datilografia para trabalhar na redação da empresa, mesmo tendo recebido sucessivos ‘nãos’ do então diretor da rádio, o jornalista Mozart Assis. A ousadia e persistência do jovem, no entanto, fizeram com que ele fosse finalmente contratado para trabalhar na redação da empresa.

Foi ali o primeiro passo em direção ao jornalismo político, quando Nonato começou a se destacar pelos textos que escrevia, tendo sido posteriormente convidado pela rádio Alto Piranhas, em Cajazeiras, para montar o departamento de jornalismo da emissora, que acabara de ser criada.

Na época, Nonato levou consigo nomes que se destacavam juntamente a ele, a exemplo do jornalista Gutemberg Cardoso, que dava seus primeiros passos no rádio. Em 1978, Nonato foi chamado para João Pessoa, onde trabalhou nos principais veículos de comunicação, a exemplo dos jornais Correio da Paraíba, O Momento e O Norte, e nas rádios Arapuan e Tabajara. O trabalho de Nonato transbordou os limites da Paraíba e ele exerceu a função de

¹³ Equipamento que funciona acoplado às câmaras e que exibe o texto a ser lido pelo apresentador do telejornal ou repórter.

correspondente do jornal O Estado de São Paulo durante sete anos, até ser convidado para comandar o noticiário político no Bom Dia Paraíba, o novo projeto da TV Cabo Branco¹⁴.

A rotina nos primórdios do Bom Dia Paraíba

A passagem de Nonato Guedes pelo Bom Dia Paraíba se deu em dois momentos distintos. O primeiro foi entre 1987 e 1989, e depois de 1990 a 1991. Nesses períodos, ele dividiu a bancada com o contemporâneo jornalista Otinaldo Lourenço, que ficou no telejornal até 1995.

Ambos eram contratados pela TV Cabo Branco para comandar entrevistas políticas em estúdio. Na época, a voz tinha um impacto muito forte na televisão, graças ao poder e à força da radiodifusão em todo o país.

Diferentemente do que ocorre atualmente, nos primórdios o Bom Dia Paraíba era dedicado principalmente a entrevistas. O telejornal tinha um forte viés político. O conteúdo era gravado na tarde ou na noite anterior e, na maioria das vezes, contava com a participação de figuras destacadas da política local.

No início, o telejornal também foi apresentado pelo jornalista Aldo Schueler, que trazia o conteúdo informativo. Os locutores-entrevistadores Nonato Guedes e Otinaldo Lourenço eram responsáveis por cuidar da cobertura política em estúdio. Entrevistas e comentários estavam sob a responsabilidade deles.

¹⁴ Emissora fundada em 1986 como afiliada da Rede Bandeirantes. Desde 01 de janeiro de 1987, retransmite o sinal da TV Globo.

Figura 2 - Aldo Schueler apresenta a primeira edição do Bom Dia Paraíba



Fonte: Arquivo pessoal

- Em meio à euforia pela estreia, um misto de nervoso e felicidade nos alcançava. Afinal, havíamos passado uma madrugada inteira gravando o programa. Era uma equipe bastante grande. Tudo era feito com muito cuidado, com muita responsabilidade na edição, no corte, na exibição. A equipe operacional era formada por jovens recém treinados e saídos da Escola Técnica Federal da Paraíba. No estúdio não havia teleprompter, o telejornal era apresentado, lido diretamente no script¹⁵. A atenção tinha que ser redobrada para não pular nenhuma linha e interromper de forma grosseira a leitura do texto. Eu mesmo lia esse script umas dez vezes antes de entrar no ar. Não desgrudava do editor de texto. Adrenalina lá nas alturas, relembra Aldo Schueler.

O Bom Dia Paraíba apresentava diariamente, três entrevistas com duração de 10 minutos cada, totalizando meia hora de conteúdo gravado. O contexto político da época, aliado ao formato do telejornal, contribuiu fortemente para que a história dos principais fatos políticos da Paraíba e do Brasil fossem noticiados no programa jornalístico.

Nomes nacionais também se debruçaram na bancada do telejornal, a exemplo dos pré-candidatos à Presidência Luiz Inácio Lula da Silva, Ulysses Guimarães e Aureliano Chaves, em 1989, passando pelo então deputado Fernando Henrique Cardoso, até figuras ‘folclóricas’ da política, a exemplo de Luís Carlos Prestes, o líder revolucionário da esquerda.

¹⁵ Roteiro do telejornal formado pelo conjunto de laudas das matérias na ordem em que vão ao ar.

Após experimentar a primeira fase exclusivamente com conteúdo gravado, que iniciou a partir de fevereiro de 1987, a equipe da TV Cabo Branco decidiu dar um passo adiante. Um ano depois da estreia, a emissora colocou no ar a primeira edição do Bom Dia Paraíba totalmente ao vivo. Isto ocorreu no dia 08 de março de 1988, às 7h30, pontualmente. Naquele dia, ainda sob o comando de Aldo Schueler, o noticioso levou ao ar entrevistas com o governador Tarcísio Burity, eleito por via democrática um ano antes, e o recém-eleito prefeito de Campina Grande, Ronaldo Cunha Lima. *“Uma mistura de nervoso e felicidade. Existia já a frase: ao vivo é outra coisa. (Risos). Eu saí do estúdio muito, mas muito feliz. Dever cumprido. Tinha toda uma expectativa do jornalismo, da operação e técnica. Tudo tinha que dar certo. E deu”*, recorda Aldo.

Um dos personagens centrais nesta história foi o então editor regional das TVs Cabo Branco e Paraíba, Erialdo Pereira, falecido em 2016, responsável por escalar o elenco que colocou o Bom Dia Paraíba no ar e, por muito tempo, pelo formato ao qual o telejornal se adequou. No ano de 2007, ele concedeu entrevista à TV Cabo Branco, quando recordou a estreia do telejornal e citou o acervo construído pelo programa.

Figura 3: Jornalista Erialdo Pereira concede entrevista à TV Cabo Branco



Fonte: TV Cabo Branco/ Especial TVs Cabo Branco e Paraíba

- Quando o Bom Dia Paraíba começou a ir ao ar, tornou-se praxe a passagem de autoridades pelas dependências da televisão. Um dos visitantes, assim, mais ilustres foi a do ministro da Fazenda, Maílson da Nóbrega, que era irmão de um de nossos companheiros. Ele

era irmão de Milton da Nóbrega, nosso diretor de arte, que foi responsável por essa marca belíssima da TV Cabo Branco, lembrou Erialdo.

A última entrevista do ex-governador João Agripino

O Bom Dia Paraíba já começou em um momento marcante da história local. O jornalista Nonato Guedes propôs à equipe de jornalismo da TV Cabo Branco gravar entrevistas especiais com personagens cruciais da história da política paraibana. O projeto consistia em gravar participações com os principais nomes da época. O objetivo era discutir os fatos daquele contexto, resgatando acontecimentos do passado e as histórias de vida dos personagens.

- Eu idealizei uma proposta na TV, com apoio da direção e do jornalismo, para a gente fazer uma espécie de memorial. Pegar os personagens históricos, que já estavam mais ou menos com certa idade e, depois de abordar temas atuais, para a edição normal, se aprofundar em temas históricos, recordou Nonato.

Sobre isso, Nonato lembra como se fosse hoje. Segundo ele, o escolhido para inaugurar a série de entrevistas especiais, pouco tempo após a estreia do Bom Dia Paraíba, foi o ex-governador João Agripino, que dirigiu o estado entre os anos de 1966 a 1971. Agripino era um personagem polêmico e de forte relevância estadual.

As entrevistas eram gravadas na noite anterior à exibição, numa tecnologia ainda bastante limitada. Mas o estilo rudimentar de se produzir o telejornal ‘salvou’ a equipe de alguns imprevistos. Segundo Nonato, um desses imprevistos aconteceu durante a entrevista com João Agripino e marcou sua passagem pela emissora.

Isso porque, durante o bate-papo ‘quente’ sobre a política estadual, o ex-governador resolveu sacar do bolso um cigarro, como se fosse fumar dentro do estúdio da emissora. Nonato Guedes lembra que ficou numa ‘saia justa’.

- Houve um incidente, pois João Agripino inventou de pegar um cigarro e um isqueiro, e ficou com aquele cigarro dançando na mão dele, e respondendo as perguntas, e nós achávamos que ele ia acender a qualquer momento. E se acendesse, podia queimar tudo, ninguém sabia o que podia acontecer. Eu fiquei em parafuso, tentando fazer sinal a ele fora das câmeras. Para

o público, deu a impressão que ele estava fumando, mas ele não estava fumando, lembrou Nonato Guedes.

Figura 4 - João Agripino tira um cigarro do bolso durante entrevista ao Bom Dia Paraíba



Fonte: Especial 20 anos das TVs Cabo Branco e Paraíba¹⁶

Já se esperava que aquela entrevista seria polêmica, pois João Agripino foi apoiador do golpe que instaurou o regime militar. Ele também foi deputado federal e ministro de Minas e Energia do governo federal na presidência de Jânio Quadros e tinha muitas informações sobre os bastidores da República.

Nonato lembra que, apesar da tensão quando o político sacou o cigarro do bolso, a entrevista não podia parar e o ex-governador continuou, durante a gravação, com o cigarro na mão, como se fosse acendê-lo a qualquer momento. O medo é que o cigarro pudesse provocar um incêndio, tendo em vista o material de fácil combustão que compõem o cenário do telejornal.

Para o alívio da equipe, o pior não aconteceu, mas para o público que estava em casa, o “acendimento” do cigarro havia se consumado e isso bastou para o assunto entrar na ordem do dia. Na época, não havia redes digitais, mas o tema “viralizou” nas esquinas, bares e nas rodas de conversa da capital, João Pessoa.

¹⁶ Especial 20 anos das TVs Cabo Branco e Paraíba . Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=5BL4QNZEvC0>. Acesso em: 07 ago. 2020.

Figura 5 - João Agripino olha para o lado após tirar o cigarro do bolso, enquanto Nonato Guedes sorri.



Fonte: Especial 20 anos das TVs Cabo Branco e Paraíba¹⁷

Segundo Nonato, no dia seguinte a impressão do público nas ruas é que o ex-governador tinha realmente fumado durante a entrevista. O político precisou utilizar-se da imprensa, posteriormente, para desmentir a informação.

Além do cigarro, a entrevista gerou repercussão por outras razões. Apesar do incidente, o conteúdo da entrevista foi considerado um ‘furo’. João Agripino não só comentou os temas factuais, que envolviam o cenário político nacional, mas também histórias inéditas e de bastidores da política paraibana.

O ex-governador discorreu sobre os anos em que governou a Paraíba, revelou fatos sobre a relação com os adversários políticos ao longo dos anos e abriu o jogo sobre bastidores da ditadura militar. Nonato Guedes lembra que o político contou casos que o estado jamais tomaria conhecimento se não fosse a entrevista ao Bom Dia Paraíba.

- Foi um depoimento histórico dele sobre episódios até polêmicos. Dizia-se muito aqui na Paraíba que ele tinha sido o mentor da cassação de vários políticos, como Ronaldo Cunha Lima, Pedro Gondim. E ele negou. Então, foi um depoimento muito forte, disse Nonato.

João Agripino morreu poucas semanas depois da entrevista. Os trechos mais palpitantes, que não haviam sido divulgados pela emissora, foram exibidos no dia do velório, em oito de fevereiro de 1988, em homenagem ao ex-governador. O programa especial foi veiculado dentro do Palácio da Redenção, sede do Poder Executivo estadual, onde o velório ocorria.

¹⁷ Especial 20 anos das TVs Cabo Branco e Paraíba . Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=5BL4QNZEvC0>. Acesso em: 15 ago. 2020.

Nonato recorda ainda outro fato curioso: no dia das gravações no estúdio da TV Cabo Branco, o filho de João Agripino, Gervásio Maia, pressentiu a morte do pai:

- Ele se sentiu um pouco mal. Ele me chamou no final da entrevista e disse, 'Isso é para a História, não é?', já prevendo a morte do seu pai. E eu disse que é história; mas que não era prevendo a morte do seu pai.

Nonato Guedes lembra que, embora aquele momento tenha sido difícil, foi um episódio importante da vida profissional dele.

- Porque se concretizou, até com certa rapidez, eu tive a oportunidade de anunciar a última entrevista que ele havia concedido. (...) É a mesma sensação que um jornalista tem de dar um furo jornalístico, e eu achei um marco histórico, destacou.

Geraldo Vandré na bancada

Quando se fala em ditadura militar, um dos primeiros nomes que vêm à mente da geração que viveu os anos de Chumbo é o de Geraldo Vandré. O cantor, que se tornou símbolo da resistência estudantil contra a ditadura militar, também esteve presente nos estúdios do Bom Dia Paraíba para uma entrevista exclusiva.

O compositor da música 'Para não dizer que não falei das flores', que poucas vezes em sua vida de militante e artista se deixou ser entrevistado, aceitou participar de uma conversa jornalística com os jornalistas Nonato Guedes e Otinaldo Lourenço.

Mas a entrevista, na hora 'H', foi pelo ralo. Conta Nonato Guedes que, antes de iniciar a conversa com o artista, Otinaldo Lourenço resolveu citar um apelido de Vandré, da época em que estudavam juntos no Colégio Lyceu Paraibano, em João Pessoa.

- Conseguimos levar ele para o estúdio, só que quando estávamos testando o microfone, (...) quando chegou a vez de Otinaldo, que sempre foi brincalhão, ele foi testar o microfone recorrendo a um apelido de escola de Vandré no Lyceu Paraibano, aí testou o microfone dizendo 'Como vai o Galego da bunda?', e o Vandré ficou agoniado, então virou-se pra mim tentando arrancar o microfone e disse, 'Eu não vou dar a entrevista, eu fui insultado e quero saber como tira esse microfone', e perdemos a entrevista.

Nonato Guedes lembra, com certo gosto de decepção, que o artista saiu correndo pelos corredores da TV Cabo Branco e não quis saber da entrevista, para ‘desespero’ da equipe, que tentava sem sucesso contornar a situação.

Apesar da entrevista não ter sido feita com Vandré, o episódio acabou marcando a história de bastidores do telejornal, afinal, jornalismo também é feito de dissabores e imprevistos que desafiam os profissionais da área.

Hoje, em situações como esta, quando a entrevista é cancelada durante uma gravação, a solução é quase imediata: além dos materiais de gaveta¹⁸ ou dos *links*¹⁹ que podem ‘salvar’ o jornal, há recursos de comunicação que facilitam a marcação de uma nova entrevista. Nos primórdios do Bom Dia Paraíba, no entanto, a história era bem diferente.

- Aí você pergunta, o que a gente fazia nessa hora? A gente ia para a calçada da Cabo Branco para pegar ‘no tapa’ quem passasse, vê se tem alguém que passe. Nessa altura não dava para acordar um secretário de estado, por mais amigo que fosse seu. E era um suplício para você encontrar. Às vezes, a gente encontrava um deputado que passava casualmente, um empresário, um líder sindical, e tal, chegava lá, colocava um paletó nele, e dizia: agora você vai participar de uma entrevista. (...), havia essas coisas, relatou Nonato.

Figura 6: Beth Meneses, a nova apresentadora a partir de 1990, ao lado do então editor Heranir Fernandes

¹⁸ Reportagens que ficam guardadas no arquivo da redação, atemporais, e que podem ser usadas quando houver espaço na grade do telejornal ou quando ‘cai’ alguma reportagem factual, por exemplo.

¹⁹ Como os jornalistas chamam as notícias transmitidas ao vivo fora do estúdio, enquanto o telejornal está no ar.



Foto: Arquivo pessoal do jornalista Heranir Fernandes

Passada esta primeira fase, marcada pela apresentação inicial de Aldo Schueler, o Bom Dia Paraíba passou a ser apresentado, a partir de 1990, por uma apresentadora mulher: Beth Meneses. O conteúdo político continuou em evidência no telejornal, com as presenças de Nonato e Otinaldo à frente da cobertura. Beth Meneses ficou à frente do programa até o ano de 2008, tendo sido a apresentadora que por mais tempo apresentou o Bom Dia Paraíba.

AS ENTREVISTAS QUE MARCARAM



Fonte: Especial 'Tempo de 30', da TV Cabo Branco²⁰

Otinaldo Lourenço de Arruda Mello, em parceria com Nonato Guedes, cobriu algumas das entrevistas que marcaram a história do telejornal. Jornalista, radialista, advogado, ele iniciou sua trajetória na cobertura política em 1950, quando foi convidado para comandar a Rádio Arapuan, um projeto que transformou a cara do jornalismo produzido em João Pessoa. “Mesa de Redação”, “Jornal Sensacional”, “Antena Política”, “Dramas e Comédias da Cidade” e “Plantão Arapuan” estão entre os programas que ele criou durante os 20 anos em que esteve à frente do projeto.

A chegada do radialista à televisão ocorreu em abril 1987, logo no início do Bom Dia Paraíba, a convite do diretor-geral da TV Cabo Branco, Aloisio Moura. Durante oito anos de cobertura, ele fez entrevistas com alguns dos nomes mais conhecidos da política nacional naquela época.

Foi ele o responsável por entrevistar nomes como Luiz Inácio Lula da Silva (PT), quando era deputado e candidato a presidente da república em 1989; Ulysses Guimarães (PMDB), o símbolo da Constituição de 1988, além do ex-vice-presidente da república,

²⁰ Especial 20 anos das TVs Cabo Branco e Paraíba . Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=5BL4ONZEyC0>. Acesso em: 15 ago. 2020.

Aureliano Chaves, e o petebista Brizola. Também marcou a trajetória dele uma entrevista com o comunista Luís Carlos Prestes.

Para comentar esses episódios, o jornalista foi entrevistado pela apresentadora Edilane Araújo, no ano de 2017, no próprio Bom Dia Paraíba. O objetivo foi relembrar fatos que marcaram a trajetória do jornalista enquanto esteve na bancada do telejornal. Na ocasião, Otinaldo falou sobre os bastidores de algumas das principais entrevistas comandadas por ele no Bom Dia Paraíba.

Figura 8: Otinaldo Lourenço entrevista Lula em 1989



Fonte: Centro de Documentação (CEDOC) da TV Cabo Branco

O dia em que entrevistou o então deputado Lula da Silva, quando era candidato à presidência da república pela primeira vez, em 1989, foi um dos mais emblemáticos. Em maio daquele ano, o petista veio à Paraíba intensificar sua agenda eleitoral. O bate-papo foi conduzido nos estúdios da TV Cabo Branco.

- Me surpreendeu muito a entrevista dele, pois eu achei muito perspicaz nas respostas, disse Otinaldo.

A entrevista começou com a seguinte pergunta:

- Deputado, como é que o senhor se sente assim, de operário a candidato à presidência da república? Não é um pulo muito alto, não?, questionou Otinaldo.

- Não, veja, eu acho que é um pulo normal, de um operário que passou pela atividade sindical, que adquiriu consciência política, que participou de todos os debates acontecidos nos últimos 10 anos. Que embora não tenha um diploma universitário, adquiriu uma experiência política que poucos têm nesse país. Eu acho que estou preparado, calejado para isso, e acho que a sociedade brasileira está precisando efetivamente de alguém que tenha o mínimo de vivência dos problemas da própria sociedade, respondeu o petista.

Lula foi questionado, também, sobre estar caindo nas pesquisas eleitorais em relação às outras candidaturas. Ele respondeu que não tinha preocupação com aqueles números e disse que o então candidato favorito, Fernando Collor de Mello, não chegaria ao segundo turno das eleições.

- Como é que o senhor entende essa reviravolta das pesquisas de opinião pública?, perguntou Otinaldo.

- Nunca me preocupei com pesquisas de opinião pública. Acho que por mais que tenham valor científico, não podemos levar a sério uma pesquisa feita em maio, para uma eleição que se dará em novembro. Ou seja, nós sabemos que existe a campanha justamente para que cada partido político e cada candidato possa tentar convencer a opinião pública. Eu acho que nós vamos chegar ao segundo turno, estou convencido. Digo ao povo paraibano que o Partido dos Trabalhadores, da Frente Brasil Popular, chega ao segundo turno. Não sei quem vai disputar com a gente. Ouso afirmar para você, que o Collor não chega no segundo turno. Acho que ninguém consegue fazer uma campanha com essa falsidade do conteúdo, do programa, eu acho que não dá pra você ganhar uma eleição se você não tenha uma proposta concreta de programa para esse país, para tirar o país do sufoco, disse Lula.

A eleição presidencial de 1989 no Brasil ocorreu em dois turnos e foi a primeira após a promulgação da Constituição de 1988. O primeiro turno foi realizado em 15 de novembro de 1989, e o segundo em um domingo, 17 de dezembro de 1989. No total, 22 candidatos a presidente participaram do pleito.

Numa disputa bastante acirrada, e no contexto da queda do muro de Berlim, quando estavam em forte discussão temas como o capitalismo e o comunismo, Collor de Melo conquistou a vitória com 50,01% dos votos, 5,71% a mais que o adversário petista, no segundo

turno do pleito. Questionado se havia interferências editoriais em seu trabalho, Otinaldo disse, em entrevista para este livro-reportagem, que não havia um *script* pronto.

- Eu não recebia nada escrito. Eu era livre e tinha total liberdade para fazer as perguntas que eu achava que o povo queria saber. Eu sempre fui um profissional liberal e acho que eu não teria ficado muito tempo se houvesse perguntas prontas. A direção me deixava livre para fazer qualquer tipo de pergunta, e muitas vezes não era muito agradável, mas terminava me agradecendo, pois ouvia comentários na rua. Não era muito conveniente para empresa, mas sim para o povo, para a sociedade e para os políticos, sim, gostavam, então terminava sempre a direção recebendo elogios na rua. Então, havia liberdade.

Figura 9: Em 1989, Ulysses Guimarães é entrevistado no Bom Dia Paraíba



Fonte: Especial 'Tempo de 30', da TV Cabo Branco²¹

Otinaldo também teve a oportunidade de entrevistar, na bancada do Bom Dia Paraíba, na mesma época, o deputado Ulysses Guimarães, símbolo da Constituição de 1988, e que também foi candidato à presidência da república naquela eleição. Ulysses foi o presidente da Assembleia Nacional que inaugurou a nova ordem democrática. Já na condição de postulante à Presidência, foi questionado por Otinaldo Lourenço sobre o plano do então parlamentar para o futuro do país:

- Deputado, caso eleito presidente da república, qual a sua linha-mestra, de início, na administração?, perguntou Otinaldo.

²¹ Especial 20 anos das TVs Cabo Branco e Paraíba . Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=5BL4ONZEyC0>. Acesso em: 15 ago. 2020.

- *Eu teria que ter um espaço muito grande, mas vamos tentar fazer um esforço. Acho que a palavra-chave, o fundamento se chama crescimento. O Brasil precisa crescer. O Brasil parou de crescer há dez anos*, disse Ulysses Guimarães.

O parlamentar faleceu três anos depois da eleição, em 1992, em acidente aéreo de helicóptero, no litoral Angra dos Reis, no Rio de Janeiro, e seu corpo nunca foi achado.

Em uma entrevista concedida em 2017 à TV Cabo Branco, com o objetivo de relembrar fatos que marcaram sua carreira no Bom Dia, Otinaldo classificou a conversa com Ulysses como um fato marcante na trajetória do telejornal:

- *Um homem bem entrosado na política brasileira e que escreveu a história. Lutou contra a ditadura militar. Não foi presidente, lutou para ser presidente e terminou não sendo*, lembrou Otinaldo.

A última entrevista do ‘Cavaleiro da Esperança’

Era 1989 quando Luiz Carlos Prestes esteve na bancada do Bom Dia Paraíba. Apoiador do então candidato Lula da Silva, veio à Paraíba apoiar o nome do petista, e passou pelos estúdios da TV Cabo Branco, tendo sido entrevistado por Otinaldo na ocasião. Conhecido como o ‘Cavaleiro da Esperança’ por simpatizantes da esquerda brasileira, o revolucionário comunista falou em detalhes sobre sua atuação na guerra fria, sem deixar de lado o contexto político no Brasil.

Figura 10: Em 1989, Luiz Carlos Prestes é fotografado ao lado do jornalista Silvio Osias, após entrevista no Bom Dia Paraíba



Fonte: Alexandre Guedes²²

- Dizia-se que da prisão, na segunda guerra mundial, Luiz Carlos Prestes organizou a defesa de Stalingrado [cidade Soviética que ‘resistiu’ à invasão das tropas aliadas]. Ele desmentiu, disse que isso é conversa, nunca houve isso. Fiz uma boa conversa com o velho, e acho que foi a última entrevista que ele concedeu à TV brasileira, lembrou Otinaldo.

Em texto publicado em seu *blog* no ano de 2016²³, o jornalista Silvio Osias, que era editor da emissora naquela época, recordou da entrevista de Prestes na emissora, para Otinaldo. *“O líder comunista Luiz Carlos Prestes era o que se costuma chamar de lenda viva. Na redação, uma jovem produtora não acreditou que ele estava ali. Pensou que, àquela altura, fizesse parte dos livros de história”, escreveu.*

De todas as entrevistas, porém, uma das que mais marcaram a carreira de Otinaldo no Bom Dia Paraíba, nas palavras dele, foi a realizada com o ex-vice-presidente do general João Baptista de Figueiredo, Aureliano Chaves.

Aureliano também foi candidato à presidência da república em 1989, na mesma época que Lula e Collor. Embora não tão conhecido como os demais personagens que passaram pela bancada do telejornal, uma característica chamou a atenção do jornalista Otinaldo Lourenço: a inteligência do entrevistado.

²² Especial 20 anos das TVs Cabo Branco e Paraíba . Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=5BL4QNZEyC0>. Acesso em: 15 ago. 2020.

²³ Acesso em: 04 de outubro de 2020. Disponível em: <http://blogs.jornaldaparaiba.com.br/silvioosias/2016/11/22/lula-mordeu-lingua-fhc-pareceu-inatingivel>.

Figura 11: Aureliano Chaves no Bom Dia Paraíba



Fonte: Especial 'Tempo de 30', da TV Cabo Branco

- A que eu mais gostei foi a de Aureliano Chaves, porque ele revelou-se um conhecedor dos problemas brasileiros e apontando soluções que a gente sentia que ele era capaz de fazer, de realizar, pois não adianta você apontar soluções que você, como estudioso, como jornalista, muito atento às coisas que acontecem no Brasil, não tem condições de fazer. Mas o que ele disse teve muita coerência. Dentre os presidentiáveis, o que eu mais gostei de entrevistar foi ele, que se mostrou muito inteligente, considerou Otinaldo.

Otinaldo falece no dia do rádio, vítima de Covid-19

O jornalista Otinaldo Lourenço foi uma das vítimas da Covid-19 no Brasil. Aos 86 anos de idade, foi infectado pelo novo coronavírus, tendo sido internado no Hospital Memorial São Francisco, em João Pessoa, onde faleceu por complicações causadas pela doença.

Otinaldo Lourenço faleceu em 13 de março, no Dia Mundial do Rádio, que tantas emoções lhe proporcionou ao longo da vida. Ele foi homenageado por toda a imprensa paraibana, tendo sido lembrado como um dos pioneiros do radialismo e marca da cobertura política estadual.

À imprensa, a família de Otinaldo disse que ele já estava curado da Covid-19 quando faleceu, mas foi vítima das complicações causadas pelo coronavírus no organismo. Otinaldo não resistiu e sofreu uma parada cardiorrespiratória. Ele deixou a esposa Ione Lacet, dois filhos e dois netos.

O Caso Gulliver: uma cobertura fática

Figura 12: TV Cabo Branco entrevista Ronaldo Cunha Lima, autor dos disparos contra Burity



Fonte: Youtube²⁴

Uma das histórias mais marcantes da política estadual, no ano de 1993, teve uma repercussão ‘fática’ no Bom Dia Paraíba, sem comentários ou entrevistas em estúdio. Motivado por divergências políticas, o então governador Ronaldo Cunha Lima atentou contra a vida do seu adversário, Tarcísio Burity no restaurante Gulliver, no bairro de Tambaú, em João Pessoa. O fato ocorreu no horário do almoço do dia 13 de setembro daquele ano e ficou conhecido nacionalmente como ‘O caso Gulliver’, tornando-se uma mancha na trajetória política do então governador.

Na ocasião, Ronaldo atirou três vezes contra seu antecessor, dentro do famoso restaurante que era frequentado por personalidades da política estadual. Os tiros atingiram a boca e o tórax de Burity, que apesar dos ferimentos, sobreviveu ao atentado. O restaurante era um local onde ocorriam discussões políticas, articulações, confraternizações e divagações sobre a vida pública e social de então. Naquele dia, a história daquele ambiente tomaria outro rumo.

O atentado foi supostamente motivado por desavenças e críticas que Burity teria feito ao filho de Ronaldo, o ex-governador e ex-senador Cássio Cunha Lima (PSDB), que na época era superintendente da Sudene²⁵. As críticas teriam sido feitas em entrevista de Burity à TV O

²⁴ Ronaldo atira em Burity. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=FT_1w5_UEhk> Acesso em: 05 ago. 2020.

²⁵ Superintendência de Desenvolvimento do Nordeste (Sudene), órgão do Governo Federal responsável por desenvolver políticas públicas para a região.

Norte²⁶. Burity foi levado às pressas para o hospital, e apesar da gravidade dos ferimentos, ficou internado com quadro estável, e conseguiu sobreviver. Ronaldo chegou a ser detido pela Polícia Federal, mas saiu da prisão após conseguir um *habeas corpus* da Justiça. O fato teve repercussão nacional, inclusive no Jornal Nacional, da TV Globo.

Quando Ronaldo Cunha Lima foi solto, no dia seguinte ao atentado (14 de setembro de 1993), a TV Cabo Branco conseguiu uma entrevista exclusiva com o político. O material foi repercutido nos telejornais da emissora.

O “depoimento exclusivo”, como foi noticiado, do então governador, foi concedido ao repórter Carlos Siqueira, que teve a missão de ir até o bairro do Alto Branco, em Campina Grande, ouvir de Ronaldo “por que ele atirou no ex-governador Tarcísio Burity”.

A entrevista ocorreu assim:

- *Eu tinha que defender a honra do meu filho e a minha própria vida, eu nunca imaginei que um dia eu podia ser levado a uma situação dessa. Eu não mato nem uma mosca. Pelo filho, eu faço tudo, Pai*, disse Ronaldo Cunha Lima.

- *O senhor vinha recebendo ameaças? O Cássio Cunha Lima também, de morte?*, perguntou Carlos Siqueira.

- *Também, ele [Burity] dizia que não perdoava Cássio nem até a quinta geração, e que quando se encontrasse comigo, me matava*, respondeu Ronaldo Cunha Lima.

- *Governador, foram muitas as vezes que lhe afirmaram isso?*, perguntou Carlos Siqueira.

- *Foram, inclusive eu tinha pedido até a amigos para interferir, para não deixar acontecer isso comigo e com minha família*, falou Ronaldo Cunha Lima.

No Bom Dia Paraíba, segundo os jornalistas que trabalhavam na Rede Paraíba de Comunicação²⁷, a abordagem do tema foi puramente ‘fática’, sem espaço para comentários ou interpretações. Na época, Otinaldo Lourenço continuava a participar das entrevistas políticas do telejornal.

²⁶ Emissora fundada em 1987, com sede em João Pessoa. Inicialmente filiada à Rede Manchete, depois passou a transmitir a programação do SBT. Em 1995, tornou-se filiada à TV Record, e desde 1995 retransmite o sinal da Bandeirantes. A emissora mudou de nome para TV Clube em 2009. Em 2019, passou a se chamar TV Manaíra.

²⁷ Grupo de comunicação da Paraíba formado pelos seguintes veículos: TV’s Cabo Branco e Paraíba, portal de notícias G1 Paraíba, Jornal da Paraíba (*Online*), GloboEsporte.com/pb e rádios Cabo Branco FM e CBN João Pessoa.

A TV Cabo Branco mobilizou suas equipes de repórteres, acompanhando o que ocorreu após as circunstâncias do atentado e entrevistando personagens envolvidos no caso, mostrando a prisão de Ronaldo, as consequências políticas e uma entrevista exclusiva com o então governador, autor dos disparos.

Segundo Otinaldo Lourenço, como o caso ocorreu durante o horário do almoço, o tema só foi o destaque do Bom Dia Paraíba na edição do dia seguinte. Ele, no entanto, não estava presente no estúdio, já que sua participação era gravada e o tema não teve o ingrediente opinativo.

- O dono da emissora é campinense [base eleitoral da família Cunha Lima]. A notícia [inicialmente] foi dada no jornal do meio-dia dizendo que foi um 'incidente', não um atentado. Eu não estava presente. Como foi um fato novo, e nós gravávamos [à noite] e íamos embora... Devem ter feito ao vivo. Não houve [comentários sobre o tema]”, disse.

Quem também trabalhava na Rede Paraíba de Comunicação era o jornalista Arimatéa Souza, que testemunhou como foram os bastidores da cobertura. Segundo ele, a abordagem dos acontecimentos se deu a partir de reportagens, sem o ingrediente opinativo. Na época, sua colaboração era para o Jornal da Paraíba, o impresso. Ele se tornou colunista do Bom Dia Paraíba no início dos anos 2000, como veremos mais adiante.

- Algo que me marcou bastante, [pois] foi um episódio de repercussão nacional e que teve grande cuidado no trato desse noticiário, pois ele movimentava paixões políticas, tinha repercussão nacional e, igualmente, ele mexeu com o tabuleiro político do estado. Então, foi um fato político trágico, com muita visibilidade e com muitas facetas diferentes, relatou Arimatéa.

Arimatéa corroborou com o que disse Otinaldo Lourenço, reafirmando que a cobertura do Caso Gulliver não contou com a participação de comentaristas nos estúdios do telejornal e ele explicou por quê:

- A cobertura fática foi feita pela editoria do programa, mas não tinha como o colunista político entrar nesse assunto, então foi [uma cobertura] mais informativa, até porque havia um acompanhamento direto do conteúdo editorial, disse.

UM OUSADO ENTREVISTADOR NA BANCADA

Ainda na década de 1990, o jornalista Chico Maria foi um dos responsáveis por realizar as entrevistas políticas do Bom Dia Paraíba, antes conduzidas por Nonato Guedes. Ele trabalhou nos programas da Rede Paraíba de Comunicação entre os anos de 1988 e 2003.

Seu primeiro programa, na TV Paraíba, em Campina Grande, levava o seu nome: 'Chico Maria'. Conhecido pela acidez ao inquirir seus entrevistados, e com um longo currículo, ele acumula entrevistas com alguns dos nomes mais proeminentes da cultura e política brasileira.

Parte dessas entrevistas foram ao ar entre as décadas de 1970 e o início dos anos 1980, quando ele apresentava o programa 'Confidencial' pela TV Borborema, afiliada da TV Tupi, em Campina Grande. Em seguida, no Bom Dia Paraíba, teve uma passagem igualmente destacada.

O escritor Ariano Suassuna, o teólogo polêmico Leonardo Boff, o jogador Pelé, o comunista Luís Carlos Prestes, Dom Hélder Câmara e o então governador de Alagoas, Fernando Collor, são algumas das figuras que Chico Maria recorda desses programas.

Quanto ao Bom Dia Paraíba, Chico Maria lembra que o formato principal de sua participação no telejornal era mesmo o de entrevistas, e boa parte delas ao vivo. Segundo ele, os entrevistados respondiam 'na lata' aos questionamentos firmes que fazia em frente às câmeras. Era uma marca.

No campo da cultura, destaca-se uma conversa com o escritor Ariano Suassuna. Na ocasião, Chico Maria fez uma pergunta um tanto 'delicada' sobre o passado do paraibano, um episódio que ainda não era de conhecimento do grande público e por isso, na visão de Chico Maria, deveria ser pauta da entrevista:

Figura 13: Chico Maria entrevista o escritor Ariano Suassuna



Fonte: Especial 20 anos da TV Cabo Branco²⁸

- *E aquela história daquele menino que estava tomava banho nu, no rio Capibaribe?*, perguntou Chico Maia.

- *Foi uma velha travessura de juventude, você sabe muito bem disso. Eu convidei os meus amigos para a gente tomar um banho. Sorteamos um de nós, por acaso foi um amigo meu chamado Carlos Alberto Duarte Gois, ele ficou com nossas roupas para ir levar depois, e a gente pulou da ponte, mas acontece que a gente esqueceu que a Secretaria de Segurança Pública, a velha cegonha, avistou a gente, e quando a gente chegou lá para se vestir, já tinha um camburão esperando a gente, revelou o escritor.*

Apesar da pergunta um tanto delicada, o clima era de humor no estúdio da TV Cabo Branco. Ariano Suassuna, mesmo em saia justa, completou seu raciocínio e contou a história da noite em que dormiu na prisão:

- *Eu fui me meter a engraçado com o delegado. E ele disse: Uma das melhores famílias do Recife e o senhor tomando banho. Aí eu disse, e o senhor não toma banho não? E ele disse: Mas nu? Aí eu disse: e o senhor toma banho de roupa? Ai ele disse: Eu ia soltar, mas você está metido a engraçado e vocês vão passar a noite presos, contou Ariano, aos risos, no Bom Dia Paraíba.*

E por que uma entrevista com Ariano Suassuna foi tão marcante assim? Um dos principais nomes da cultura brasileira e paraibana, autor de obras como O Auto da

²⁸ Especial 20 anos das TVs Cabo Branco e Paraíba . Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=5BL4QNZEvC0>. Acesso em: 15 ago. 2020.

Compadecida e A Pedra do Reino, que se consagrou como um dos maiores símbolos da língua portuguesa, e não só isso, da política. Ariano Suassuna nasceu em 1927, filho de João Suassuna, então presidente do Estado da Paraíba, e os primeiros anos de sua vida foram no Palácio da Redenção, hoje a expressão maior da política estadual. Ariano imprimiu na cultura e no estilo uma crítica também social, e suas entrevistas não fugiam ao estilo.

Hoje, aos 90 anos de idade, Chico Maria destaca com saudosa lembrança outro aspecto da época em que fazia entrevistas políticas na TV Cabo Branco: as relações profissionais com seus contemporâneos da televisão. - *Trabalhei com meu amigo Nonato Guedes, de forma excepcional, Paulo Santos [comentarista de política que ingressou no Bom Dia Paraíba no início dos anos 2000]. Eu era contundente, mas respeitoso. Era uma relação muito boa, todos bons, amigos, sem vaidade, sem nada, Nonato Guedes, Edilane Araújo [apresentadora da TV Cabo Branco desde que a emissora entrou oficialmente no ar, em janeiro de 1987. A maior parte desse tempo, como âncora do telejornal noturno. Ficou no ar até 12 de março de 2019]. Tanto tem de bonita quanto tem de camaradagem, lembrou.*

Pelé na Paraíba

Figura 14: Edson Arantes do Nascimento, o Pelé, entrevistado por Chico Maria



Fonte: TV Cabo Branco / TBT do JPB2²⁹

Uma entrevista com o jogador Pelé foi outra marca recordada por Chico Maria como uma de suas principais entrevistas. O material foi resgatado no mês de outubro de 2020, em

²⁹ TBT JPB2 relembra 70 anos da TV no Brasil. Disponível em: <<https://globoplay.globo.com/v/8907032/programa/>> Acesso em: 02 out 2020.

quadro do JPB2, telejornal noturno da TV Cabo Branco, com recordações sobre a história da televisão na Paraíba.

A transcrição daquela entrevista também foi registrada no livro ‘Confidencial’, pelo próprio Chico Maria, que fez um compilado das entrevistas que marcaram sua trajetória.

- Na carteira de identidade, Edson Arantes do Nascimento. No respeito e na estima do mundo, Pelé. Pelé, você aceita a afirmação de que o futebol brasileiro está falido?, questionou o jornalista.

- Bom, em termos de empresa, de interesses comerciais, está falido. Veja que a maioria das grandes equipes do Brasil, hoje, luta com tremenda falta de dinheiro, de recursos. (...) Agora, com respeito ao valor técnico, individual do jogador, não; eu acho que o futebol brasileiro é ainda o melhor do mundo, respondeu Pelé.

A entrevista não se resumiu ao futebol, mas também abordou temas como política, fama e opiniões pessoais do jogador sobre assuntos como aborto e pena de morte.

- Nascido e criado na religião Católica, por princípio, sou contrário a que se tire a vida de um ser humano. Tudo deve ser feito sob um critério e, para tanto, temos aí a nova Constituição a quem cabe decidir sobre a existência ou não da pena de morte, contou o jogador.

Na entrevista, o jogador também falou sobre o lado ‘negativo’ da fama.

- Eu nasci praticamente no futebol, começando a jogar aos 15 anos. Com dezessete, eu já estava na Copa. Eu cresci com tudo isso. Não teve o lado negativo. Eu agradeço a Deus, porque até hoje só aconteceram coisas boas. Talvez eu reclame um pouco da falta de privacidade, pois você passa a ser de domínio público, perdendo sua privacidade, mas eu tive mais recompensa do que privacidade em minha carreira. Eu não possa reclamar, explicou.

A VEZ DO COLUNISMO

Figura 15: jornalista Paulo Santos



Fonte: Facebook

A partir dos anos 2000, o noticiário político no Bom Dia Paraíba ganhou um ingrediente: a participação de comentaristas, além das já tradicionais entrevistas e das notícias informativas que compunham o telejornal. Nesta época, a Paraíba era governada por José Targino Maranhão (PMDB) e o país era presidido por Fernando Henrique Cardoso (PSDB).

A coluna de política era diária e tinha cerca de dois minutos de duração. Os comentários eram curtos e geralmente discorriam sobre fatos que eram noticiados na respectiva edição do telejornal.

Além dos bastidores da política, a coluna contava com informações exclusivas, que se tornaram a marca do trabalho comandado por Paulo Santos. A coluna era gravada na noite anterior, e por causa de acontecimentos que ocorriam até o dia amanhecer, em algumas ocasiões, era regravada durante a madrugada.

Em entrevista para este livro-reportagem, em sua residência, em Campina Grande, no mês de março de 2020, Paulo Santos explicou que, apesar das dificuldades das rotinas produtivas da coluna de política, nunca foi censurado enquanto esteve no Bom Dia Paraíba.

- Quer dizer, tem essas nuances que as pessoas não sabem que existem, de bastidores. Agora, à TV Cabo Branco eu faço Justiça numa coisa: eu nunca fui censurado, eu nunca fui censurado em nada, em nada.

Paulo Santos foi convidado para assumir a vaga no Bom Dia Paraíba depois de escrever colunas políticas nos jornais A União, O Norte e Diário da Borborema. As colunas eram ácidas e ficaram conhecidas e reconhecidas em todo o estado pelo nível de criticidade e por informações exclusivas.

Paulo Santos foi convidado para estreiar no Bom Dia Paraíba pelo então editor do telejornal, Erialdo Pereira, numa época em que as colunas políticas no impresso eram publicadas em João Pessoa e em Campina Grande.

- A coluna da TV, ela veio em consequência da coluna dos jornais, contou Paulo Santos.

- Eu estava no La Veritá, ali na Lagoa, era o ponto de encontro da gente, todo mundo se encontrava ali quando saía do jornal, 6 e meia, 7 horas da noite, para comentar os fatos do dia. Era o lugar onde saía muita informação, chegava e saía muita informação. Aí uma noite Erialdo chegou, que era frequentador assíduo, e perguntou: 'O que você acha de fazer uma coluna no Bom Dia Paraíba? Eu quero fazer a primeira coluna eletrônica de política com você'. Aí eu pedi quinze minutos para pensar, aí peguei meu filho fui lá para a outra mesa, aí contei para ele, aí voltei, perguntei a ele sobre dinheiro, contrato, quanto tempo de contrato porque eu sabia que o pau iria comer, aí ele disse: 'Outra coisa, a gente oferece a coluna política da terceira página do Jornal da Paraíba', lembrou.

Paulo Santos pediu demissão dos Diários Associados dias depois, após um desentendimento com o novo chefe do jornal impresso, que pretendia derrubar suas notas sobre a Saelpa (a então companhia de energia do governo do estado), que passava por um processo de privatização. O episódio foi a gota d'água para que Paulo Santos aceitasse logo o convite para estreiar na TV Cabo Branco, em João Pessoa:

- Eu disse: você não pode mexer na minha coluna, pois quem manda na minha coluna sou eu. Você está querendo me prejudicar. Então azedou logo, na primeira conversa, azedou. No outro dia, então, fechei com Erialdo, passei na TV Cabo Branco. Se eu tinha dúvida... fechei.

Antes de iniciar na tela da emissora, porém, Paulo Santos gravou cerca de seis pilotos³⁰, até que a coluna foi ao ar pela primeira vez, em 2001. Segundo ele, o quadro ganhou fama imediata e caiu no gosto dos telespectadores:

- A coluna entrou no ar e foi crescendo e foi crescendo e virou assim algo 'estúpido', porque tinha quase 1 milhão de pessoas assistindo. Era um troço assim, era no meio do jornal. O sujeito chegava, ficava assistindo e vinha a porrada de política. Tinha gente que me dizia, 'Eu não saio de casa antes de você entrar no ar'. Isso é uma coisa estúpida, porque deixa você vaidoso.

Segundo Paulo Santos, a vaidade não lhe subiu à cabeça, mas ele soube aproveitar os espaços para capitalizar isso na cobertura dos fatos. Além de escrever no Jornal da Paraíba, também passou a fazer entrevistas no telejornal do meio-dia da emissora.

- Da noite para o dia eu sai de um simples colunista do impresso, para um cara que tinha acesso ao estado todinho e com a coluna de manhã e fazendo entrevistas ao meio-dia, disse.

Tempos depois, Paulo Santos passou a dividir o espaço da política com o jornalista Arimatéa Souza, que fazia a coluna política a partir de Campina Grande, trazendo os fatos políticos da Rainha da Borborema.

- Ele restringia muito a informação dele à Campina Grande, e eu expandia muito para o estado. Isso me deu a garantia de ter a pessoa que morava lá em Cajazeiras, de ser uma fonte minha. Porque eu era um estúpido. Eu colocava meu telefone na coluna impressa, o celular e o fixo. Então tinha dia que eu não aguentava de tanta ligação.

O Passarinho

O sigilo da fonte é uma das prerrogativas dos jornalistas, condição primordial para a liberdade de imprensa, de opinião e para a própria democracia. Foi esse aspecto, também, que levou à coluna de política do Bom Dia Paraíba a ganhar notoriedade na época de Paulo Santos.

³⁰ Teste preliminar, experimental, do produto jornalístico ou televisivo que está sendo desenvolvido, com o objetivo de viabilizá-lo e aperfeiçoá-lo até o formato considerado ideal para exibição.

Uma marca da coluna, naquele período, era ‘O passarinho’, um jargão utilizado pelo jornalista para se referir às fontes que lhe traziam as informações que eram objeto dos seus comentários no telejornal. Isto ele fazia com responsabilidade:

- Virou uma marca porque eu não podia dar a fonte, entendeu? E meus alvos prediletos eram o governador Maranhão, Ronaldo e os prefeitos, então esse passarinho enchia o saco dos políticos.

Proximidade com as fontes

Segundo Paulo Santos, a experiência que ele teve em assessoria de imprensa do senador Humberto Lucena e o trânsito em Brasília, na capital da república, lhe renderam uma rede de conhecimentos que se tornou uma fonte indispensável de informações para o exercício do jornalismo:

- Eu tinha amizade com alguns, assim, conhecimento com alguns, porque eu tinha sido assessor de imprensa do senador Humberto Lucena, quando ele era primeiro líder do PMDB no Senado, e depois quando ele foi presidente pela segunda vez do Senado. Nesses dois mandatos dele, eu fui assessor de imprensa dele lá no Senado, então eu fiz amizade com muita gente, amizade assim, conheci vários políticos, ministros, tal, acompanhei aquela crise quando ele foi cassado, e foi salvo pelo próprio Congresso. Aquilo ali me deu uma oportunidade de conhecer grandes personagens, porque as pessoas têm uma visão errada, sabe, do Congresso Nacional. As pessoas acham que o Congresso só tem vigaristas e não é verdade não. O Congresso sempre teve bons políticos, honestos.

O furo: Brizola candidato em 2002?

As disputas à presidência da república também tinham espaço no noticiário do Bom Dia Paraíba, quase sempre com enfoques voltados aos fatos locais. Em 2002, quando o país discutia a sucessão de Fernando Henrique Cardoso, Paulo Santos recebeu de um “passarinho”, uma informação que viria a agendar o noticiário nacional: Leonel Brizola poderia ser candidato à Presidência naquele ano. A fonte captou a informação durante um voo de Nova York para

Recife, de um dos homens de confiança do pedetista, e tratou de compartilhar a informação com o comentarista do Bom Dia Paraíba, que foi atrás de mais informações e levou o fato para a coluna do dia seguinte.

- Ele [a fonte] disse que Brizola seria o candidato, onde seria o lançamento da candidatura, que Brizola iria ao Rio Grande do Sul, que depois voltaria ao Rio de Janeiro e depois faria um périplo pelo Norte-Nordeste e se lançaria candidato. Nessa época, o nome de Brizola sempre aparecia em terceiro lugar nas pesquisas, sem ser candidato. Aí no outro dia, eu sapequei isso no Bom Dia. E aí eu recebi ligação de Brasília: Por que você deu a informação no noticiário da Paraíba e não repassou para Brasília?.

Os rumores, apesar de verdadeiros, não se confirmaram na prática, pois Brizola optou por se candidatar ao Senado pelo Rio de Janeiro e não se elegeu. Acabou sendo derrotado e apoiou o candidato petista, Luiz Inácio Lula da Silva ao segundo turno da disputa presidencial. Lula venceu José Serra e deu início à era petista no comando do país, a partir de 2003. Na mesma eleição, em âmbito estadual, Cássio Cunha Lima (PSDB) derrotara Roberto Paulino (PMDB) e se tornara governador, enquanto seu rival, José Maranhão (PMDB), foi eleito senador.

Ronaldismo versus Maranhismo: a rivalidade atinge o jornalismo

Figura 16: Cássio Cunha Lima assume governo da Paraíba



Fonte: G1³¹

³¹ Cássio recorda memórias do pai em sete anos sem Ronaldo. Disponível em: <<https://www.clickpb.com.br/paraiba/cassio-recorda-memoria-do-pai-em-sete-anos-sem-ronaldo-cunha-lima-263593.html>>. Acesso em: 07 jun. 2020.

A acirrada eleição estadual de 2002 também foi destaque na cobertura política do Bom Dia Paraíba. O estado vivia um clima de divisão e rivalidade que atingia os dois maiores grupos que disputavam a hegemonia política e tinha reflexos na população, que se dividia entre as cores vermelha e verde. Nesta época, Paulo Santos ainda era o comentarista de política do telejornal. Segundo ele, foi justamente o ‘clima’ de rivalidade que permeou a cobertura de então.

- A campanha foi pesada por causa do ingrediente de inimizade entre os Cunha Lima e Maranhão, que é histórico. Essa briga vinha de muito tempo. Essa inimizade tinha mais de 30 anos, contou.

Maranhão, que em 1994 foi eleito vice-governador na chapa de Antônio Mariz, assumiu o cargo em razão da morte do titular, cerca de dez meses depois da posse, tornando-se governador. Ele foi agraciado com o beneplácito da reeleição, que acabara de ser aprovada no país, e conseguiu ser indicado para a reeleição. Na ocasião, venceu o rival Gilvan Freire (PSB) em primeiro turno, com 80,72% dos votos. Desde então, o maior percentual obtido em uma eleição para governador na Paraíba. Em 2001, houve o rompimento definitivo entre José Maranhão e os Cunha Lima, quando Ronaldo e seu filho Cássio saíram do PMDB e migraram para o PSDB. O estado ficou dividido politicamente a partir dali, com um clima de acirramento que se refletia no eleitorado e nas ruas. Esse clima de acirramento atingiu, também, a imprensa, de modo que o colunista do Bom Dia Paraíba, Paulo Santos, chegou a ser agredido após um comentário no telejornal.

A agressão a Paulo Santos

Como já mencionado, a intriga entre as duas famílias que dividiam o eleitorado levou a família Cunha Lima a migrar do PMDB para o PSDB, selando de vez o rompimento com José Maranhão. O olhar crítico de Paulo Santos desagradou um assessor do então prefeito de Campina Grande, Cássio Cunha Lima. Tudo porque o jornalista opinou que a festa partidária que recepcionou a família na sigla tucana foi ‘esvaziada’ de público e de organização. O comentário motivou uma agressão física contra ele e o assunto foi repercutido nacionalmente.

Figura 17: Jornalista Cláudio Humberto descreve agressão sofrida por Paulo Santos



Fonte: Coluna de Cláudio Humberto / Folha de Londrina³²

O jornalista Cláudio Humberto, que cobre os bastidores da capital federal e tem coluna no jornal Folha de Londrina, assim noticiou o que ocorreu na Paraíba: “O principal assessor do prefeito de Campina Grande (PB), Cássio Cunha Lima, agrediu a socos o jornalista Paulo Santos, comentarista político do ‘Jornal da Paraíba’ e da TV Cabo Branco. O diligente assessor não gostou da referência do jornalista à falta de povo e de organização na modesta festa de filiação do grupo ao PSDB”, resumiu. A agressão ocorreu num restaurante de João Pessoa.

Na Paraíba, no entanto, o comentarista não levou o tema à diante. Segundo ele, o episódio da agressão não partiu de Cássio Cunha Lima e foi uma ação deliberada de um assessor. A informação acabou sendo tema do debate ao governo do estado, posteriormente, na TV Cabo Branco, quando o candidato Roberto Paulino levou o assunto ao conhecimento dos telespectadores.

- Enquanto eu estava na TV, ninguém soube disso, nem o pessoal da TV. Aí no debate, Roberto Paulino disse no ar: ‘Quero deixar minha solidariedade ao jornalista Paulo Santos,

³² Cláudio Humberto - De Brasília. Disponível em: <<https://www.folhadelondrina.com.br/politica/claudio-humberto---de-brasilia-361963.html>>. Acesso em: 12 dez 2020.

que foi agredido pelo assessor do candidato. E ficou todo mundo estarecido”, contou Paulo Santos.

Nas urnas, apesar do acirramento, Cássio Cunha Lima (PSDB) foi eleito governador do estado com 51,4% da votação válida. Na visão de Paulo Santos, colocada na cobertura daquela eleição, a campanha foi desigual. O candidato do PMDB, Roberto Paulino, não tivera o apoio necessário, segundo ele, e isso se refletiu no resultado das urnas:

- Cássio fazia campanha para 1.500 pessoas atrás dele, e enquanto isso Roberto Paulino estava sentado na praça engraxando sapato, num dia de semana, avaliou.

As tecnologias

O telefone fixo da casa de Paulo Santos era um grande aliado dele em suas coberturas diárias. O número era publicado na coluna do jornal impresso³³ e por isso ele recebia ligações de pessoas de todo o estado.

- Tinha dia que eu já saía de manhã de casa abastecido com muita informação, depois eu ia processando isso e colocando numa cadernetinha. Naquele tempo, celular não era essa coisa que é hoje, que você tem aplicativos.

Segundo Paulo Santos, ele foi um dos primeiros a ter computador, assim como outros colonistas de jornais impressos, mas o trabalho não era tão fácil como nos dias de hoje.

- Era uma dificuldade, porque na década de 90 veio o celular, e na Paraíba só tinha a Tim. Mas era uma coisa terrível, era um tijolão, depois foram diminuindo, diminuindo, até chegar nesse formato que é hoje. Tanto é que eu usava meu telefone na coluna, e quando eu saía de casa eu perdia o contato, porque meu telefone era o de casa. Aí às vezes o cara ligava para o jornal, me encontrava. Geralmente, muitos ligavam de manhã cedo.

Sobre este período, Paulo Santos avalia que o estado viveu à mercê do que ocorria na política nacional e isso acabava influenciando, também, o noticiário do Bom Dia Paraíba:

³³ Do Jornal da Paraíba, que pertence à Rede Paraíba de Comunicação, da qual fazem parte também às TVs Cabo Branco e Paraíba.

- O Brasil estava amortecido com a política nacional. A expectativa do novo milênio criou uma série de fantasias na cabeça dos brasileiros, que estava todo mundo amortecido em nível local.

O fim de um ciclo

Paulo Santos abdicou de seus comentários no Bom Dia Paraíba após quatro anos. A saída dele coincidiu, também, com o desligamento do editor Erialdo Pereira, amigo dele, por problemas de saúde.

Em seguida, Paulo Santos assumiu um novo projeto, na rádio Arapuan FM, e a coluna de política passou a ser apresentada pelo jornalista Giovanni Meireles.

- Meu suporte dentro da TV Cabo Branco era Erialdo Pereira. Só que Erialdo contraiu uma doença e ficou mais de um mês em coma. Ele contraiu um vírus, passou mais de um mês, e quando saiu, o médico disse que ou ele se aposentava ou ele morria. Nesse período, foi um momento conturbado para mim.

O BATE-BOLA: CAMPINA GRANDE E JOÃO PESSOA

Figura 18: Arimatéa Souza e Giovanni Meireles dividem a coluna 'Bastidores da Política'



Fonte: Jornal da Paraíba/2002

A partir de abril de 2001, o jornalista Giovanni Meireles foi convidado a integrar a equipe do Bom Dia Paraíba, inicialmente, para dividir as entrevistas políticas com o jornalista Chico Maria. Depois, já em 2002, a missão foi substituir Paulo Santos na coluna de política do telejornal e fazer uma ‘dobradinha’ com Arimatéa Souza, que estreou na mesma função a partir de Campina Grande.

Aquela época coincidiu com o período em que a emissora começava a experimentar mudanças no jornalismo local, a partir das diretrizes da TV Globo. Tais mudanças passavam pelo que ficou conhecido como “Padrão Globo de Qualidade” e envolviam novidades que ocorriam em todas as emissoras afiliadas pelo Brasil, não só na linha editorial, mas também em vinhetas e cenários. O objetivo era construir um padrão de jornalismo comum em todo o país.

Giovanni Meireles chegava ao telejornal após ter passado por uma experiência à frente da Secretaria de Comunicação do estado, no governo de José Maranhão, entre os anos de 1995 e 1999.

Quando chegou à TV Cabo Branco, a rotina de Giovanni Meireles era frenética:

“Eu comecei fazendo as entrevistas ao vivo, pois Chico Maria fazia as entrevistas gravadas à tarde [no dia anterior]. E com um tempo, eu comecei a fazer as entrevistas gravadas à tarde [também]. Às vezes, Zé Maranhão [então governador], por exemplo, só chegava às oito horas da noite. Eu tinha que esperar Edilane [na época, apresentadora da TV Cabo Branco]

terminar [o JPB2 - o telejornal local da noite], remontar o estúdio, ficava lá cochilando, esperando Maranhão chegar para entrevistar Maranhão e exibir no dia seguinte”, contou.

Figura 19: Giovanni Meireles ao lado de José Maranhão, quando ainda era secretário de comunicação do governo do estado



Fonte: Arquivo pessoal de Giovanni Meireles, quando era secretário de comunicação da Paraíba

Quanto aos comentários, Giovanni Meireles ficava responsável por jogar luz nos fatos ligados à capital. Ele interagia ao vivo com o jornalista Arimatéa Souza, que trazia as notícias políticas de Campina Grande. No jargão jornalístico, tratava-se de um rápido ‘bate-bola’, onde um fato chamava o outro e vice e versa.

As notícias eram misturadas com pílulas de opinião. Segundo Giovanni Meireles, às vezes a coluna de política ‘segurava’ o telejornal, em termos de conteúdo e tempo. Na época, em 2002, o telejornal era exibido de 06h30 às 07h15 da manhã.

Uma das marcas do Bom Dia Paraíba era o privilégio de ter informações inéditas e exclusivas no horário matutino, o que segundo Giovanni Meireles ocorria graças às fontes exclusivas às quais o telejornal tinha acesso.

- Vai trocar o secretário, aí [a fonte] ligava para mim, oh, ‘Cássio governador mandou dizer que o comandante da Polícia será trocado amanhã, pra você dizer amanhã’. Não tinha zap [WhatsApp], não tinha blog, você tinha que esperar amanhã pelo Bom Dia, aí o Bom Dia bombava.

Figura 20: Coluna assinada por Giovanni Meireles no Jornal da Paraíba

JORNAL DA PARAÍBA
POLÍTICA

PARAÍBA, QUARTA-FEIRA, 22 DE JANEIRO DE 2003

PÁGINA 04 - JORNAL DA PARAÍBA

Giovanni Meireles
ANTENADO

Esta coluna tem uma linha direta para o governador e seus assessores políticos. Não precisa ser assinado por ninguém. Basta e-mail: govcomunicacao@jornalparaiba.com.br. Fone: (33) 3213-44

"AVANÇO SIM, RECUO NÃO"



O staff do governador Cassio Cunha Lima (PSDB) está se esforçando para montar – em caráter de urgência – uma operação estratégica, no sentido de massificar o conceito de que o Estado – em nenhum momento – recuou das posições adotadas em momentos de crise, como na revogação das promoções de alguns oficiais da Polícia Militar e no corte das gratificações de alguns professores, por exemplo. A intenção é demonstrar claramente, que o Estado – na verdade – conseguiu avanços, provocados por benefícios concedidos irregularmente e ao arrepio da lei. O objetivo é convencer a população e as categorias profissionais interessadas, de que o governador não quis perseguir ninguém, nem muito menos tomar decisões sem base jurídico-financeira. Cassio (foto acima) retorna hoje à noite de Brasília-DF, para deflagrar esta operação. "Avanço sim, recuo não", diz ele.

Cássio define Prodetur

O governador praticamente definiu ontem à noite, o nome do futuro(a) coordenador(a) estadual do Prodetur, depois de participar de uma reunião em Brasília-DF com Susana Erickmann (coordenadora nacional do programa de Turismo). Por enquanto, o cargo está vago, desde que o ex-coordenador, Omar Gama, foi exonerado. As verbas para o Prodetur são oriundas do empréstimo internacional feito pelo governo do Estado junto ao Banco Mundial, que tem sede em Washington, nos Estados Unidos. O saldo do financiamento é de US\$ 80 milhões.

Lúcia perdoa dissidentes

A deputada federal diplomata Lúcia Braga (PDT) confirmou ontem que ela vai mesmo presidir o diretório municipal do partido, na Capital. "Dona" Lúcia disse que o diretório regional, pedista não vai mais punir alguns prefeitos, como Alexandre Braga, Athayde Mendes "Branco", Carlos Antônio & Antônio "Tita", que mesmo sendo filiados à legenda, não seguiram a orientação dada pelo partido e votaram nos candidatos da coligação "Por Amor à Paraíba", formada pelo PSDB-PFL. Lúcia formará uma comissão provisória, com essa tarefa.

1 Cassio revêto: ontem que já passu de R\$ 500 milhões o valor da dívida devida pelos governadores anteriores a ele - no caso - Roberto Paulino & José Maranhão (ambos do PMDB). Ele disse que já foram detectadas mais de 300 obras paralisadas, no Estado.

2 O prefeito municipal de João Pessoa, Cícero Lacerda (PSDB), passa o dia hoje em Natal-RN. Ele vai debater sobre a revitalização da Sudene, atendendo convite da governadora Wilma Faria (PSB). Cícero já foi conselheiro da Sudene e ministro de Políticas Regionais.

3 Depois de anular três eleições para a mesa diretora da Câmara Municipal de Malhada, finalmente a Justiça mandou empossar ontem, como presidente, o vereador Carlos Fernandes (do PCdB). Ele foi eleito duas vezes e o vereador Joséildo Barbeira (do PCdB), uma vez.

Caixa-doida

Um caixa eletrônico do Banco do Brasil, que funciona no subsolo do prédio da Assembleia Legislativa, em João Pessoa, começou a "cuspir" notas de R\$ 10,00, ontem pela manhã. De repente, a máquina entocou e jogou seis notas no chão, sem que ninguém tenha se aproximado dela. Os funcionários da Assembleia que testemunharam a cena, temem que estes R\$ 60,00 sejam debitados na conta corrente do último cliente do banco que manipulou o caixa eletrônico. Dois mistérios cercam o ocorrido: quem guardou as notas que caíram no chão e por que a máquina endoideceu e depois voltou ao normal.

TORPEDOS:

"Eu digo sempre aos meus companheiros de partido: não criar o bloco dos desempregados (além de cargos federais, de qualquer jeito), para depois não terem que criar o bloco dos desativados, sob porque não haverá cargos federais disponíveis para todos os interessados".
Deputado Federal diplomado Luiz Couto (PT).

No varejo

»-PREFEITURA 1 - O prefeito municipal de Trizela, Damiano Mangueira, não se limita apenas a exercer o cargo de político e o de cantor. Além disso, ele também é radista. Ele atua meio hora semanal na rádio "Álto Piranhas", de Cajacuris, nos sábados (de 12h30 às 13h). O nome do programa é "Trizela em Debate". Serve para o prefeito prestar contas da administração dele e colocar oerutas no ar (ao vivo).

»-PREFEITURA 2 - O município de Marizal é administrado pelo prefeito José Pereira. Para se ter ideia da administração, em apenas 17 dias deste ano de 2003, ele começou a executar as seguintes obras: construção de 5 mil metros de calçamento, construção de uma usina de leite de cabra, ampliação do açude do sítio São João (que passará a ter a sua capacidade de água dobrada, com esta obra), compra de um trator de puaul, construção de uma creche e reforma da escola Maria Tâmará.

»-PREFEITURA 3 - E sem não sair do assunto, apareceu mais um prefeito cantor: é o do município de Bom Jesus, Esclandro Brito. O prefeito já tem até um CD gravado.

PARAÍBA, QUARTA-FEIRA, 22 DE JANEIRO DE 2003

Fonte: Arquivo pessoal de Giovanni Meireles

Além do desafio na televisão, outra missão de Giovanni Meireles era assinar uma coluna diária no Jornal da Paraíba. O conteúdo do impresso e da televisão se retroalimentavam, mas segundo Meireles, o jornal impresso contava sempre com um conteúdo mais aprofundado e exclusivo:

- *Eu fui para o primeiro caderno [do jornal]. O conteúdo convergia. Era diferente por causa do formato, tal, mas muita coisa de um ia para o outro. Havia uma retroalimentação, dependendo da hora.*

Na coluna, Giovanni era identificado como ‘antenido’, e resumia em uma página furos jornalísticos e apurações exclusivas sobre os bastidores da política paraibana. Fatos que ele repercutia, também, nas telas, no Bom Dia Paraíba.

Uma “Hiroshima” na Paraíba

Um dos fatos mais marcantes da história da Paraíba, na primeira década dos anos 2000 foi o rompimento da barragem de Camará, que ocorreu no dia 17 de junho de 2004. A tragédia deixou cinco pessoas mortas e mais de três mil pessoas desabrigadas nas cidades de Alagoa Grande, Areia, Alagoa Nova e Mulungu.

Figura 21: Imagem do rompimento, exibida em reportagem do Bom Dia Paraíba³⁴



Fonte: TV Cabo Branco³⁵

O problema foi ocasionado por um buraco de 20 metros de altura por 15 metros de largura, que se abriu do lado esquerdo da construção, dando vazão a milhões de metros cúbicos de água. A enchente suplantou plantações, casas e outras construções e colocou fim nos sonhos

³⁴ Quase quinze anos do rompimento da barragem de Camará, na Paraíba. Disponível em: <<http://g1.globo.com/pb/paraiba/videos/t/paraiba-comunidade/v/quase-quinze-anos-do-rompimento-da-barragem-de-camara-na-paraiba/7348105/>>. Acesso em: 23 ago. 20

³⁵ Quase quinze anos do rompimento da barragem de Camará, na Paraíba. Disponível em: <<http://g1.globo.com/pb/paraiba/videos/t/paraiba-comunidade/v/quase-quinze-anos-do-rompimento-da-barragem-de-camara-na-paraiba/7348105/>>. Acesso em: 21 set 2020.

da população local. Investigações posteriores concluíram que o rompimento foi causado pela falta de monitoramento da obra por parte do governo do estado.

A notícia da tragédia se espalhou rapidamente e ganhou repercussão nacional. O então governador, Cássio Cunha Lima (PSDB), ligou para o então presidente Luiz Inácio Lula da Silva (PT) e o então ministro da Integração Nacional, Ciro Gomes veio à Paraíba visitar as cidades atingidas pela enchente.

No dia seguinte ao rompimento da barragem, este foi o tema principal do Bom Dia Paraíba, inclusive a pauta política do telejornal. O assunto também foi tema de um comentário de Giovanni Meireles, que fez uma abordagem crítica sobre o acontecimento.

- Quando explodiu a barragem, eu fiz um comentário na minha coluna [no telejornal]. As cenas que a gente acabou de ver, pareciam de uma guerra atômica, parecia uma bomba. Acabou com tudo, uma explosão, tal. Parecia Hiroshima e Nagasaki. Para que eu disse isso? Maranhão fez, Roberto Paulino inaugurou, mas não estourou. Foi estourar em 2003, no primeiro inverno de Cássio, e nem encheu, foi na metade, só.

Após o comentário, representantes do governo do estado ligaram para a redação a fim de criticar a fala de Giovanni, pois viram no comentário um exagero em relação ao fato. No dia seguinte, o programa abriu espaço para a secretária estadual Isa Arrochelas, do Desenvolvimento Humano, que levou explicações governamentais sobre as providências tomadas diante da catástrofe.

Para a surpresa de todos, conta Meireles, em vez de criticar o comentário do dia anterior, a então auxiliar estadual comparou o rompimento da barragem aos efeitos de uma ‘bomba atômica’, endossando o que disse o comentarista no dia anterior:

- Eu fiquei com a cara no chão. Fui puxado a orelha porque falei que parecia uma bomba, aí a secretária veio e falou a mesma coisa, quer dizer, eu estava certo.

A VEZ DA MULHER

Ao longo da história da cobertura política do Bom Dia Paraíba, houve uma que mulher ficou à frente dessa função. Gisa Veiga era integrante do time de jornalistas que deu início à TV Cabo Branco e foi convidada pela emissora, no ano de 2003, para ser colunista do jornal impresso e depois para assumir a função de entrevistadora do Bom Dia Paraíba. A ela, coube a missão de substituir Giovanni Meirelles (que assumiu a coluna política do telejornal) e fazer dobradinha com o experiente Chico Maria, que também continuava com as entrevistas. Era a única mulher dividindo o palco da política com homens.

A missão não durou por muito tempo, já que ela saiu do telejornal em menos de seis meses. O período, no entanto, foi o suficiente para que ela entrevistasse a maior liderança política da Paraíba na ocasião: o recém-eleito governador, Cássio Cunha Lima (PSDB).

- Foi uma entrevista longa, foi bacana. Foi a entrevista mais importante, inclusive porque ele era governador. Faz tanto tempo, mas minha memória não é tão boa, disse em relação ao conteúdo da conversa.

A jornalista explicou que foi convidada para o Bom Dia Paraíba graças à coluna do jornal impresso, que na época era uma das mais lidas da Paraíba.

- Eu sou da turma fundadora da TV, mas como repórter. E quando fui chamada, foi para ser editora e colunista de política do Jornal da Paraíba, e depois de certo tempo me convidaram para fazer as entrevistas para o Bom Dia. Até o dia em que eu falei em dinheiro, e fui dispensada. Foram cerca de seis meses, passei pouco tempo.

Machismo, não

Mesmo reconhecendo a existência do machismo nas relações interpessoais na sociedade, inclusive no jornalismo, Gisa Veiga diz que o fato de ser bem requisitada na cobertura política, no jornal impresso, tornou mais fácil a inserção dela na televisão.

- Não nego que exista preconceito, pois isso é ser negacionista e eu não sou. Mas na época a minha coluna do jornal era muito lida, segundo pesquisa do próprio jornal, e minha

coluna estava no topo. Então, por esse aspecto, eu não poderia sofrer... Nesse aspecto, não. Mas que existe, o preconceito existe.

Tendo convivido com os pioneiros do jornalismo na Paraíba, Gisa sente saudades daquela época:

- Era uma cobertura de excelência. Não é esse rame-rame de hoje. O jornalismo perdeu qualidade, não só o político, mas o jornalismo de modo geral, pois as pessoas têm muita pressa, e isso faz com que os profissionais também tenham pressa e não apurem corretamente, disse.

MINUTO DA POLÍTICA: A VISÃO CRÍTICA DO JORNALISTA ARIMATÉA SOUZA

Contratado para escrever uma coluna sobre os bastidores da política no Jornal da Paraíba, impresso de tradição no estado, o jornalista Arimatéa Souza atuou durante cerca de 20 anos nas empresas da Rede Paraíba de Comunicação.

Por causa do trabalho que exerceu escrevendo a coluna ‘Aparte’, foi convidado em várias ocasiões a fazer comentários de política nas TV’s Cabo Branco e Paraíba, especialmente no Bom Dia Paraíba. Essa participação tornou-se efetiva em março de 2002.

Segundo Arimatéa, outro fator que o levou a participar da cobertura política no Bom Dia Paraíba foi o fato de que o telejornal dava, na época, destaque aos fatos que ocorriam na Capital em detrimento do que ocorria em Campina Grande, onde ele atua profissionalmente. A Rede Paraíba viu nele uma forma de equilibrar o conteúdo político do telejornal.

- Aconteceu por razões múltiplas, pois o grande problema era o horário. Ninguém queria acordar cedo para ir para o Bom Dia Paraíba, e como eu tinha disponibilidade, acordava cedo habitualmente, acabou ficando por muito tempo eu fazendo a coluna, tratando dos assuntos do estado, a partir de Campina Grande, e uma vez por semana eu ia para João Pessoa cobrir a Assembleia, contou.

Arimatéa fazia sua participação direto do estúdio da TV Paraíba, em Campina Grande, interagindo com o conteúdo trazido pelo comentarista de João Pessoa, Paulo Santos, que geralmente gravava a participação um dia antes. Posteriormente, a interação foi com Giovanni Meireles.

Uma vez por semana, ele viajava para João Pessoa, fazia a cobertura das sessões ordinárias na Assembleia Legislativa e ficava na Capital para apresentar a edição da coluna do dia seguinte [no estúdio da TV Cabo Branco]. Segundo Arimatéa, era uma rotina frenética, mas prazerosa.

As rotinas e as limitações do tempo

Apesar do desafio de estar ao vivo, logo cedo, com informações de política na ponta da língua, Arimatéa Souza conta que a experiência do jornal impresso contribuía para o noticiário da TV.

- Como eu tinha muita dedicação ao noticiário, eu acabava terminando a noite mais ou menos sintonizado com as coisas políticas do estado. Não existia esse grande volume de informações virtuais, e eu acabava apurando as informações para o jornal. Eu fazia uma compilação disso para o jornal do dia seguinte da TV.

O grande problema para ele, na verdade, não era a falta de conteúdo, mas a limitação do tempo, que na visão do jornalista deveria ser maior, já que a política é uma demanda latente dos telespectadores paraibanos.

- O limite do noticiário político era de 60 segundos, 90 segundos no máximo, para uma Paraíba que respira política, e o Bom Dia nacional na época era muito concentrado no noticiário político, então era um grande resumo para colocar no Bom Dia Paraíba. E eu aproveitava esse fato de ter participado da apuração dos fatos políticos no dia anterior para o Jornal da Paraíba, que entrava evidentemente de forma bem mais detalhada.

Um quadro informativo

Mais tarde, a coluna ganhou um ingrediente a mais, que foi o nome ‘Minuto da Política’. Nas palavras de Arimatéa, serviu para ‘delimitar ainda mais’ o espaço da política no telejornal. Segundo ele, a coluna era eminentemente informativa, já que havia uma orientação para que os fatos fossem noticiados com objetividade.

- A recomendação da TV era para que fosse predominantemente informativo, e que modulasse sempre para que todos os espectros partidários fossem contemplados nesse noticiário cotidiano.

Mesmo dividindo o espaço com os colegas Paulo Santos e depois Giovanni Meireles, segundo Arimatéa, a coluna não proporcionava interação entre eles, já que a participação dos colegas era, na maior parte das vezes, gravada. O “acordar cedo” era um obstáculo.

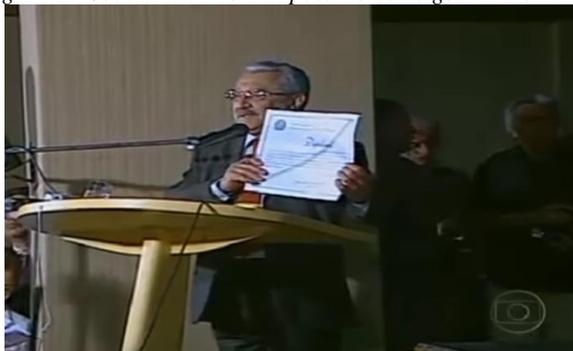
- *A maioria dos repórteres de política, comumente, não gosta de acordar cedo, ressaltou.*

A cassação ‘sumária’ de Cássio Cunha Lima

Em 17 de fevereiro de 2009, o Tribunal Superior Eleitoral (TSE) negou provimento aos recursos impetrados pela defesa do então governador Cássio Cunha Lima (PSDB) e de seu vice José Lacerda Neto (DEM), e cassou-lhes os mandatos pela prática de abuso de poder político e econômico nas eleições de 2006. Esse foi um dos fatos que marcaram a coluna de Arimatéa Souza, no Bom Dia Paraíba, segundo o jornalista.

Naquele julgamento, após uma longa batalha judicial, a Justiça Eleitoral chancelou a decisão decretada em 20 de novembro de 2008 pelo Tribunal Regional Eleitoral da Paraíba (TRE-PB) e mandou empossar nos cargos de governador e vice, José Maranhão e Luciano Cartaxo, respectivamente, arquirrivais de Cássio Cunha Lima na época. Na época, o governador do PSDB exercia o mandato mediante liminares que o mantinham no cargo. A nova decisão dava ao grupo do PMDB uma vitória importante no contexto da época: a retomada do poder no estado mediante a acusação de fraude no último processo eleitoral.

Figura 22: José Maranhão é empossado como governador da Paraíba



Fonte: Youtube³⁶

Cássio Cunha Lima teve que deixar o Palácio da Redenção imediatamente e José Maranhão, que ocupava uma cadeira no Senado Federal, renunciou ao cargo para assumir o comando da Paraíba. Ele viajou de Brasília para João Pessoa na manhã seguinte a fim de tomar posse como novo governador do estado. Em seu lugar, no Senado, assumiu o suplente Roberto Cavalcanti, proprietário do Sistema Correio de Comunicação.

A condenação de Cássio Cunha Lima ocorreu porque, segundo o TSE, ficou constatada a prática de abuso de poder político e econômico com a distribuição de 30 mil cheques para famílias carentes da Paraíba durante o ano eleitoral, o que teria influenciado diretamente o resultado das eleições em favor do candidato tucano.

No dia seguinte, a Paraíba parou para ver o noticiário e também o Bom Dia Paraíba, que trouxe a repercussão completa do episódio. O telejornal mostrou que, após a cassação no TSE, que ocorreu em sessão realizada no período da noite, as ruas da Paraíba foram tomadas por partidários de José Maranhão, que comemoraram a decisão. Nas ruas, festas como se fosse época de réveillon. Carreatas, passeatas, gritos e fogos podiam ser ouvidos em diversas cidades do estado, do litoral ao sertão.

Na capital, a militância se concentrou na orla de João Pessoa, que ficou tomada por apoiadores do PMDB. Era, definitivamente, um fato que se tornara a capa dos principais jornais no dia seguinte, e seria também o principal assunto abordado no Bom Dia Paraíba. O tema foi pautado em estúdio por Arimatéa Souza, que já vinha acompanhando o processo desde o início, quando o TRE da Paraíba havia decidido pela cassação.

Figura 23: Arimatéa Souza no estúdio do Bom Dia Paraíba



Fonte: G1³⁷

³⁶ José Maranhão é o novo governador da Paraíba. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=txxpXYbnPyg>>. Acesso em 20 out. 2020.

- *Eu acompanhei pessoalmente as sessões. Na verdade, foram cassações, que a gente pode dizer, sumárias, não é? O governador da época foi cassado em duas sessões relativamente muito rápidas no que diz respeito aos sete juízes. Eu fui testemunha ocular das duas sessões”, lembrou o jornalista.*

Segundo Arimatéa Souza, nos dias que em ocorreram as decisões para cassar o mandato de Cunha Lima, o tempo destinado à política no telejornal foi maior, dada a dimensão daquela que foi a primeira cassação de um governador eleito no estado:

- *Nesse dia houve um tempo maior e o comentário foi no sentido de debulhar o voto de cada um dos juízes, debulhar a fundamentação de cada um dos votos, explicou.*

O comentário dele foi um complemento à cobertura da TV, que nesse dia, segundo ele, foi mais completa, graças à dimensão do fato.

- *A TV fez cobertura através de suas equipes e houve comentário no Bom Dia, lembrou.*

Figura 24: Repórter Hidelbrando Neto em frente ao prédio do ex-governador Cássio Cunha Lima



Fonte: Youtube³⁸

A cobertura informativa da cassação do mandato de Cássio foi feita pelo jornalista Hidelbrando Neto, que mostrou como foi a votação do TSE e a repercussão do resultado na

³⁷ Arimatéa Comenta julgamento contra Cássio Cunha Lima. Disponível em: <<http://g1.globo.com/pb/paraiba/bom-dia-pb/videos/t/edicoes/v/arimateia-souza-comenta-julgamento-do-tse-contr-o-candidat-o-cassio-cunha-lima/3625025/>>. Acesso em 12 dez. 2020.

³⁸ José Maranhão é o novo governador da Paraíba. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=txxpXYbnPyg>>. Acesso em 20 out. 2020.

Paraíba. As reportagens mostraram a movimentação em frente ao prédio onde morava o então governador, em João Pessoa, e a comemoração dos correligionários de José Maranhão.

Figura 25: Apoiadores de José Maranhão são filmados na orla de João Pessoa



Fonte: Youtube³⁹

Além de mostrar a repercussão da noite da cassação, o telejornal acompanhou a chegada do novo governador ao aeroporto Castro Pinto, em João Pessoa, e mostrou a expectativa para a posse de José Maranhão.

Figura 26: José Maranhão chega ao Aeroporto Castro Pinto



Fonte: Youtube⁴⁰

O terceiro mandato de José Maranhão foi marcado pelo discurso de austeridade, retomada de obras e “reconstrução” do estado. “Nunca se fez tanto em tão pouco tempo”, era o *slogan* da época. O então governador pavimentava o caminho para disputar mais uma vez o

³⁹ José Maranhão é o novo governador da Paraíba. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=txxpXYbnPyg>>. Acesso em 20 out. 2020.

⁴⁰ José Maranhão é o novo governador da Paraíba. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=txxpXYbnPyg>>. Acesso em 20 out. 2020.

governo do estado e tentar chegar ao seu quarto mandato no Palácio da Redenção, o que acabou não se concretizando.

Outro tema agendado no telejornal era o provável retorno de Cássio à política. Na época, era discutida a possibilidade do ex-governador ser ou não candidato ao Senado, nas eleições seguintes, por causa da recém-aprovada Lei da Ficha Limpa⁴¹.

O telejornal seguia acompanhando as batalhas judiciais do ex-governador, que conseguiu ser candidato *sub judice*. Apesar de ter sido o mais votado no pleito de 2010, não assumiu imediatamente o cargo, só conseguindo êxito depois que o Supremo Tribunal Federal adiou para o ano de 2012 a aplicação da nova legislação. Já depois de assumir o cargo, ele foi entrevistado pela apresentadora Patrícia Rocha.

Figura 27: Cássio é entrevistado no Bom Dia Paraíba em 2013



Fonte: G1⁴²

Em entrevista concedida em 10 de maio de 2013, o senador fez um balanço do seu mandato e comentou sobre a possibilidade de vir a ser candidato no ano seguinte contra o seu aliado da época, o então governador Ricardo Coutinho, que com a ajuda dele venceu José Maranhão em 2010.

- *Cássio Cunha Lima é candidato ao governo do estado no ano que vem?*, perguntou Patrícia Rocha.

⁴¹ Legislação que estabelece a inelegibilidade por um período de 8 anos para políticos condenados em processos criminais em segunda instância.

⁴² Bom Dia Paraíba entrevista o senador Cássio Cunha Lima. Disponível em: <http://g1.globo.com/pb/paraiba/bom-dia-pb/videos/t/edicoes/v/bom-dia-paraiba-entrevista-o-senador-cassio-cunha-lima/2565727/> Acesso em: 22 out 2020.

- Não, não pretendo. Eu pretendo concluir o meu mandato de senador. Fico muito feliz com manifestações que recebo. Meu objetivo é honrar essa confiança que a Paraíba me concedeu ao me levar para o Senado e procurar preservar a aliança que temos com o PSB, com o governador Ricardo. Agora, isso não depende só de mim, depende da disposição do meu próprio partido, e eu estarei dentro do PSDB.

- A situação jurídica permitiria essa candidatura?, indagou a jornalista.

- Permite, eu não tenho nenhum impedimento para que eu possa ser candidato. Agora, tenho dito e vou repetir: a opção prioritária é a manutenção da aliança, que vai depender do diálogo que será feito com o PSB e com o próprio governador Ricardo, acreditando eu que o melhor momento para isso é o ano que vem, para que esse ano fique protegido de qualquer tipo de influência da disputa eleitoral, respondeu.

Aquela entrevista ao Bom Dia Paraíba era um sinal, na verdade, de que Cássio pavimentava o caminho para tentar voltar a disputar o governo do estado, como veremos no capítulo seguinte.

A era Ricardo Coutinho e as derrotas de Maranhão e Cássio

Figura 28: Ricardo Coutinho toma posse no governo da Paraíba em 01 de janeiro de 2011



Fonte: G1⁴³

Os três primeiros anos do mandato de Ricardo Coutinho foram marcados por relativa harmonia em sua base política, construída entre ele e o aliado Cássio Cunha Lima, responsável

⁴³ Ricardo Coutinho toma posse como governador da Paraíba. Disponível em: <<http://g1.globo.com/politica/noticia/2011/01/ricardo-coutinho-toma-posse-como-governador-da-paraiba.html>>. Acesso em 25 out 2020.

em grande parte pela vitória do socialista nas urnas, mas também por embate dele com opositores e com a imprensa, como veremos mais adiante.

O ex-governador tinha forte oposição na Assembleia Legislativa da Paraíba (ALPB), pois sua bancada de sustentação era em menor quantidade na casa, fato que foi revertido aos poucos. Os deputados criticavam, dentre outros aspectos, o fechamento de escolas, o suposto aumento da violência e a terceirização da saúde, com a contratação de organizações sociais para gerir hospitais do estado.

No Bom Dia Paraíba, as pautas se concentravam nas intervenções administrativas anunciadas pelo novo governador e também nos embates entre ele e opositoristas, sobretudo na discussão de projetos de lei enviados aos deputados. Arimatéa Souza seguia como colunista de política e Laerte Cerqueira era o jornalista responsável por fazer a cobertura dos bastidores e das votações que ocorriam no legislativo estadual.

Figura 29: Laerte fala sobre vetos do governador a projetos da oposição, em 14 de agosto de 2013



Fonte: G1⁴⁴

No dia 03 de agosto de 2012, a repórter Larissa Pereira, que também integrava a equipe, entrevistou com exclusividade o governador e abordou os principais aspectos daqueles primeiros anos de mandato, inclusive as polêmicas que cercavam a sua gestão e os debates com opositoristas. A primeira pergunta dela foi sobre a gestão da saúde e os contratos com organizações sociais para gerir hospitais estaduais.

⁴⁴ Vetos do governador da PB, Ricardo Coutinho, a projetos da oposição têm gerado polêmica. Disponível em: <<http://g1.globo.com/pb/paraiba/bom-dia-pb/videos/t/edicoes/v/vetos-do-governador-da-pb-ricardo-coutinho-a-projetos-da-oposicao-tem-gerado-polemica/2756617/>>. Acesso em 12 out 2020.

Figura 30: Larissa Pereira entrevistou Ricardo Coutinho em 03 de agosto de 2012



Fonte: G1⁴⁵

- *O pacto com a Cruz Vermelha e o Hospital de Trauma, mesmo a contra-gosto do Ministério Público e do Ministério Público do Trabalho, essa pactuação foi feita até por uma situação emergencial. Ela duraria só seis meses, mas foi prorrogada por mais seis meses. O senhor pretende estender isso a todos os hospitais? Seria uma terceirização da saúde do estado?*, questionou a jornalista.

- *Em absoluto, isso é completamente impróprio. O Hospital de Trauma é mais do que nunca um hospital público, onde o poder público e o estado da Paraíba tem controle total e absoluto sobre ele. A diferença central é que hoje o estado tem a quem cobrar, ou seja, nós resgatamos o hospital que tinha problemas seríssimos de governabilidade, de funcionamento,* rebateu o governador.

- *O senhor pretende continuar gerindo dessa forma a saúde pública do estado?*, perguntou novamente Larissa Pereira.

- *Uma parte sim, não vejo nenhum problema,* respondeu, citando como exemplo uma unidade de saúde de Guarabira, cidade do brejo da Paraíba.

Ricardo Coutinho conseguiu governar nos primeiros anos com relativa tranquilidade administrativa, apesar de enfrentar críticas pela gestão da educação, por causa do fechamento

⁴⁵ Ricardo Coutinho fala sobre empréstimo da Cagepa e outros temas em entrevista exclusiva. Disponível em: <<http://g1.globo.com/pb/paraiba/bom-dia-pb/videos/t/edicoes/v/ricardo-coutinho-fala-sobre-emprestimo-da-cagepa-e-outros-temas-em-entrevista-exclusiva/2071793/>> Acesso em 12 out. 2020.

de escolas, e no campo da segurança pública, por causa dos números da violência no estado. Também houve turbulência na aprovação de R\$ 150 milhões para pagar dívidas da Companhia de Água e Esgotos da Paraíba (Cagepa).

- *Houve um reordenamento das escolas. Mais de 100, aproximadamente 150 foram fechadas, e sem dúvida gerou um caos, bem no início quando foram fechadas, porque os pais não conseguiram matricular seus filhos perto onde essas crianças moram. O governo estava preparado para isso? Como se preparou para isso?*, perguntou Larissa Pereira.

- *Eu te digo com muita sinceridade, não houve nenhuma criança que ficou sem estudar. Nós aumentamos em 36 mil vagas o ensino médio e ao mesmo tempo consertamos distorções enormes que existiam*, respondeu Ricardo Coutinho.

O questionamento da jornalista sobre as organizações sociais revelou-se pertinente com o passar dos anos, já que, ao final do seu segundo mandato, como veremos mais adiante, o governador foi alvo de investigações por suspeita de fraudes nos contratos com as organizações que passaram a gerir a saúde e a educação do estado.

O partido do então governador criticava com frequência o jornalismo da TV Cabo Branco, pois considerava desproporcional a cobertura realizada pela empresa. Ainda nos primeiros meses do governo, um locutor em um carro de som supostamente bancado pelo PSB, partido do governador, proferiu um duro discurso contra a emissora, em frente às instalações da empresa. Nas entrelinhas da mensagem, a cobertura do Bom Dia Paraíba também foi criticada naquele dia. Isso porque, nas primeiras horas da manhã, além do Jornal da Paraíba, que estava circulando no estado, também era exibido o telejornal.

Figura 31: Carro de som em frente à TV Cabo Branco reproduz discurso contra a emissora, em 2011



Fonte: Portal ClickPB⁴⁶

- *Mentem, deturpam os fatos, ignoram o princípio elementar do jornalismo que é mostrar o contraditório, expelem ódio e rancor desde as primeiras horas da manhã até a noite, na sua TV Cabo Branco, na rádio 101 e no Jornal da Paraíba*, dizia o discurso reproduzido pelo carro de som, contra o grupo de comunicação⁴⁷.

O jornalista Arimatéa Souza confirmou que essa relação do então governador com a empresa jamais foi harmoniosa, tornando “difícil” a cobertura dos fatos da época.

- *Houve grande repercussão (a chegada de Ricardo Coutinho ao poder), mas houve sempre uma conhecida, digamos, dificuldade de convivência da Rede Paraíba de Comunicação com Ricardo Coutinho, isso é público*, revelou Arimatéa Souza, sem entrar em detalhes do que motivou o estremecimento entre o então governador e a empresa.

A criatura contra o criador

Em 2014, ano da reeleição, a política da Paraíba experimentou um novo ciclo: após discordâncias sobre os rumos da administração, e com a proximidade do pleito, o então senador Cássio Cunha Lima decidiu romper a aliança com Ricardo Coutinho e se colocou novamente na disputa ao governo do estado.

Em 26 de fevereiro de 2014, em comentário de dois minutos, Arimatéa Souza noticiou o rompimento definitivo da aliança entre Coutinho e Cássio no telejornal. O jornalista informou que o então governador lamentava o fim da parceria política, mas que daria outro tom ao governo, com a demissão de servidores indicados pelo antigo aliado.

⁴⁶ PSB de Ricardo manda carro de som esculhambar empresário em frente da TV Cabo Branco. Disponível em: <<https://www.clickpb.com.br/paraiba/psb-de-ricardo-manda-carro-de-som-esculhambar-empresario-em-frente-da-tv-119038.html>>. Acesso em: 05 out 2020.

⁴⁷ PSB de Ricardo manda carro de som esculhambar empresário em frente da TV Cabo Branco. Disponível em: <[clickpb.com.br/paraiba/psb-de-ricardo-manda-carro-de-som-esculhambar-empresario-em-frente-da-tv-119038.html](https://www.clickpb.com.br/paraiba/psb-de-ricardo-manda-carro-de-som-esculhambar-empresario-em-frente-da-tv-119038.html)>. Acesso em: 30 ago. 2020.

Figura 32: Arimatéa Souza informa rompimento entre Cássio e Ricardo em 2014



Fonte:G1⁴⁸

- *As esperanças dele [de Ricardo] de preservar a aliança com o PSDB, que começou em 2010, acabaram. Ele já trata o assunto como ‘rompimento’, essa foi a palavra que ele utilizou ontem. Ele disse que cumpriu todos os compromissos que assumiu em 2010 e que não há motivos para esse rompimento, e que foi no limite da tolerância, tentando preservar esse ajuntamento de partidos, que segundo ele fez bem a Paraíba, destacou Arimatéa.*

Em 28 de novembro de 2013, o telejornal mostrou que Cássio Cunha Lima participou do aniversário de Ricardo Coutinho, e ambos haviam reafirmado a aliança. Na ocasião, uma frase dita por Coutinho causou revolta e foi criticada por Arimatéa Souza. Ao discursar, o governador prometeu dar uma ‘surra de varas’ na oposição, referindo-se ao pleito do ano seguinte.

- *É lamentável e inoportuno esse tipo de discussão, pois estamos há 11 meses da eleição. Adentramos ao varejão da política, como se diz popularmente. Inoportuno foi o comentário do governador em sua festa de aniversário, como [também] ter perdido [tempo], ter se dedicado boa parte da classe política, notadamente no plenário da Assembleia Legislativa, para aprofundar esse pronunciamento governamental. Na verdade, se é pra discutir a eleição precocemente, que se mergulhe sobre os grandes problemas do estado, pois*

⁴⁸ Governador Ricardo Coutinho fala sobre candidatura própria do PSDB na Paraíba. Disponível em: <<http://g1.globo.com/pb/paraiba/bom-dia-pb/videos/t/edicoes/v/governador-ricardo-coutinho-fala-sobre-candidatura-propria-d-o-psdb-na-paraiba/3174608/>>. Acesso em 17 out 2020.

não faltam desafios à classe política para abordar nesse campo. Cito o caso da saúde pública, cito a escalada de violência que atemoriza todos os paraibanos, sem falar na educação, criticou Souza.

Com a concretização do rompimento entre Cássio e Ricardo, houve uma reconfiguração política no estado. Inicialmente o favorito em todas as pesquisas, Cássio se ‘desidratou’ ao longo da campanha. Ele venceu o primeiro turno do pleito, mas não obteve êxito na segunda rodada e pela primeira vez em sua carreira perdeu uma eleição.

Apesar de ter vencido o primeiro turno com uma diferença de 28.333 votos, o resultado foi decepcionante para Cássio. Assim, Ricardo Coutinho reuniu em torno de seu nome apoios que o fizeram ganhar de virada no segundo turno, com 52,61% dos votos contra 47,39% do ex-aliado. Isso resultou em mais de 100 mil votos de diferença.

Ainda antes do primeiro turno, em 09 de outubro de 2014, o Bom Dia Paraíba mostrou que Ricardo Coutinho aproveitou para si o apoio de lideranças do PT, a exemplo de Lula e da então presidente Dilma Rousseff, e de José Maranhão, do PMDB, que se elegeu senador naquelas eleições, e reverteu o jogo.

Figura 33: Dilma Rousseff anuncia apoio a Ricardo Coutinho



Fonte: G1⁴⁹

No dia 27 de outubro de 2014, Arimatéa Souza foi o responsável por noticiar o resultado das eleições no segundo turno e explicar a derrota de Cássio para a Paraíba. Das

⁴⁹ Arimatéa Souza comenta a aliança entre PT e PMDB no Estado. Disponível em: <<http://g1.globo.com/pb/paraiba/bom-dia-pb/videos/t/edicoes/v/encontro-para-consciencia-crista-inicia-nesta-quinta-a-16-edicao-em-campina-grande/3177525/>> Acesso em: 09 out. 2014.

maiores cidades do estado, somente Campina Grande deu vitória ao tucano, e esse foi justamente o foco do seu comentário.

- Esse oásis tucano aqui em Campina Grande já ocorreu em 2010 e ontem foi confirmado esse predomínio tucano na cidade. Foi em Campina que mais colou o discurso verbalizado por Cássio, na tentativa de colar as eleições nacional e estadual, sob o argumento de que seria importantíssimo para a Paraíba ter um governador amigo do presidente da república, no caso, Aécio Neves. A sensação é que não tem o efeito, como em outros municípios, o braço dos programas sociais. Nem PMDB nem PT na cidade conseguem levar para a disputa as suas fatias do eleitorado, enfatizou Arimatéa. A reeleição de Ricardo Coutinho foi destaque nas reportagens informativas.

Reeleito, o governador não mudou seu estilo “durão” e conquistou a maioria parlamentar na Assembleia da Paraíba.

Em 2018, em seu último ano de governo, o socialista respondeu de forma agressiva ao repórter Plínio Almeida, da TV Cabo Branco, ao ser indagado por ele sobre a lei que criava uma guarda pessoal para ex-governadores do estado. Coutinho estava prestes a deixar o governo e poderia ser beneficiado pela lei, que acabou sendo derrubada.

- Concomitante a esse momento, que é de comemoração, nós temos também uma repercussão negativa à nova lei?, indagou o repórter.

- Já foi explicado! A Cabo Branco participa, ao lado de outros sistemas, participa exatamente da tentativa de encobrir tudo de bom que esse estado faz. Vocês tentam criar contrainformação. Essa é uma atividade típica da Cabo Branco, típica da Cabo Branco. Eu gostaria que vocês passassem a minha entrevista, que o Sistema da Cabo Branco, ao lado de outros sistemas, participam sempre da contrainformação, disse Ricardo Coutinho na ocasião.

Arimatéa já não estava no telelornal em 2018. Ele saiu do sistema em 2016, após ser chamado para mudanças contratuais. Ele faz um balanço positivo da época, mas considera que a política poderia ter um tempo maior na televisão.

- Foi experiência muito boa, memorável, a televisão, principalmente naquela época era algo inegavelmente tentador, ainda mais o fato de você aparecer em duas TVs simultaneamente, as TVs Paraíba e Cabo Branco. Agora, acho que houve um subaproveitamento da minha pessoa, e a falta de sensibilidade editorial da condução

jornalística das TVs, de entender que a política, queira ou não, é algo muito entranhado no cotidiano, e que muito se abriu mão de audiência por menosprezar o noticiário político, avaliou.

Ricardo Coutinho, por sua vez, governou o estado até o ano de 2018, quando estava prestes a enfrentar o seu mais difícil “Calvário”. Tal fato foi pauta no Bom Dia Paraíba na fase em que a cobertura política passou a ser dirigida pelo jornalista Laerte Cerqueira. No capítulo seguinte deste livro-reportagem, há detalhes sobre a cobertura da prisão de Ricardo Coutinho, acusado de integrar um esquema criminoso que teria desviado cerca de R\$ 134 milhões dos cofres do estado por meio de organizações sociais nas áreas da saúde e educação. Um problema que, como vimos, havia sido objeto de questionamento na entrevista conduzida pela jornalista Larissa Pereira, no início do primeiro mandato do socialista.

A INTERPRETAÇÃO DOS FATOS

Figura 34: Laerte Cerqueira comenta fatos políticos no Bom Dia Paraíba



Fonte: Globoplay

Atuando inicialmente na TV Correio, afiliada da Record TV, na Paraíba, em 2008, o jornalista Laerte Cerqueira foi convidado pela TV Cabo Branco para trabalhar na cobertura política da emissora. No começo, ele foi contratado para fazer a cobertura da Assembleia Legislativa da Paraíba (ALPB), e depois também foi o responsável por reportagens especiais relacionadas a temas administrativos e problemas estruturais da Paraíba.

- Em 2008, Maria Cristina Dias me indicou para Ana Viana, depois para Sérgio Pavanello, que estava lá na época, para uma conversa, e eu fui. A proposta é que a Cabo Branco tivesse uma cobertura política mais forte no período da tarde, e também para fazer especiais de Justiça, para discutir casos que não foram resolvidos. Na época era uma série. Enfim, aí quando eu fui chamado para fazer política lá, para fazer o dia a dia da Assembleia, eu meio que assumi esse papel.

Segundo Laerte, o envolvimento com a cobertura política ocorreu de forma ‘natural’, graças ao papel inicial que lhe foi dado, mas não era uma pretensão dele. Ele atuava como repórter dos telejornais da emissora, fazendo também reportagens para jornais da Rede Globo e entradas ao vivo no JPB2, o telejornal da noite da TV Cabo Branco.

- Eu comecei a cobrir a Assembleia, e conseqüentemente como funcionou - eu acredito que funcionou -, durante os primeiros 4 ou 5 anos todas matérias de política eu comecei a cobrir. A vinda do presidente à Paraíba, sessão na Assembleia, na Câmara, eventos que

tinham relação com política e Justiça, Ministério Público, e eu fui me envolvendo com essa área, sem muita pretensão de ser jornalista político, eu juro a você, relatou Laerte.

A atuação de Laerte Cerqueira na TV Cabo Branco sofreu uma pausa quando ele decidiu pedir demissão para estudar a língua inglesa na Irlanda. Em 2012, porém, decidiu voltar à Paraíba para fazer mestrado, e novamente retornou às telas da emissora, dessa vez recebendo uma nova proposta para a cobertura política.

- Era uma grande reformulação também, pois Tatiana Ramos [editora regional] tinha assumido, e a proposta é que eu fizesse uma matéria e voltasse para fazer um comentário político no JPBI. E era uma argumentação que eu tinha, que a gente transformasse a linguagem política numa linguagem mais simples, para que a audiência daquele jornal tivesse acesso às decisões políticas, porque no meu entendimento a política está em tudo e a gente precisa entender isso, porque ela é fundamental. Por que a gente anda de um jeito e não anda de outro? As decisões que a gente toma estão relacionadas à política. Então eu achava que o público com menos escolaridade precisava ter esse conhecimento da política, contou Laerte.

Em abril 2016, a cobertura sofreu uma nova reformulação e Laerte Cerqueira foi designado para fazer comentários no Bom Dia Paraíba. A ideia era que o jornalista pudesse dar destaque aos fatos de João Pessoa, enquanto Arimatéa Souza continuava com os fatos de Campina Grande. Esse modelo perdurou até Arimatéa sair do telejornal.

- Arimatéa estava muito focado nas coisas de Campina e havia uma deficiência sobre os fatos de João Pessoa. Durante um tempo a gente ficou junto, só que depois ele saiu e eu assumi a parte política do Bom Dia Paraíba.

Em 2017, Laerte Cerqueira fez uma nova pausa na carreira televisiva e viajou para Barcelona, na Espanha, para concluir seu doutorado em Comunicação. Ele voltou ao Bom Dia Paraíba em março de 2018, trazendo de volta a interpretação dos fatos políticos.

- Eu acho que tem um pouco do meu olhar mais crítico, eu gostava de discutir temas mais sérios. Nunca gostei de discutir, de fazer matérias mais... Não sei que palavra usar para não diminuir essas matérias que também são importantes... Mas eu gostava de fazer matérias cujas decisões mudavam a vida das pessoas. Eu fazia com mais profundidade, gostava, e isso acabou me levando para política. Fui ganhando espaço e fiquei, e hoje eu acho que foi muito bom, avaliou.

Em 2020, além de jornalista político, Laerte Cerqueira passou a dividir o tempo de comentarista com o de editor do JPB1. Assim que terminava os comentários do Bom Dia Paraíba, ele seguia para a edição do telejornal seguinte, o que segundo ele, acabou limitando a apuração das informações relativas à política.

- Isso me afasta das leituras e me distancia dos contatos, das ligações, de fazer o trabalho que o jornalismo de cobertura política exige, mas hoje eu não me vejo fazendo uma outra coisa, não. Eu estava lendo um livro essa semana, até pra dar aula na pós, no PPJ [Programa de Pós-Graduação em Jornalismo, da UFPB], que diz assim, 'Eu sinto falta de fazer a política das coisas e não as coisas da política', que é o que a gente faz aqui. A gente não discute porque a gente tem problemas na área da educação, porque uma gestão pública não é transparente. Eu busco fazer isso, mas nem sempre dá.

Recomendações editoriais: o interesse público

Segundo Laerte Cerqueira, a TV Cabo Branco não censura o noticiário político. A regra é que as notícias sejam baseadas no interesse público. No período eleitoral, o foco é evitar as especulações e priorizar os fatos.

- Eu não tenho recomendação nenhuma de não falar nisso ou daquilo. Nesse momento, eu não falo de campanha, eu não fico dizendo quais são os nomes, os pré-candidatos, o rame-rame da campanha, como a rádio está fazendo. Eu não faço na TV, porque o impacto na TV é muito maior. Eu falo dos fatos. Edilma foi anunciada como pré-candidata do prefeito [de João Pessoa] Luciano Cartaxo [em 2020], é fato, e importante porque é a candidata do prefeito, então eu falo. Eu lembro que falei de Cícero já, de Nilvan [também candidatos à prefeitura de João Pessoa em 2020], mas a gente não pode entrar de vez, e a gente não deve fazer isso simplesmente pela especulação. A única determinação é, até quando for fazer algum tipo de especulação, tenha a fonte da especulação, relatou.

Além desse equilíbrio, algumas condutas relacionadas à linha editorial da emissora já são “conhecidas” naturalmente pelo comentarista, sem que isso precise de uma recomendação expressa da empresa.

- Desde que tenha interesse público, a gente dá. Se não tiver, a gente não dá. Agora, óbvio, eu estou lá há algum tempo, e tem alguns comportamentos, algumas notícias que a gente já sabe que tem que dar um tratamento especial. Isso significa que você está sendo censurado? Não. Significa que você tem o entendimento dos seus condicionantes. Não dá para achar que você estando dentro da empresa ou fora dela, você pode falar tudo, pois até a forma de falar é importante que você pense, discuta, dialogue, não porque você tem interesse, mas porque você tem que ter responsabilidade quando você faz isso. E também eu posso dizer que não tenho essas limitações por um simples motivo: me ajuda muito a realidade de você ter canais de multiplicação de fatos, de ideias nas mãos de qualquer cidadão. Eu vou ser criticado porque estou silenciando para algo importante. Então há uma fiscalização, uma cobrança do público muito maior do que já foi há qualquer tempo. Até 2012, você falava o que você queria e aceitasse quem aceitasse. Falo 2012 porque foi o marco da criação do WhatsApp. Agora, quando você fala algo errado, as pessoas questionam, então você é muito mais fiscalizado, disse.

As bolas divididas

Apesar de não haver censura na cobertura política do Bom Dia Paraíba, Laerte Cerqueira lembra que em pelo menos oito ocasiões recebeu recomendações sobre o conteúdo exibido no Bom Dia Paraíba, o que ele chama de “bolas divididas”, que são as discussões mais acaloradas sobre os assuntos que vão ser pautados no telejornal.

- Eu não entro em bola dividida. Se tiver uma bola dividida eu vou questionar, vou argumentar. Porque tem isso. Muitas vezes a bola está dividida e você diz: a gente vai fazer o quê? Eu não estou na empresa pra fazer o que eu quero, eu estou na empresa pra fazer bem o que as pessoas precisam. E como fazer isso? Discutindo com o dono, com a chefe, e argumentando. Algumas vezes você ganha, algumas vezes você perde. E por que você perde? Porque tem interesses, não é? A gente tem que entender, também, que a política só adora o jornalismo, porque o jornalismo é um instrumento de poder, não é? Então, a gente precisa, também, saber lidar com isso, respondeu Laerte Cerqueira.

Autonomia na cobertura

Um dos exemplos de autonomia de Laerte Cerqueira na coluna do Bom Dia Paraíba ocorreu durante a pandemia da Covid-19, em 2020, quando ele decidiu colocar vídeos de parlamentares paraibanos falando sobre temas relacionados à pandemia da Covid-19 o que era algo incomum no telejornal.

- Eu não pedi autorização da minha chefe para fazer isso. Eu fui fazendo porque percebi a necessidade dessas pessoas, desses atores, de aparecerem para discutirem assuntos que eles tinham domínio. Ninguém nunca questionou. Essa semana eu coloquei Pedro Cunha Lima.⁵⁰ Agora eu não vou colocar Pedro Cunha Lima todo dia. Se não alguém vai dizer: ‘Esse cara está [fazendo assessoria]’. Dei Gervásio, dei Veneziano, dei Daniella. A importância da fala vai determinar a fala ou não. Se alguém questionar, eu vou argumentar. (...) Tem a história de que se todas as vezes que você for tomar uma decisão você for pedir uma autorização, você não vai ter autonomia.

Xeque-Mate em Cabedelo

Figura 35: A apresentadora Patrícia Rocha falou pela primeira vez sobre a Operação Xeque-Mate em 2018



Fonte: G1⁵¹

⁵⁰ Deputado federal e presidente estadual do PSDB. Foi presidente da Comissão de Educação da Câmara dos Deputados e ainda mantém atuação voltada ao setor educacional.

⁵¹ Prefeito e vereadores de Cabedelo são presos em operação da Polícia Federal. Disponível em: <<https://globoplay.globo.com/v/6631188/programa/?s=0s>>. Acesso em 20 out. 2020.

No dia 03 de abril de 2018, o Bom Dia Paraíba noticiou, ao vivo, as primeiras informações sobre uma das maiores operações policiais dos últimos anos no estado: a operação Xequé-Mate, deflagrada enquanto o telejornal estava no ar.

- Atenção, está acontecendo, nesse momento, uma operação da Polícia Federal aqui na região metropolitana de João Pessoa, agora nas primeiras horas da manhã. Temos as imagens das primeiras ações dos policiais que estão em Cabedelo, e também no bairro do Bessa, em João Pessoa. Um dos alvos é a casa de um vereador. Nossa equipe está acompanhando o trabalho da polícia e confirmando as informações com os responsáveis pela operação, narrou a então apresentadora e editora-chefe do Bom Dia Paraíba, Patrícia Rocha, no início daquela edição.

A equipe do programa não sabia, mas se tratava da primeira fase da Operação Xequé-Mate, que foi deflagrada pela Polícia Federal em conjunto com o Grupo de Atuação Especial contra o Crime Organizado (Gaeco) do Ministério Público da Paraíba a fim de desarticular um esquema de corrupção na administração do município de Cabedelo, na região da Grande João Pessoa. As informações chegavam pouco a pouco, até que veio o fato principal, como uma bomba: o prefeito de Cabedelo, Leto Viana, e o vice-prefeito, Flávio Oliveira, além de cinco vereadores estavam sendo presos, ali, em frente às câmeras. Eles eram acusados de desviar recursos públicos. Outros cinco parlamentares foram afastados do cargo imediatamente. Cerca de 200 policiais federais cumpriram 11 mandados de prisão preventiva, 15 bloqueios de imóveis e 36 de busca e apreensão expedidos pelo Tribunal de Justiça da Paraíba (TJPB).

Às 6h34 da manhã daquela edição, Patrícia Rocha fez uma segunda entrada, do estúdio, com informações sobre a Xequé-Mate:

- A Polícia Federal informou que a operação se chama Xequé-Mate e tem a intenção de combater a corrupção administrativa em Cabedelo. (...) Além dos mandados a Justiça decretou também o afastamento cautelar do cargo de 85 servidores públicos, entre eles, atenção, do prefeito e do vice-prefeito da cidade. (...) Os envolvidos responderão por formação de organização criminosa, corrupção ativa e passiva, lavagem de dinheiro e fraude licitatória. O prefeito responderá, também, por crime de responsabilidade.

Começava naquela manhã uma das principais investigações da história recente da Paraíba, que ganhou destaque nacional e que teria mais desdobramentos posteriormente. O tema se tornou a principal pauta naquela edição do telejornal, que dedicou 11 minutos e 47 segundos de entradas ao vivo somente para o caso.

A repórter Silvia Torres foi a primeira a entrar ao vivo, com informações da operação, diretamente de Cabedelo, mostrando a movimentação de policiais em frente à residência do prefeito da cidade.

As informações iniciais eram as mesmas que foram divulgadas para a imprensa pela Polícia Federal naquela manhã, mas o diferencial da cobertura era o fato de o telejornal estar em tempo real, em diferentes pontos da cidade, mostrando o andamento da operação.

Figura 36: Patrícia Rocha e Silvia Torres interagem ao vivo sobre a Xequê-Mate



Fonte: Globoplay⁵²

- A qualquer momento, o Leto Viana sai daqui com os policiais. Por enquanto, há até uma certa tranquilidade aqui em frente à casa do prefeito. A gente lembra que são cerca de 200 policiais cumprindo 11 mandados de prisão. Além dos mandados, 85 servidores estão sendo afastados das funções e a qualquer momento Leto Viana vai sair daqui com os policiais federais. A gente está aqui aguardando. A gente lembra que as prisões envolvem o prefeito, o vice-prefeito e o presidente da Câmara Municipal, disse a repórter Silvia Torres.

Para o jornalista Laerte Cerqueira, esse foi um dos principais acontecimentos que marcaram sua trajetória no telejornal. Por ocorrer nas primeiras horas do dia, a primeira fase

⁵² Prefeito e vereadores de Cabedelo são presos em operação da Polícia Federal. Disponível em: <<https://globoplay.globo.com/v/6631188/programa/?s=0s>>. Acesso em 20 out. 2020.

da operação foi um desafio. O comentarista político tinha como missão ler dezenas de páginas da denúncia oferecida pelo Ministério Público e da decisão judicial que autorizou a operação, a fim de entender os detalhes da investigação e contextualizar a notícia durante o programa ao vivo.

- Essa operação me marcou porque eram muitos os políticos, eram empresários, era muita gente. Havia na denúncia do Ministério Público e no documento que o juiz autorizou os mandados de busca e apreensão muitos detalhes de como houve o desvio do dinheiro, então você precisava fazer uma leitura intensa e cautelosa dos documentos do Ministério Público, até para não fazer acusações levianas ou simplesmente assumir o discurso acusatório do Ministério Público. Uma coisa que a gente precisa entender é que o Ministério Público tem que acusar, mas a gente não tem que acusar. (...) Eu tinha um cuidado muito grande ao dizer que Leto Viana era acusado de desvios, e buscava na documentação do Ministério Público indícios de provas que de fato comprovassem a acusação, ressaltou Laerte.

A PF deflagrou a operação enquanto o Bom Dia Paraíba estava no ar, por isso as pautas foram repensadas e os repórteres foram para as ruas em busca de informações, ainda prematuras, do que estava em curso. A operação comprovou que autoridades públicas se beneficiavam de um esquema criminoso que culminou com o aumento patrimonial acima de suas rendas. Isso ocorria através da desapropriação irregular de imóveis e também mediante o pagamento de salários a servidores fantasmas. A polícia apontou que também havia um ‘conluio’ entre o prefeito e o empresário Roberto Santiago, proprietário do *Manaíra Shopping*, localizado entre os municípios de João Pessoa e Cabedelo. Esse ‘pacto’ teve como um dos objetivos, dificultar a construção de outro empreendimento do mesmo porte em Cabedelo. O esquema teria começado com a venda do mandato do prefeito eleito em 2012, Luceninha. O repórter Danilo Alves mostrou ao vivo a ação na casa do empresário Roberto Santiago.

Figura 37: Patrícia Rocha e Danilo Alves interagem ao vivo sobre a Xeque-Mate em 2018



Fonte: Globoplay⁵³

- Essas imagens que vocês estão vendo aí são imagens do interior da casa do empresário Roberto Santiago, que fica aqui no bairro do Bessa [bairro de João Pessoa]. A gente não tem informações detalhadas se existe algum envolvimento do empresário com o esquema que está sendo investigado pela polícia nem se há algum mandado contra alguém que esteja aqui na residência ou que more aqui na casa. O que a gente sabe é que, pelo menos, mandados de busca estão sendo cumpridos, explicou o repórter.

Laerte Cerqueira disse que contribuiu com a apuração dos fatos, e que a partir dali foi necessário ler cada decisão judicial, em nome da informação precisa e correta.

Figura 38: Laerte Cerqueira comenta a operação, no dia 04 de abril de 2018, um dia após a operação



Fonte: GloboPlay⁵⁴

⁵³ Prefeito e vereadores de Cabedelo são presos em operação da Polícia Federal. Disponível em: <<https://globoplay.globo.com/v/6631188/programa/?s=0s>>. Acesso em 20 out. 2020.

⁵⁴ Operação Xeque-Mate tem 11 pessoas presas em Cabedelo. Disponível em: <<http://g1.globo.com/pb/paraiba/bom-dia-pb/videos/t/edicoes/v/operacao-xeque-mate-tem-11-pessoas-presas-em-cabedelo/6634849/>>. Acesso em 20 out 2020.

- A gente tinha que fazer muitas leituras das denúncias, isso demandava um tempo muito grande. Eu cansei de terminar o expediente e ter que ir trabalhar em casa, ler a decisão da Justiça ou o parecer do Ministério Público, e era uma fase atrás da outra, então você precisa ser de fato honesto para não ser o acusador, mas você também não pode esconder [os fatos]. Você precisa pegar as informações que circulam equivocadas para dar a elas um tratamento que elas merecem, destacou Laerte Cerqueira.

No dia seguinte à deflagração da Operação, 04 de abril de 2018, esse ainda foi o tema principal do telejornal. Dessa vez, o foco foi interpretar os fatos, explicar para o telespectador os pormenores da investigação, quais eram as acusações contra os envolvidos e o principal: qual seria o destino da cidade dali em diante, já que as principais figuras políticas do município tinham sido presas. Naquela edição, Laerte Cerqueira opinou e interpretou os acontecimentos:

- É um esquema que à boca miúda se ouvia em Cabedelo, mas não tinha como provar. A investigação vai provar muita coisa, mas já há suspeitas graves. Quando você tem um suposto esquema como esse, que tem muita gente, é difícil esconder. É difícil esconder o aumento de patrimônio de um vereador e de outras autoridades. Não tem como esconder isso. (...) O que a gente pode entender, é que são dois núcleos: o da Câmara e o da prefeitura. O da prefeitura cooptava vereadores para aprovar projetos que o prefeito e seu grupo queria. Os empresários seriam os financiadores desse esquema porque também se beneficiavam, e a Câmara de vereadores era o que recebia esse dinheiro para sustentar a legalidade de desapropriações, de entregas de imóveis, de doações. Fora isso, você tinha os funcionários fantasmas que repassavam o dinheiro para as autoridades, segundo o Ministério Público, disse Laerte, ao vivo no estúdio, com base nos documentos da denúncia.

Até novembro de 2020, a operação Xequê-Mate contou com mais cinco fases de investigação. O prefeito Leto Viana renunciou ao cargo em outubro de 2018 e chegou a confessar à Justiça acusações do Ministério Público. Ele foi liberado da prisão em 06 setembro de 2019, tendo que cumprir medidas cautelares por determinação judicial. Vereadores presos, bem como o empresário Roberto Santiago, que também foi detido na operação, também já

saíram da prisão, mas as investigações continuam no âmbito do Ministério Público da Paraíba (MPPB) e sempre que ocorrem desdobramentos, os fatos são noticiados no telejornal.

- No caso da Xeque-Mate, envolvia a metade de uma Câmara de vereadores que foi afastada. E aí você pergunta, quando isso acontece, faz o quê? Quem assume? Então você tem que ir atrás de um jurista, de uma fonte, para ver como vai ficar. Porque muito mais do que noticiar uma operação, você tem que avançar, mas às vezes, naquele momento, não tem como fazer isso. O grande desafio é ir até o limite do erro. Você pode até ser impreciso, porque o momento não lhe dá a precisão necessária, resumiu Laerte.

O ‘Calvário’ de Ricardo Coutinho

As fases da Operação Calvário, que investiga um escândalo de corrupção entranhado no governo da Paraíba desde a eleição de Ricardo Vieira Coutinho em 2010, também foram deflagradas enquanto o Bom Dia Paraíba estava no ar. Isso contribuiu para que fatos fossem mostrados no ar, e algumas imagens, exibidas com exclusividade.

Ricardo Coutinho foi alvo dessas investigações, tendo a prisão decretada em 17 de dezembro de 2019, acusado de liderar um esquema criminoso responsável por desviar mais de R\$ 134,2 milhões dos setores da saúde e da educação por meio de organizações sociais. Naquele dia, o telejornal destinou 44 minutos para falar sobre as investigações. O ex-governador havia sido delatado por Daniel Gomes, operador da Cruz Vermelha brasileira, uma das organizações sociais responsáveis por gerir hospitais do estado. Ricardo foi gravado durante 8 anos de gestão, supostamente negociando propinas dos contratos firmados entre a organização e o governo do estado. Assim como na Operação Xeque-Mate, a equipe do Bom Dia Paraíba foi “pega de surpresa” com a deflagração da nova fase da Calvário. O repórter Antônio Vieira foi o primeiro a chegar a um dos pontos da operação, no chamado “Canal 40”, imóvel que servia como ponto de apoio nas campanhas eleitorais do PSB.

Figura 39 - Antônio Vieira traz as primeiras informações da Operação Calvário em 2019



Fonte: Globo Play⁵⁵

Nos bastidores, Laerte Cerqueira foi quem primeiro confirmou a informação de que aquela fase da investigação tinha como alvo Ricardo Coutinho:

- A gente ficou meio sem acreditar, mas quando o documento chegou, a gente viu que o primeiro nome era o de Ricardo [Coutinho]. Eu tinha até guardado esse documento. A gente viu a lista. Livânia [Farias, secretária de administração da Paraíba], Waldson [de Souza, ex-secretário de saúde do estado], viu o nome de todo mundo, e ficou surpreso obviamente, e quando eles liberaram, o desembargador liberou a decisão, liberou já com os trechos de áudio das discussões. Mas de manhã, eu lembro que eu fiz foi pegar o documento e fazer uma interpretação rápida, dizendo que havia transcrição de áudios de conversas entre o governador e Daniel Gomes, que tinha documentos apreendidos, que tinha os nomes das pessoas que se beneficiavam, enfim. Eu fui meio que interpretar um pouco do que dizia a decisão, porque geralmente nesse tipo de situação lá, eu tento ler a decisão para dar um embasamento mais forte, para detalhar um pouco o que é, enquanto os repórteres ficam na rua fazendo os factuais nos locais onde estão sendo alvos. Geralmente, eles utilizam o release⁵⁶ da PF [Polícia Federal] e do Gaeco (Grupo de Atuação Especial Contra o Crime Organizado) e eles descrevem a cena, o que está acontecendo lá.

⁵⁵ Operação Calvário; 17 mandados de prisão são cumpridos. Disponível em: <<https://globoplay.globo.com/v/8171400/programa/>>. Acesso em: 20 out. 2020.

⁵⁶ Texto informativo distribuído por jornalistas por assessorias de comunicação e imprensa antes de eventos solenidades, entrevistas etc., com resumos, biografias, dados específicos que facilitem o trabalho jornalístico.

A prisão de Ricardo Coutinho, no entanto, ocorreu três dias após a expedição do mandado judicial. Ele estava na Europa e tentou recorrer da decisão do desembargador Ricardo Vital, do Tribunal de Justiça da Paraíba (TJPB). Ele foi preso ao desembarcar no aeroporto de Natal, no Rio Grande do Norte, em 20 de dezembro de 2018, sob as lentes e os *flashes* da imprensa, que a partir dali passou a acompanhar o início do seu calvário político e jurídico.

De Natal, o ex-governador foi levado para a sede da Polícia Federal em João Pessoa, onde passou a noite. No dia seguinte, ele foi encaminhado para audiência de custódia no Tribunal de Justiça da Paraíba (TJPB), onde foi ouvido sobre as circunstâncias da prisão e recebeu a notícia de que seria levado para o 5º Batalhão da Polícia Militar, onde iria cumprir a prisão preventiva. As equipes do Bom Dia Paraíba acompanharam tudo.

Foragido ou não encontrado?

Figura 40: Laerte noticia a prisão de Ricardo Coutinho ao lado da apresentadora Denise Delmiro



Fonte: Globoplay⁵⁷

Ninguém sabia, mas no dia da deflagração da operação, o ex-governador Ricardo Coutinho não estava na Paraíba, mas em outro continente: a Europa. Na redação, segundo Laerte Cerqueira, ouvia-se a frase: “A gente precisa saber onde Ricardo está, a gente precisa saber onde Ricardo está!”. Ele não havia sido encontrado pela polícia e a prisão ocorreu somente três dias depois, quando ele desembarcou no aeroporto de Natal.

⁵⁷ Operação Calvário; Ricardo Coutinho, ex-governador da Paraíba, é preso. Disponível em: <<https://globoplay.globo.com/v/8179894/programa/?s=0s>>. Acesso em: 21 out. 2020.

- A gente usa a palavra foragido ou não usa? A gente não usou a palavra foragido, porque a gente não sabia nem tinha certeza se mesmo com o mandado de prisão, não sendo encontrado, se ele era foragido. Não, vamos dizer que ele não foi encontrado. Enquanto a polícia ou o Ministério Público não disser que ele é foragido, não vamos usar esse termo. Mas essas situações são naturais, algumas vezes ocorriam pelo WhatsApp. Agora, óbvio, quando é uma situação como essa, todo mundo chega mais cedo. E eu lembro que eu entrei às 5h30 e só sai da TV às 20h. Houve até um problema no Departamento Pessoal. Como é que eu poderia aparecer pela manhã, ao meio-dia e à noite. É que como eu acompanhei todo o processo, mesmo tendo o intervalo, acabei fazendo o Bom Dia, o JPB1 e um ao vivo em frente ao Palácio da Redenção.

Após a deflagração da sétima fase da Operação, assim como já ocorreu em coberturas importantes, a participação de Laerte Cerqueira “transbordou” os limites do Bom Dia Paraíba. Ele contribuiu também com as coberturas do JPB1 (telejornal do meio-dia) e do JPB2 (telejornal da noite), sendo o principal responsável pela cobertura daquele acontecimento dentro da emissora, já que tinha lido toda a denúncia contra o ex-governador e os demais envolvidos na operação Calvário.

- Essa cobertura foi marcante, primeiro porque ocorreu quando o jornal estava no ar. E porque envolviam nomes de secretários de estado e de um ex-governador.

Figura 41: Ricardo Coutinho chega na sala da audiência de custódia, após ser preso na Operação Calvário



Fonte: G1

Além do trabalho de interpretação dos fatos, Cerqueira também era quem editava o material trazido pelos repórteres da rua. Foi ele, por exemplo, quem editou o material sobre a audiência de custódia de Ricardo Coutinho, que ocorreu no dia seguinte à sua prisão, 20 de dezembro de 2018. Na ocasião, o ex-governador foi escutado pelo juiz sobre as circunstâncias da detenção.

Repórteres de vários veículos de comunicação, inclusive da TV Cabo Branco, estavam presentes. Blogueiros que se tornaram desafetos do ex-governador durante sua gestão no governo do estado também assistiram à audiência. “*Boa estadia na prisão, governador*”, disseram na ocasião, fato presenciado pelo autor deste livro-reportagem em atuação para a rádio Arapuan FM.

Laerte Cerqueira explicou como foi o trabalho na redação da TV Cabo Branco:

- Eu editei o material na redação. As imagens de Natal foram enviadas pelo repórter de Natal. Eu fiquei muito da redação. Como precisávamos fazer muita arte [destacar trechos de documentos no vídeo], separar documentos, como eu tinha lido mais de 100 páginas, eu ficava organizando o que ia para o ar, separando trechos de áudios, trechos de conversas, sonoras [entrevistas] de advogados, era isso, lembrou.

Ricardo Coutinho saiu do tribunal em um carro da Polícia Federal. Na rua, manifestantes batiam na viatura e chamavam o ex-governador de “corrupto” e “ladrão”, algo que ele sempre negou. Também houve fogos de artifício e muitos gritos de pessoas críticas ao ex-governador. O fato foi veiculado no Bom Dia Paraíba no dia seguinte.

Ricardo ficou pouco tempo no cárcere e deixou a prisão no dia 21 de dezembro de 2019, após uma decisão do ministro Napoleão Nunes Maia Filho, do Superior Tribunal de Justiça (STJ), que concedeu *habeas corpus* durante o plantão judiciário e determinou a soltura imediata do socialista. Depois, a decisão foi referendada pelo pleno do mesmo tribunal, que impôs medidas cautelares ao ex-governador, a exemplo de recolhimento domiciliar noturno, o uso de tornozeleira eletrônica e a proibição de falar com outras fontes.

Do céu ao inferno

Um ano antes da prisão, no auge de sua popularidade, quando estava prestes a deixar o governo do estado, Ricardo Coutinho foi convidado pela TV Cabo Branco para uma entrevista, no estúdio, no Bom Dia Paraíba. Na ocasião, ele foi questionado por Patrícia Rocha (então apresentadora e editora-chefe) e Laerte Cerqueira sobre o balanço dos 8 anos de gestão. Além dos pontos positivos, que ele teve a oportunidade de abordar, o governador também foi questionado sobre temas sensíveis relativos à segurança pública, saúde e crise entre os poderes.

O jornalista Laerte Cerqueira, na ocasião, fez uma pergunta sobre irregularidades investigadas pela Justiça Eleitoral e que teriam sido praticadas durante a disputa do ano de 2014, como abuso de poder político e econômico para vencer as eleições. O socialista negou peremptoriamente as suspeitas que pairavam contra ele:

- Estou há 8 anos governando o estado e estou atrás de uma única prova. Isso é bobagem de quem perdeu a eleição. O cara perde a eleição e passa quatro anos com isso, moendo, criticou Ricardo Coutinho.

Figura 42: Ricardo Coutinho é entrevistado no Bom Dia Paraíba em 2018



Fonte: Globoplay⁵⁸

Naquela época, Coutinho tinha bons níveis de aprovação, que o ajudaram a eleger o sucessor, o governador João Azevêdo (Cidadania), ex-secretário de Infraestrutura e Recursos Hídricos do governo, que no pleito venceu as principais forças políticas do estado.

⁵⁸ Governador Ricardo Coutinho é entrevistado no Bom Dia Paraíba. Disponível em: <<https://globoplay.globo.com/v/7224758/programa/>>. Acesso em 21 out 2020.

Azevêdo bateu nas urnas Lucélio Cartaxo (PSD) - candidato ao governo do estado com o apoio do irmão, o prefeito de João Pessoa, Luciano Cartaxo, e José Maranhão (MDB), senador que novamente foi candidato ao governo e perdeu. Na mesma eleição, Cássio Cunha Lima (PSDB) perdeu a disputa por uma vaga ao Senado após enfrentar uma série de críticas de Coutinho.

A Operação Calvário, no entanto, que veio logo em seguida, foi um divisor de águas e mostrou irregularidades que ocorreram nos bastidores do poder na Paraíba. Após a deflagração da investigação, e já durante o novo governo, secretários estaduais foram afastados da administração, provocando o rompimento entre João Azevedo e Ricardo Coutinho.

O novo governador também entrou na mira das investigações. Após desentendimentos públicos com Coutinho, Azevêdo saiu do PSB e decidiu se filiar ao partido Cidadania. A desfiliação de Azevêdo do PSB foi anunciada no telejornal no dia 04 de dezembro de 2019, mesmo dia em que foi deflagrada a 6ª fase da Operação Xeque-Mate, em Cabedelo. Esses fatos, obviamente, não tinham ligação entre si, mas movimentaram aquela edição do telejornal. Foram 14 minutos e 34 segundos dedicados à coluna de política.

Na ocasião, o telejornal mostrou a carta divulgada por João Azevêdo, documento no qual ele expôs divergências com seu antecessor. Também houve espaço para nota do PSB, partido de Ricardo Coutinho. Laerte Cerqueira fez uma análise daquele momento político. “*É a guerra de versões, a velha retórica para justificar atitudes políticas*”, disse.

A pandemia que transformou a cobertura política

Figura 43: Bom Dia Paraíba noticia ocupação de leitos por causa da Covid-19 em 2020



Fonte: GloboPlay

Com cinco blocos de notícia diariamente, o Bom Dia Paraíba tinha antes da pandemia um tempo de produção de cerca de uma hora e 53 minutos, de segunda a sexta. Uma determinação da Rede Globo, no entanto, ‘esticou’ esse tempo e o telejornal passou a contar com duas horas e 20 minutos de produção, em média, a partir da segunda metade de março de 2020. Isto ocorreu em todas as afiliadas do país e o objetivo foi destinar mais tempo à cobertura da pandemia.

A nova realidade mudou as rotinas produtivas do telejornal. O foco das entradas ao vivo, por exemplo, passou a ser a cobertura do coronavírus e desdobramentos causados pela Covid-19. A doença ainda afastou alguns profissionais do estúdio da emissora e fez com que as entrevistas com as fontes passassem a ser realizadas via plataformas *online*. No mês de setembro de 2020, após engravidar, a apresentadora Denise Delmiro foi afastada da apresentação e passou a trabalhar de casa por estar inserida no grupo de risco da pandemia. Ela passou a contribuir com o telejornal remotamente. No estúdio, em seu lugar, ficou o jornalista Pedro Canísio, que passou a interagir com ela, ao vivo.

Atualmente, além de Laerte Cerqueira, que continua normalmente com participações diárias em estúdio, o telejornal conta com outros dois colunistas fixos. Um deles é Thiago Baracuh, que fala sobre direito doméstico, trabalhista e previdenciário, e o outro, a ginecologista e obstetra Wanicleide Leite, que trata sobre a saúde da mulher. Para reduzir a circulação de pessoas no estúdio, os dois participaram do programa fora da sede da emissora, por meio de transmissões ao vivo, entre o fim de março e parte do mês de julho de 2020.

Atuando nos bastidores do telejornal, a jornalista e produtora da TV Cabo Branco, Mirella Vasconcellos, resumiu como a pandemia alterou a produção do telejornal:

- Hoje não existe mais rotina, hoje tentamos ao máximo colocar informações e pessoas capacitadas para falar sobre o assunto levando em consideração que não podemos expor nossa equipe. Então, temos inovado é colocado cada vez mais entrevistas via internet, o que antes dificilmente acontecia.

Segundo Laerte Cerqueira, essas mudanças chegaram a alterar também as informações sobre a política, que a partir de então eram focadas nas ações administrativas relacionadas ao tema. A missão do comentarista foi traduzir essas decisões para o público. Uma das medidas que mais impactaram a vida da população foi o isolamento social e as limitações econômicas.

- *Havia um fluxo maior de informações, e eram informações de políticas, porque eram essas decisões que regiam o comportamento social. Então, decretos governamentais, decretos do governo do estado e decretos dos municípios. Então, a grande tarefa nesse momento era traduzir as decisões políticas, traduzir o que essas decisões provocariam na vida das pessoas. O que essas decisões vão provocar, porque a linguagem dos decretos é muito ruim. Outra coisa importante, a gente precisava questionar de maneira assertiva e consistente os gestores para que eles explicassem o que significavam as medidas, porque muitos deles não tinham nem noção do que estavam fazendo ou estavam fazendo a reboque do que outros governos estavam fazendo. Então, esse papel de mediação, de curadoria, era o que a gente estava fazendo,* argumentou Laerte Cerqueira.

Figura 44: Governador João Azevêdo concede entrevista ao BDPB em 29 de maio de 2020



Fonte: Globoplay⁵⁹

No telejornal foram realizadas entrevistas com autoridades públicas, entre elas, o governador do estado, João Azevêdo (Cidadania), o prefeito de João Pessoa, Luciano Cartaxo (PV) e, com frequência, os secretários de Saúde do governo do estado, Geraldo Medeiros, e da prefeitura municipal de João Pessoa, Adalberto Fulgêncio. Segundo Laerte Cerqueira, a pandemia provocou o estreitamento entre autoridades públicas e jornalistas, quebrando inclusive distanciamentos ideológicos desses agentes públicos em relação à imprensa:

- *Havia um conflito de decisões entre entes, governo federal, governo estadual e governo municipal, e cabia à gente da área política tentar interpretar isso, questionar os gestores, pois a gente tem mais o contato do prefeito, do governador, do secretário de*

⁵⁹ Laerte Cerqueira entrevista o Governador da Paraíba sobre o novo decreto. Disponível em: <<https://globoplay.globo.com/v/8588633/programa/>>. Acesso em: 15 out. 2020.

comunicação, então esse contato direto às vezes facilitava a interpretação de algumas decisões. Então eu acho que acabou sendo mais intenso, e por outra mão, esses gestores precisavam muito da informação da gente, então houve uma espécie de estreitamento de relações e se diluiu aí qualquer conflito ideológico e empresarial. Uma coisa é o secretário dizer e outra coisa é você ter ali o prefeito dizendo, alguém questionando e ele tendo que ter o domínio do fato para justificar a tomada de decisão.

Covid-19: a morte de Wilson Braga

Em 18 de maio de 2020, ainda antes da campanha eleitoral, o Bom Dia Paraíba mostrou que o coronavírus tirou a vida do ex-governador da Paraíba, Wilson Leite Braga. Foram dedicados 11 minutos e 10 segundos para noticiar, ao vivo, o enterro do político, que faleceu no dia anterior. Wilson Braga morreu aos 88 anos, nove dias após a morte de sua esposa, a ex-deputada Lúcia Braga, que também foi acometida pela Covid-19. Eles eram conhecidos pela popularidade que adquiriram entre as camadas mais pobres, mas foram sepultados sem o calor humano que receberam durante a vida pública.

Figura 45: Plínio Almeida noticia a morte e velório de Wilson Braga



Fonte: Globoplay⁶⁰

⁶⁰ Familiares fazem últimas homenagens ao ex-governador Wilson Braga. Disponível em: <<https://globoplay.globo.com/v/8560645/programa/>>. Acesso em: 12 dez 2020.

Foi o repórter Plínio Almeida o responsável por testemunhar o sepultamento:

- Em menos de meia hora, uma situação atípica. Um ex-governador, com toda a história política de Wilson Braga, não vai ter um velório, com público, eleitores, apoiadores, políticos rendendo uma homenagem mais longa em um grande ginásio ou até mesmo no Palácio da Redenção. Agora, por causa de uma pandemia, a pandemia do novo coronavírus, familiares e apoiadores são obrigados a se restringirem a uma cerimônia como essa, com poucas pessoas. Lúcia Braga, a esposa de Wilson Braga, foi cremada no dia da morte, e trazida para este cemitério. O túmulo de Wilson Braga fica ao lado do túmulo de Lúcia Braga, para que a família possa vir fazer uma homenagem depois de tudo isso, narrou.

Figura 46: Laerte Cerqueira fala sobre aglomerações nas eleições de 2020



Fonte: GloboPlay

Com a chegada do período das eleições municipais de 2020, além do coronavírus, dois temas passaram a dividir o noticiário político do telejornal: o calendário eleitoral e as decisões partidárias sobre os candidatos ao pleito.

Durante as convenções partidárias, o telejornal mostrou que, apesar da pandemia e de todos os fatos negativos em decorrência do novo coronavírus, em alguns eventos, realizados em cidades paraibanas, os partidos não respeitaram o isolamento social e o Ministério Público da Paraíba teve que tomar medidas enérgicas para tentar garantir a manutenção da segurança das pessoas. Esse foi um tema recorrente das abordagens de Laerte Cerqueira, que inclusive fez comentários e uma reportagem, mostrando como as coligações não respeitaram as orientações da Justiça Eleitoral no tocante à pandemia, sobretudo no interior do estado.

As eleições 2020 e a pandemia

A cobertura das eleições no Bom Dia Paraíba foi marcada ao longo dos anos por entrevistas em estúdio com os candidatos aos cargos do poder executivo. A característica principal dessas entrevistas era o tempo cronometrado e as perguntas sobre temas cruciais e nem sempre agradáveis para os postulantes aos cargos.

Por causa da pandemia, no entanto, isso mudou nas eleições em 2020. De acordo com comunicado interno divulgado pela direção de Jornalismo da Rede Globo, endereçada para suas afiliadas, a empresa decidiu recomendar a não realização de entrevistas em estúdio com os candidatos. O objetivo seria proteger a saúde dos colaboradores da empresa e também dos candidatos. No mesmo comunicado, a emissora excluiu os debates eleitorais no primeiro turno, mantendo-os apenas no segundo turno, onde eles ocorressem. A emissora citou o elevado número de candidatos a prefeito em quase todas as cidades para justificar a decisão. Em João Pessoa, eram 14 postulantes nas eleições de 2020.

- A característica dessas entrevistas é terem tempos iguais para todos e mesmo grau de dificuldade. São feitas em muitos dias consecutivos, com os candidatos sentados próximos dos entrevistadores e dos câmeras [cinegrafistas]. E os candidatos comparecem a elas com assessores. É impossível conhecer o nível de exposição de candidatos ao vírus durante uma campanha, justificou Laerte Cerqueira.

Figura 47: Juiz Adhailton Lacet explica decisão que proíbe aglomerações em eventos políticos da capital



Fonte: GloboPlay⁶¹

⁶¹ Confira as principais notícias da política na Paraíba. Disponível em: <<https://globoplay.globo.com/v/8903365/programa/>>. Acesso em 12 dez. 2020.

Grande parte da cobertura se voltou para deliberações da Justiça Eleitoral e também para a postura dos candidatos e partidos políticos diante dos desafios impostos pela pandemia da Covid-19. As reportagens e comentários em estúdio versaram sobre temas factuais das eleições, a exemplo de decisões judiciais e agendas dos candidatos, mas também houve espaço para um trabalho pedagógico e informativo. O telejornal informou, por exemplo, quem eram os candidatos de cidades de outras regiões do estado, para além da Capital.

No dia primeiro de outubro de 2020, o telejornal noticiou que por determinação do juiz Adhailton Lacet foram proibidos eventos como passeatas, carreatas e eventos com grandes aglomerações em João Pessoa durante 15 dias. A decisão foi tomada em comum acordo entre partidos, coligações, Ministério Público e Justiça Eleitoral e acabou sendo estendida para todo resto da campanha, apesar de na prática não ter sido observada por todos os (as) candidatos (as).

- Esses movimentos são muito bonitos em ano eleitoral, são democráticos, são muito bonitos, acontece que vivemos em um ano atípico e isso exige atitudes atípicas, então é preciso ter bom senso e analisar. Não creio, pela experiência que a gente viu nas convenções, que recomendar vai funcionar. Ou proíbe ou, de fato, se deixar solto vai ter aglomeração, festa e contágio, comentou Laerte Cerqueira. E foi o que de fato ocorreu no pleito.

Apesar de ter um agendamento estadual, já que é transmitido para toda a Paraíba, o noticiário da capital acabou protagonizando a cobertura, inclusive pela quantidade de postulantes e pelas polêmicas envolvendo alguns nomes que se colocaram à disposição dos eleitores.

Candidataram-se ao cargo de prefeito em João Pessoa: Anísio Maia (PT), Camilo Duarte (PCO), Carlo Monteiro (REDE), Cícero Lucena (Progressistas), Edilma Freire (PV), João Almeida (Solidariedade), Nilvan Ferreira (MBD), Pablo Honorato (PSOL), Rafael Freire (UP), Rama Dantas (PSTU), Raoni Mendes (DEM), Ricardo Coutinho (PSB), Ruy Carneiro (PSDB) e Wallber Virgolino (Patriota).

No dia 08 de outubro de 2020, o telejornal noticiou a desistência do candidato do PSOL, que foi substituído posteriormente por Ítalo Guedes na disputa. A Cobertura abordou a carta divulgada pelo candidato, que alegou questões pessoais para deixar o pleito. Durante

toda a campanha, o tema pandemia e eleições foi recorrente, já que os partidos desrespeitaram protocolos estabelecidos pela Secretaria de Saúde (SES) paraibana.

No dia 05 de novembro de 2020, o telejornal mostrou que a campanha, em muitos municípios, era um ‘carnaval fora de época’. Neste dia, um dos entrevistados foi o vice-presidente do TRE e corregedor eleitoral, Joás de Brito Pereira, que deu a seguinte explicação:

- Os juízes têm autonomia para definir o que deve permitir de propaganda. A Corte já se posicionou muito claramente para evitar essas aglomerações, mas cada município, cada zona tem uma situação de bandeira [epidemiológica] que deve ser observada. É muito preocupante, eu clamo desde o início pela responsabilidade dos partidos e dos candidatos para que prezem pelos seus eleitores.

Primeiro turno: a vitória centro-direita

Figura 48: Laerte Cerqueira traduz o resultado do primeiro turno na TV Cabo Branco



Fonte: Globoplay⁶²

Em 16 de novembro de 2020, um dia após o resultado do primeiro turno, o Bom Dia Paraíba destacou que a primeira etapa do pleito foi marcada por uma lentidão nos sistemas do Tribunal Superior Eleitoral (TSE), atraso na divulgação dos resultados e também pela alta abstenção de eleitores na capital. A cobertura principal foi direcionada para João Pessoa e Campina Grande.

⁶² Veja como foi o domingo de eleições na Paraíba. Disponível em: <<https://globoplay.globo.com/v/9026853/programa/>>. Acesso em: 12 dez. 2020.

Em João Pessoa, candidatos considerados de centro-direita foram para o segundo turno. Cícero Lucena (PP) foi o candidato mais votado da primeira etapa do pleito, com 20,72% e 75.610 votos. Nilvan Ferreira (MDB) obteve 16,61% da votação e 60.615 votos. Em Campina Grande, segunda maior cidade do estado⁶³, e sede da TV Paraíba, o vencedor foi Bruno Cunha Lima (PSD), também ligado a este espectro político.

Nesta edição, o telejornal dedicou 1 hora e 27 minutos do seu tempo para o resultado das urnas. Além de mostrar a votação de todos os postulantes, também houve espaço para os depoimentos dos vencedores do primeiro turno da disputa. Laerte Cerqueira fez uma avaliação das abstenções em João Pessoa, que foram de 21,28% no primeiro turno, o que corresponde a 111.120 votos, o dobro do que ocorreu em 2016:

- Foi absurdo, a pandemia de fato influenciou nisso, pois havia muito medo da votação, de se contaminar, de pegar o coronavírus, foi uma votação diferente, disse.

Na Câmara de João Pessoa, 13 novos vereadores foram eleitos e 14 reeleitos, uma renovação de 48%. Somente uma mulher foi eleita para o cargo de vereadora, Eliza Virgínia (PP). *- O que é importante, é a renovação. A diminuição de mulheres é ruim, considerou o jornalista.*

Repórteres também entraram ao vivo, durante o programa, fazendo um balanço do pleito, a exemplo de Italo di Lucena, que mostrou o lixo na frente das escolas, com milhares de panfletos de candidatos jogados nas ruas.

- É um desrespeito muito grande, disse.

Figura 49 - Italo di Lucena mostra lixo em rua no Bairro dos Ipês



Fonte: Globoplay⁶⁴

⁶³ Campina Grande tem cerca de 412 mil habitantes de acordo com o IBGE (2020)

⁶⁴ Veja como foi o domingo de eleições na Paraíba. Disponível em: <<https://globoplay.globo.com/v/9026853/programa/>>. Acesso em: 12 dez. 2020.

O telejornal também exibiu reportagens mostrando o atraso na votação, reclamações de eleitores, a falta de acessibilidade nos locais de votação e as aglomerações durante o pleito, fatos que, na prática, contrariaram as regras de distanciamento social e os cuidados relacionados à pandemia do novo coronavírus.

Na mesma edição, o resultado das eleições para Prefeitura de Campina Grande também teve destaque. O prefeito Bruno Cunha Lima conseguiu se eleger ainda no primeiro turno da disputa, ao lado do vice, Lucas Ribeiro (PP). Eles tiveram mais de 111 mil votos e sucederam o atual prefeito, Romero Rodrigues (PSD).

Figura 50: Bruno Cunha Lima fala após vitória em Campina Grande



Fonte: Globoplay⁶⁵

Laerte Cerqueira destacou que a abstenção foi de 17,46% em Campina Grande, quase o dobro em relação a 2016. O telejornal ainda reservou espaço para reportagem com um balanço sobre a votação na cidade. O programa mostrou também que 12 novos vereadores foram eleitos e 11 reeleitos em Campina Grande, o que resulta numa renovação de 52,17% no legislativo. Na cidade, sete mulheres foram eleitas para o cargo, seis a mais do que em 2016. Além de mostrar o resultado nas duas maiores cidades, o telejornal fez um panorama de como

⁶⁵ Veja como foi o domingo de eleições na Paraíba. Disponível em: <<https://globoplay.globo.com/v/9026853/programa/>>. Acesso em: 12 dez. 2020.

ocorreram as eleições em outros municípios do estado, a exemplo de Bayeux, Santa Rita e Cabedelo.

Segundo turno: Cícero Lucena volta a ser prefeito da Capital

Figura 51: Cícero Lucena é entrevistado pelo Bom Dia Paraíba



Fonte: Globoplay⁶⁶

O segundo turno em João Pessoa ocorreu com relativa tranquilidade. Com apenas dois candidatos, a campanha de rua foi ainda mais tímida, com protocolos de segurança contra o novo coronavírus ainda em vigor.

O telejornal acompanhou diariamente a agenda dos candidatos, ressaltando também a preparação para o dia 29 de outubro, dia da votação, entrevistando membros do TRE e as forças de segurança do estado. No dia da votação, Cícero Lucena sagrou-se vencedor da disputa, obtendo 185.055 votos (53,16% dos votos válidos). O candidato do MDB Nilvan Ferreira ficou com 163.030 votos (46,84%). Mais uma vez, o número de abstenções surpreendeu: foram 121.917 eleitores que deixaram de votar, 15.164 votos em branco e 37.103 votos nulos.

Um dia após a votação, cerca de 58 minutos do telejornal (41% do tempo de produção) foram dedicados para traduzir os resultados do segundo turno, em João Pessoa. O telejornal trouxe uma biografia de Cícero Lucena e um resumo do que ocorreu no dia anterior, após o resultado das urnas. Na reportagem sobre o novo gestor, o telejornal destacou o perfil de

⁶⁶ Cícero Lucena é eleito prefeito de João Pessoa e assume terceiro mandato. Disponível em: <<https://globoplay.globo.com/v/9062583/programa/>>. Acesso em 12 dez. 2020.

empresário do novo prefeito, informando que ele ingressou na política na década de 1990, e que já exerceu os cargos de governador, prefeito da capital e senador. A reportagem citou a derrota dele na tentativa de voltar à cadeira de prefeito em 2012. O comentarista mencionou a prisão de Lucena no âmbito da Operação Confraria⁶⁷ e citou decisões judiciais que o inocentaram de parte das acusações.

Figura 52: João Azevêdo (Cidadania) é entrevistado pelo BDPB



Fonte: Globoplay⁶⁷

O governador João Azevêdo (Cidadania), um dos principais apoiadores do novo prefeito, teve espaço no telejornal. Ele enfatizou a necessidade de parcerias entre a prefeitura e o governo do Estado.

- Depois de 20 anos teremos essa realidade e fico feliz com isso, saber que temos um prefeito que tem compromisso, respeito, história, experiência e a possibilidade real de fazemos uma parceria efetiva”, destacou.

No dia primeiro de dezembro de 2020, o programa ouviu o novo prefeito de João Pessoa, desta vez, ao vivo, no estúdio, sobre as prioridades a partir do resultado das urnas. A entrevista teve duração de 15 minutos e 40 segundos. O prefeito eleito e o jornalista Laerte Cerqueira estavam sem máscaras, mas mantendo as regras de distanciamento social, com as cadeiras posicionadas distantes uma da outra.

⁶⁷ Cícero Lucena é eleito prefeito de João Pessoa e assume terceiro mandato. Disponível em: <<https://globoplay.globo.com/v/9062583/programa/>>. Acesso em 12 dez. 2020.

Pandemia impacta políticos após eleições

A pandemia do novo coronavírus deixou um reflexo significativo na saúde de candidatos e políticos, que foram infectados pelo novo coronavírus, principalmente por causa das aglomerações causadas durante a campanha eleitoral.

Ainda no dia 29 de novembro de 2020, dia do segundo turno, o senador José Maranhão (MDB), de 87 anos, apoiador do candidato Nilvan Ferreira, precisou ser internado, após apresentar sintomas como tosse e febre. Ele foi diagnosticado com coronavírus. No telejornal do dia seguinte, o jornalista Laerte Cerqueira relatou a seguinte situação:

Figura 56: Senador Maranhão é internado com Covid-19



Fonte: Globoplay⁶⁸

- Segundo nota da assessoria, ele passou o dia bem, no final da tarde apresentou sintomas leves, com tosse persistente, e estado febril. No início da noite, foi levado para um hospital particular em João Pessoa para fazer testagem. O resultado saiu às 8 e 40 da noite, e ontem a assessoria informou que ele estava bem, e disse que ele ficaria hospitalizado por precaução. O parlamentar participou ativamente da campanha eleitoral deste ano. A gente inclusive viu imagens de Maranhão na campanha, ativamente, mesmo com idade, 'tava' na rua, obviamente tentando se proteger, mas foi diagnosticado com Covid e está no hospital, informou Laerte.

⁶⁸ Nilvan Ferreira perde eleição e deixa futuro político em aberto. Disponível em: <<https://globoplay.globo.com/v/9062565/programa/?s=0s>> Acesso em 13 dez. 2020.

O senador morreu em 8 de fevereiro de 2021, vítima das sequelas da Covid-19. Já no dia 02 de dezembro de 2020, o senador Ney Suassuna (Republicanos), suplente de Veneziano Vital do Rêgo (PSB), também testou positivo para coronavírus. Ele não participou de campanha de forma efetiva, mas foi contaminado pela doença, sem gravidade.

Figura 57: Ney Suassuna testa positivo para Covid-19



Fonte: Globoplay⁶⁹

- Ele não precisou ser internado, está em casa no Rio de Janeiro e passa bem. Segundo a assessoria, o senador cumpre repouso absoluto, com observação da equipe médica. Ney Suassuna, a gente tem que lembrar, é suplente de Veneziano Vital (PSB), que se licenciou para participar da campanha da mulher, Ana Cláudia (Podemos), que foi candidata à Prefeitura de Campina Grande, explicou Laerte Cerqueira.

Uma pandemia de desafios

A cobertura das eleições em um ano completamente atípico de pandemia terminou, portanto, com o telejornal dividido entre as notícias sobre candidatos eleitos, as perspectivas para as futuras administrações e os efeitos do novo coronavírus na sociedade. Houve uma exaustiva cobertura, de modo que as novas rotinas produtivas desafiaram os jornalistas e os atores políticos. A sociedade viu-se mergulhada em um mar de informações sobre política e

⁶⁹ Informação veiculada dentro da coluna de política. Disponível em: <<https://globoplay.globo.com/v/9068783/programa/?s=0s>>. Acesso em 13 dez. 2020.

saúde pública, de modo que o jornalismo interpretativo fez a diferença no sentido de desvelar aos paraibanos as informações necessárias e mais importantes para esse período desafiador.

34 ANOS DE EXISTÊNCIA: UMA TESTEMUNHA DA DEMOCRACIA

O Bom Dia Paraíba surgiu no contexto da redemocratização do Brasil e completou 34 anos de existência no ano de 2021. Durante mais de três décadas, acompanhou e mostrou todos os períodos de estabilidade, de crise e os mais importantes episódios políticos na Paraíba e no Brasil.

Foram entrevistas que se tornaram ‘o fato’, coberturas que testemunharam, em reportagens televisivas, a história local e episódios que moldaram a sociedade paraibana. Como exemplos, os rompimentos que dividiram o estado, as mortes de personalidades estaduais, o surgimento de novas lideranças ou a revelação dos esquemas de corrupção que abalaram a sociedade, como vimos neste livro-reportagem.

O Bom Dia Paraíba, em maior ou menor intensidade, a depender da época, sempre teve a política em sua grade de programação, acompanhando o gosto peculiar do paraibano pelo envolvimento com as notícias dos três poderes.

O telejornal que começou com entrevistas e num modelo ainda bastante artesanal de se fazer jornalismo na TV, ganhou novos formatos, cenários e tecnologias de última geração, mas o noticiário político se manteve firme, sob as mãos de muitos profissionais.

Destacaram-se nesse período os pioneiros Nonato Guedes, Otinaldo Lourenço, Chico Maria e depois Gisa Veiga, que comandaram grandes entrevistas, passando por Paulo Santos, Giovanni Meireles e Arimatéa Souza, que estiveram à frente da fase do colonismo político. Não menos importante é o período atual, de Laerte Cerqueira, de interpretação dos fatos. Cada um, em seu tempo, contribuiu com essa história.

Nem mesmo a pandemia do novo coronavírus impediu que a política, um ingrediente indispensável no café da manhã dos paraibanos, deixasse de ser pauta do telejornal. Pelo contrário, ela foi impulsionada a solucionar problemas. A demanda, obviamente, vem da audiência de um estado historicamente marcado pelo acirramento político e ideológico.

De fato, essa é uma característica que chama a atenção: a presença diária e peculiar, no estúdio, de um jornalista especializado em política, algo que não é comum nas outras emissoras próprias ou afiliadas à Rede Globo.

Houve uma época em que os assuntos do mundo partidário eram resumidos ao ‘Minuto da Política’, com um rápido comentário, mas que de tão importante não deixava de ser aguardado pelo público. Por outro lado, atualmente, já não há limitações de tempo, de modo que a coluna de política se estende até mesmo por todo o telejornal.

O processo de pesquisa e a produção deste livro-reportagem, diante dos relatos dos jornalistas que contribuíram com o trabalho, nos trouxe ainda mais o sentimento de que a cobertura política não é só testemunha dos fatos, mas é parte integrante daquilo que está sendo contado nos jornais, no rádio ou na TV e repercutido nas redes sociais.

Os jornalistas são atores políticos, mas com essência distinta daqueles que ocupam cargos públicos, pois trabalham pelo interesse comum através da notícia e da interpretação dos fatos. Trazem à luz o que está, muitas vezes, encoberto.

Esperamos que o presente trabalho tenha contribuído para a preservação da memória do Bom Dia Paraíba e do jornalismo televisivo paraibano, ressaltando a importância do contexto regional, e sobretudo, auxiliando na preservação da história e da política locais.

APÊNDICE C



UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA
CENTRO DE COMUNICAÇÃO, TURISMO E ARTES
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM JORNALISMO

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Prezado(a) senhor(a),

Esta pesquisa é sobre a a história da cobertura política no telejornal Bom Dia Paraíba, da TV Cabo Branco e está sendo desenvolvida pelo pesquisador Felipe da Silva Nunes, aluno do Programa de Pós-Graduação em Jornalismo (PPJ), em nível de Mestrado, da Universidade Federal da Paraíba (UFPB), sob orientação da professora Fabiana Siqueira.

O objetivo do estudo é elaborar, a partir de entrevistas e pesquisa documental, um produto jornalístico no formato de grande-reportagem, sobre a história da cobertura política no Bom Dia Paraíba desde que esse telejornal foi criado, há cerca de 30 anos. A partir de um resgate dos principais fatos do período mencionado, será construída a reportagem, que utiliza o rigor jornalístico na produção, captação e edição das informações, permitindo construir uma narrativa que alcance os objetivos estabelecidos para este trabalho.

A intenção desta pesquisa é contribuir para a memória do jornalismo político em âmbito local, a partir dos relatos dos jornalistas que estiveram diretamente envolvidos com a cobertura jornalística em questão. Entendemos que ter sua contribuição é de fundamental importância para a realização do presente trabalho.

Exatamente por isso, solicitamos a sua permissão para que, nesta entrevista, seja utilizado um gravador de áudio a fim de capturar o áudio da nossa conversa. Além disso, solicitamos também a permissão para apresentar os resultados deste estudo em eventos da área e para publicar o produto final.

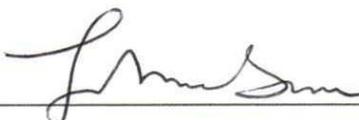
A manuscrita assinatura localizada no canto inferior direito da página.

Todos os participantes do estudo serão informados sobre os procedimentos para a realização da pesquisa e sobre os aspectos éticos. Esclarecemos ainda que a participação é voluntária e, portanto, não é obrigatório o fornecimento das informações e/ou a colaboração com as atividades solicitadas pela pesquisador. Caso decida não participar do estudo, ou resolva, a qualquer momento, desistir dele, não haverá nenhum dano.

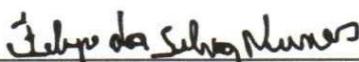
O pesquisador estará à sua disposição para qualquer esclarecimento que considere necessário, em qualquer etapa da pesquisa.

Diante do exposto, declaro que fui devidamente esclarecido(a) e dou o meu consentimento para realização dos procedimentos da pesquisa e para publicação dos resultados. Estou ciente de que receberei uma cópia deste documento.

Campina Grande, 15/12/20



Arimatéa Souza



Felipe da Silva Nunes

Contatos do pesquisador responsável:

Felipe da Silva Nunes

Telefone: (83) 98640-0811 /

E-mail: felipenunes.pb@globomail.com



UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA
CENTRO DE COMUNICAÇÃO, TURISMO E ARTES
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM JORNALISMO

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Prezado(a) senhor(a),

Esta pesquisa é sobre a história da cobertura política no telejornal Bom Dia Paraíba, da TV Cabo Branco e está sendo desenvolvida pelo pesquisador Felipe da Silva Nunes, aluno do Programa de Pós-Graduação em Jornalismo (PPJ), em nível de Mestrado, da Universidade Federal da Paraíba (UFPB), sob orientação da professora Fabiana Siqueira.

O objetivo do estudo é elaborar, a partir de entrevistas e pesquisa documental, um produto jornalístico no formato de grande-reportagem, sobre a história da cobertura política no Bom Dia Paraíba desde que esse telejornal foi criado, há cerca de 30 anos. A partir de um resgate dos principais fatos do período mencionado, será construída a reportagem, que utiliza o rigor jornalístico na produção, captação e edição das informações, permitindo construir uma narrativa que alcance os objetivos estabelecidos para este trabalho.

A intenção desta pesquisa é contribuir para a memória do jornalismo político em âmbito local, a partir dos relatos dos jornalistas que estiveram diretamente envolvidos com a cobertura jornalística em questão. Entendemos que ter sua contribuição é de fundamental importância para a realização do presente trabalho.

Exatamente por isso, solicitamos a sua permissão para que, nesta entrevista, seja utilizado um gravador de áudio a fim de capturar o áudio da nossa conversa. Além disso, solicitamos também a permissão para apresentar os resultados deste estudo em eventos da área e para publicar o produto final.

Todos os participantes do estudo serão informados sobre os procedimentos para a realização da pesquisa e sobre os aspectos éticos. Esclarecemos ainda que a participação é voluntária e, portanto, não é obrigatório o fornecimento das informações e/ou a colaboração com as atividades solicitadas pela pesquisador. Caso decida não participar do estudo, ou resolva, a qualquer momento, desistir dele, não haverá nenhum dano.

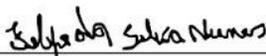
O pesquisador estará à sua disposição para qualquer esclarecimento que considere necessário, em qualquer etapa da pesquisa.

Diante do exposto, declaro que fui devidamente esclarecido(a) e dou o meu consentimento para realização dos procedimentos da pesquisa e para publicação dos resultados. Estou ciente de que receberei uma cópia deste documento.

João Pessoa, _____ / _____ / _____



Gisa Veiga



Felipe da Silva Nunes

Contatos do pesquisador responsável:

Felipe da Silva Nunes

Telefone: (83) 98640-0811 /

E-mail: felipenunes.pb@globomail.com



UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA
CENTRO DE COMUNICAÇÃO, TURISMO E ARTES
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM JORNALISMO

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Prezado(a) senhor(a),

Esta pesquisa é sobre a história da cobertura política no telejornal Bom Dia Paraíba, da TV Cabo Branco e está sendo desenvolvida pelo pesquisador Felipe da Silva Nunes, aluno do Programa de Pós-Graduação em Jornalismo (PPJ), em nível de Mestrado, da Universidade Federal da Paraíba (UFPB), sob orientação da professora Fabiana Siqueira.

O objetivo do estudo é elaborar, a partir de entrevistas e pesquisa documental, um produto jornalístico no formato de grande-reportagem, sobre a história da cobertura política no Bom Dia Paraíba desde que esse telejornal foi criado, há cerca de 30 anos. A partir de um resgate dos principais fatos do período mencionado, será construída a reportagem, que utiliza o rigor jornalístico na produção, captação e edição das informações, permitindo construir uma narrativa que alcance os objetivos estabelecidos para este trabalho.

A intenção desta pesquisa é contribuir para a memória do jornalismo político em âmbito local, a partir dos relatos dos jornalistas que estiveram diretamente envolvidos com a cobertura jornalística em questão. Entendemos que ter sua contribuição é de fundamental importância para a realização do presente trabalho.

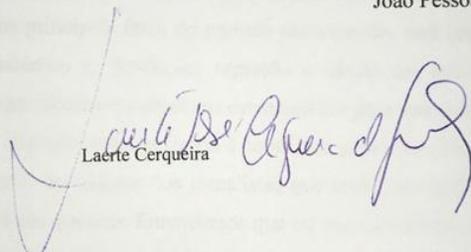
Exatamente por isso, solicitamos a sua permissão para que, nesta entrevista, seja utilizado um gravador de áudio a fim de capturar o áudio da nossa conversa. Além disso, solicitamos também a permissão para apresentar os resultados deste estudo em eventos da área e para publicar o produto final.

Todos os participantes do estudo serão informados sobre os procedimentos para a realização da pesquisa e sobre os aspectos éticos. Esclarecemos ainda que a participação é voluntária e, portanto, não é obrigatório o fornecimento das informações e/ou a colaboração com as atividades solicitadas pela pesquisador. Caso decida não participar do estudo, ou resolva, a qualquer momento, desistir dele, não haverá nenhum dano.

O pesquisador estará à sua disposição para qualquer esclarecimento que considere necessário, em qualquer etapa da pesquisa.

Diante do exposto, declaro que fui devidamente esclarecido(a) e dou o meu consentimento para realização dos procedimentos da pesquisa e para publicação dos resultados. Estou ciente de que receberei uma cópia deste documento.

João Pessoa, 01 / 09 / 2020


Laerte Cerqueira

Felipe da Silva Nunes

Contatos do pesquisador responsável:

Felipe da Silva Nunes

Telefone: (83) 98640-0811 /

E-mail: felipenunes.pb@globomail.com



UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA
CENTRO DE COMUNICAÇÃO, TURISMO E ARTES
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM JORNALISMO

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Prezado(a) senhor(a),

Esta pesquisa é sobre a história da cobertura política no telejornal Bom Dia Paraíba, da TV Cabo Branco, e está sendo desenvolvida pelo pesquisador Felipe da Silva Nunes, aluno do Programa de Pós-Graduação em Jornalismo (PPJ), em nível de Mestrado, da Universidade Federal da Paraíba (UFPB), sob orientação da professora Fabiana Siqueira.

O objetivo do estudo é elaborar, a partir de entrevistas e pesquisa documental, um produto jornalístico no formato de grande-reportagem, sobre a história da cobertura política no Bom Dia Paraíba desde que esse telejornal foi criado, há cerca de 30 anos. A partir de um resgate dos principais fatos do período mencionado, será construída a reportagem, que utiliza o rigor jornalístico na produção, captação e edição das informações, permitindo construir uma narrativa que alcance os objetivos estabelecidos para este trabalho.

A intenção desta pesquisa é contribuir para a memória do jornalismo político em âmbito local, a partir dos relatos dos jornalistas que estiveram diretamente envolvidos com a cobertura jornalística em questão. Entendemos que ter sua contribuição é de fundamental importância para a realização do presente trabalho.

Exatamente por isso, solicitamos a sua permissão para que, nesta entrevista, seja utilizado um gravador de áudio e uma câmera para registrar algumas imagens. Além disso, solicitamos também a permissão para apresentar os resultados deste estudo em eventos da área e para publicar o produto final.

Todos os participantes do estudo serão informados sobre os procedimentos para a realização da pesquisa e sobre os aspectos éticos. Esclarecemos ainda que a participação é voluntária e, portanto, não é obrigatório o fornecimento das informações e/ou a colaboração com as atividades solicitadas pela pesquisador. Caso decida não participar do estudo, ou resolva, a qualquer momento, desistir dele, não haverá nenhum dano.

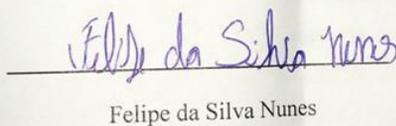
O pesquisador estará à sua disposição para qualquer esclarecimento que considere necessário, em qualquer etapa da pesquisa.

Diante do exposto, declaro que fui devidamente esclarecido(a) e dou o meu consentimento para realização dos procedimentos da pesquisa e para publicação dos resultados. Estou ciente de que receberei uma cópia deste documento.



Giovanni Meirelles

João Pessoa-PB, 15/05/2020



Felipe da Silva Nunes

Contatos do pesquisador responsável:

Felipe da Silva Nunes

Telefone: (83) 98640-0811 /

E-mail: felipenunes.pb@globomail.com



UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA
CENTRO DE COMUNICAÇÃO, TURISMO E ARTES
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM JORNALISMO

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Prezado(a) senhor(a),

Esta pesquisa é sobre a história da cobertura política no telejornal Bom Dia Paraíba, da TV Cabo Branco, e está sendo desenvolvida pelo pesquisador Felipe da Silva Nunes, aluno do Programa de Pós-Graduação em Jornalismo (PPJ), em nível de Mestrado, da Universidade Federal da Paraíba (UFPB), sob orientação da professora Fabiana Siqueira.

O objetivo do estudo é elaborar, a partir de entrevistas e pesquisa documental, um produto jornalístico no formato de grande-reportagem, sobre a história da cobertura política no Bom Dia Paraíba desde que esse telejornal foi criado, há cerca de 30 anos. A partir de um resgate dos principais fatos do período mencionado, será construída a reportagem, que utiliza o rigor jornalístico na produção, captação e edição das informações, permitindo construir uma narrativa que alcance os objetivos estabelecidos para este trabalho.

A intenção desta pesquisa é contribuir para a memória do jornalismo político em âmbito local, a partir dos relatos dos jornalistas que estiveram diretamente envolvidos com a cobertura jornalística em questão. Entendemos que ter sua contribuição é de fundamental importância para a realização do presente trabalho.

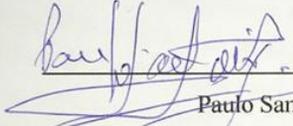
Exatamente por isso, solicitamos a sua permissão para que, nesta entrevista, seja utilizado um gravador de áudio e uma câmera para registrar algumas imagens. Além disso, solicitamos também a permissão para apresentar os resultados deste estudo em eventos da área e para publicar o produto final.

Todos os participantes do estudo serão informados sobre os procedimentos para a realização da pesquisa e sobre os aspectos éticos. Esclarecemos ainda que a participação é voluntária e, portanto, não é obrigatório o fornecimento das informações e/ou a colaboração com as atividades solicitadas pela pesquisador. Caso decida não participar do estudo, ou resolva, a qualquer momento, desistir dele, não haverá nenhum dano.

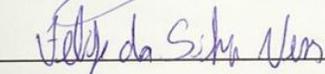
O pesquisador estará à sua disposição para qualquer esclarecimento que considere necessário, em qualquer etapa da pesquisa.

Diante do exposto, declaro que fui devidamente esclarecido(a) e dou o meu consentimento para realização dos procedimentos da pesquisa e para publicação dos resultados. Estou ciente de que receberei uma cópia deste documento.

Campina Grande-PB, 16/04/2020



Paulo Santos



Felipe da Silva Nunes

Contatos do pesquisador responsável:

Felipe da Silva Nunes

Telefone: (83) 98640-0811 /

E-mail: felipenunes.pb@globomail.com



UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA
CENTRO DE COMUNICAÇÃO, TURISMO E ARTES
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM JORNALISMO

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Prezado(a) senhor(a),

Esta pesquisa é sobre a história da cobertura política no telejornal Bom Dia Paraíba, da TV Cabo Branco, e está sendo desenvolvida pelo pesquisador Felipe da Silva Nunes, aluno do Programa de Pós-Graduação em Jornalismo (PPJ), em nível de Mestrado, da Universidade Federal da Paraíba (UFPB), sob orientação da professora Fabiana Siqueira.

O objetivo do estudo é elaborar, a partir de entrevistas e pesquisa documental, um produto jornalístico no formato de grande-reportagem, sobre a história da cobertura política no Bom Dia Paraíba desde que esse telejornal foi criado, há cerca de 30 anos. A partir de um resgate dos principais fatos do período mencionado, será construída a reportagem, que utiliza o rigor jornalístico na produção, captação e edição das informações, permitindo construir uma narrativa que alcance os objetivos estabelecidos para este trabalho.

A intenção desta pesquisa é contribuir para a memória do jornalismo político em âmbito local, a partir dos relatos dos jornalistas que estiveram diretamente envolvidos com a cobertura jornalística em questão. Entendemos que ter sua contribuição é de fundamental importância para a realização do presente trabalho.

Exatamente por isso, solicitamos a sua permissão para que, nesta entrevista, seja utilizado um gravador de áudio e uma câmera para registrar algumas imagens. Além disso, solicitamos também a permissão para apresentar os resultados deste estudo em eventos da área e para publicar o produto final.

Todos os participantes do estudo serão informados sobre os procedimentos para a realização da pesquisa e sobre os aspectos éticos. Esclarecemos ainda que a participação é voluntária e, portanto, não é obrigatório o fornecimento das informações e/ou a colaboração com as atividades solicitadas pela pesquisador. Caso decida não participar do estudo, ou resolva, a qualquer momento, desistir dele, não haverá nenhum dano.

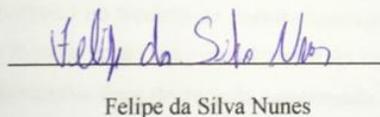
O pesquisador estará à sua disposição para qualquer esclarecimento que considere necessário, em qualquer etapa da pesquisa.

Diante do exposto, declaro que fui devidamente esclarecido(a) e dou o meu consentimento para realização dos procedimentos da pesquisa e para publicação dos resultados. Estou ciente de que receberei uma cópia deste documento.

Campina Grande-PB, 16/04/2020



Chico Maria



Felipe da Silva Nunes

Contatos do pesquisador responsável:

Felipe da Silva Nunes

Telefone: (83) 98640-0811 /

E-mail: felipenunes.pb@globomail.com



UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA
CENTRO DE COMUNICAÇÃO, TURISMO E ARTES
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM JORNALISMO

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Prezado(a) senhor(a),

Esta pesquisa é sobre a história da cobertura política no telejornal Bom Dia Paraíba, da TV Cabo Branco e está sendo desenvolvida pelo pesquisador Felipe da Silva Nunes, aluno do Programa de Pós-Graduação em Jornalismo (PPJ), em nível de Mestrado, da Universidade Federal da Paraíba (UFPB), sob orientação da professora Fabiana Siqueira.

O objetivo do estudo é elaborar, a partir de entrevistas e pesquisa documental, um produto jornalístico no formato de grande-reportagem, sobre a história da cobertura política no Bom Dia Paraíba desde que esse telejornal foi criado, há cerca de 30 anos. A partir de um resgate dos principais fatos do período mencionado, será construída a reportagem, que utiliza o rigor jornalístico na produção, captação e edição das informações, permitindo construir uma narrativa que alcance os objetivos estabelecidos para este trabalho.

A intenção desta pesquisa é contribuir para a memória do jornalismo político em âmbito local, a partir dos relatos dos jornalistas que estiveram diretamente envolvidos com a cobertura jornalística em questão. Entendemos que ter sua contribuição é de fundamental importância para a realização do presente trabalho.

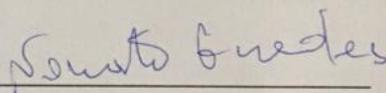
Exatamente por isso, solicitamos a sua permissão para que, nesta entrevista, seja utilizado um gravador de áudio a fim de capturar o áudio da nossa conversa. Além disso, solicitamos também a permissão para apresentar os resultados deste estudo em eventos da área e para publicar o produto final.

Todos os participantes do estudo serão informados sobre os procedimentos para a realização da pesquisa e sobre os aspectos éticos. Esclarecemos ainda que a participação é voluntária e, portanto, não é obrigatório o fornecimento das informações e/ou a colaboração com as atividades solicitadas pela pesquisador. Caso decida não participar do estudo, ou resolva, a qualquer momento, desistir dele, não haverá nenhum dano.

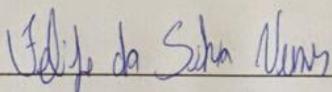
O pesquisador estará à sua disposição para qualquer esclarecimento que considere necessário, em qualquer etapa da pesquisa.

Diante do exposto, declaro que fui devidamente esclarecido(a) e dou o meu consentimento para realização dos procedimentos da pesquisa e para publicação dos resultados. Estou ciente de que receberei uma cópia deste documento.

João Pessoa, 16 / 12 / 2020



Nonato Guedes



Felipe da Silva Nunes

Contatos do pesquisador responsável:

Felipe da Silva Nunes

Telefone: (83) 98640-0811 /

E-mail: felipenunes.pb@globomail.com